NEW YORK TIMES BEST-SELLING AUTHOR OF ***SPEAK***

LAURIE HALSE ANDERSON

wintergirls

Lia e Cassie tem sido melhores amigas desde o ensino fundamental, e cada uma desenvolveu seu próprio transtorno alimentar que as conduz ao desastre. Agora aos 18 anos, elas não são mais amigas. Apesar de suas desavenças, Cassie liga para Lia 33 vezes na noite de sua morte, e Lia nunca atende. Os acontecimentos cansativos, a culpa de Lia, sua necessidade de ser magra, e sua luta por aceitação são narrados em um fluxo quase poético de consciência nesta surpreendentemente nítida e perfeita narrativa em primeira pessoa.

Para Scot – por fornecer o fogo que me mantém aquecida quando a tempestade ruge lá fora.

[Perséfone] estava preenchida por um sentimento de admiração, e estendeu ambas as mãos para pegar o bonito brinquedo. E a terra, cheia de caminhos que nos levam a todas as direções, abriu-se debaixo dela... Ela deu um intenso grito... Mas, nenhum dos imortais, ou mortais humanos, a ouviu.

Hino Homérico a Deméter, traduzido por Gregory Nagy

O Rei deu ordens para que a deixassem dormir tranquilamente até que o tempo viesse despertá-la.

A Bela Adormecida Nos Bosques, de Charles Perrault, 1696, traduzido por Charles Welsh

001.00

Então ela me diz, as palavras escorrendo para fora junto a migalhas de muffin de cranberry, as vírgulas mergulhadas em seu café.

Ela me diz em quatro sentenças. Não, cinco.

Eu não posso deixar-me ouvir isso, mas é tarde demais. Os fatos entram sorrateiramente e me apunhalam. Quando ela chega à pior parte

... corpo encontrado em um quarto de motel, só...

... minhas paredes somem e minhas portas fecham. Concordo com a cabeça como se estivesse ouvindo, como se estivéssemos nos comunicando, e ela nunca sabe a diferença.

Não é legal quando garotas morrem.

002.00

—Nós não queríamos que você soubesse na escola ou pelos jornais,— Jennifer põe o último pedaço de muffin na boca. —Você tem certeza que está bem?

Abro a máquina de lavar louça e encosto-me ao vapor de água que flutua para fora dela. Gostaria de poder rastejar e me enroscar entre uma tigela e um prato. ~~Minha madrasta~~ Jennifer poderia trancar a porta, girar o mostrador para ESCALDAR, e pressionar ON.

O vapor congela quando chega ao meu rosto. —Estou bem,— eu minto.

Ela alcança a caixa de biscoitos de aveia com passas que está na mesa. —Isso deve ser horrível.— Ela puxa a tira da caixa. —Pior que horrível. Você pode me passar uma vasilha limpa?

Eu pego uma bacia de plástico transparente e fecho a porta do armário e a entrego a ela. —Onde está o papai?

—Ele tem uma reunião de posse.

—Quem lhe contou sobre Cassie?

Ela desintegra as bordas dos biscoitos antes de colocá-los na bacia, para fazê-los parecerem que foram assados por ela ao invés de comprados. —Sua mãe ligou noite passada, com as notícias. Ela quer que você visite a Drª. Parker imediatamente, ao invés de esperar a próxima consulta.

—O que você acha?— eu pergunto.

—É uma boa ideia,— diz ela. —Vou ver se podem te encaixar esta tarde.

—Não se incomode,— eu puxo a parte superior da máquina. Os vidros vibram dando pequenos gritos quando eu os toco. Se eu pegá-los, quebrarão. —Não há por que.

Ela pausa quase desmoronando. —Cassie era sua melhor amiga.

—Não mais. Eu verei a Drª. Parker na próxima semana como o planejado.

—Eu acho que a decisão é sua. Prometa-me que vai ligar para sua mãe e conversará com ela sobre isso?

—Prometo.

Jennifer olha para o relógio do microondas e grita: —Emma – quatro minutos!

~~Minha meia irmã~~ Emma não responde. Ela está na sala da família, hipnotizada pela televisão e uma tigela azul de cereal.

Jennifer mordiscou um biscoito. —Eu odeio falar mal dos mortos, mas estou feliz que você não vai poder mais sair com ela.

Eu empurro a parte superior de volta e puxo a parte inferior. —Por quê?

—Cassie era uma encrenca. Ela poderia ter te levado junto com ela.

Eu pego a faca de cortar carne escondida entre as colheres. O cabo preto está quente. Quando eu a solto, a lâmina fatia o ar,

dividindo a cozinha em rodelas. Lá está Jennifer, colocando os biscoitos comprados em uma vasilha de plástico para sua filha levar para a escola. Lá está a cadeira vazia do papai, fingindo que ele não tem escolha sobre aquelas reuniões logo cedo. Lá está à sombra da minha mãe, que prefere o telefone porque o cara-a-cara toma muito tempo e geralmente acaba em gritos.

Aqui está uma garota segurando uma faca. Há gordura sobre o fogão, sangue no ar e palavras raivosas empilhadas nos cantos. Somos treinados para não ver, não ver nada disso.

... corpo encontrado em um quarto de motel, só...

Alguém arrancou as minhas pálpebras.

—Graças a Deus, você é mais forte do que ela era, —Jennifer termina o café e limpa as migalhas dos cantos da boca.

A faca desliza para o bloco açougueiro com um sussurro. —Sim.— Pego um prato, limpo, livre de sangue e cartilagem. Ele pesa quatro quilos e meio.

Ela tira a tampa da caixa de biscoitos. —Eu tenho um compromisso atrasado. Você pode levar Emma para o futebol? O treino começa as cinco.

—Aonde?

—Richland Park, um pouco depois do shopping. Aqui.— Ela me entrega a caneca pesada, uma crescente marca sangrenta de seu batom na borda. Eu a coloco em cima do balcão e guardo os pratos a tempo, os braços tremendo.

Emma entra na cozinha e coloca sua tigela de cereal, quase cheia com leite cor do céu, ao lado da pia.

—Você se lembrou dos biscoitos? — ela pergunta à sua mãe.

Jennifer balança a vasilha de plástico. —Estamos atrasada, querida. Pegue suas coisas.

Emma arrasta-se em direção a sua mochila, os cadarços dos tênis desamarrando-se. Ela ainda deveria estar dormindo, mas a esposa do meu pai, a leva mais cedo para a escola quatro dias por semana para aulas de violino e conversação de francês. Alunos da terceira série não são muito jovens para aprimoramento, você sabe.

Jennifer se levanta. O tecido de sua saia está tão apertado em suas coxas, os bolsos escancaradamente abertos. Ela tenta suavizar as rugas. —Não deixe Emma a convencer a comprar batata frita antes do treino. Se ela ficar com fome, pode pegar uma macadamia.

—Devo ficar por perto e trazê-la para casa?

Ela balança a cabeça. Os Grant o farão. Ela pegou seu casaco das costas da cadeira, coloca os braços na manga e começa a abotoar. —Por que não comeu nenhum muffin? Comprei laranjas ontem, ou você poderia fazer torradas ou waffles congelados.

~~Porque eu não posso deixar-me querê-los~~ porque eu não preciso de um muffin (410)[1], eu não quero uma laranja (75) ou torradas (87), e waffles (180) me fazem vomitar.

Eu aponto para o prato vazio em cima do balcão, ao lado do amontoado de frascos de comprimidos e da caixa de Bluberridazzlepops[2]. —Eu tenho cereal.

---

[1] Obs.: os números entre parênteses significam a quantidade de calorias que determinado alimento possui.

[2] cereal

Seus olhos disparam para o armário onde ela tinha posto meu cardápio. Ele veio com os papeis de licença quando eu me mudei há seis meses. Eu o peguei três meses atrás, no meu aniversário de dezoito anos.

—Isso é muito pouco para se alimentar, — diz ela cuidadosamente.

~~Eu poderia comer a caixa inteira~~ Eu provavelmente não preencherei a tigela. —Meu estômago está indisposto.

Ela abre a boca novamente. Hesitante. Um sopro azedo de café golpeia o ar matinal da cozinha e me atinge. *Não fale – não fale.*

—Acredite, Lia.

Ela falou.

—Esse é o problema. Especialmente agora. Nós não queremos...

Se eu não estivesse tão cansada, eu empuxaria *confiança* e *ligaria* o triturador de lixo e o deixaria ligado o dia todo.

Eu pego uma bacia grande do lava louças e coloco sobre o balcão. —Eu. Estou. Bem. Ok?.

Ela pisca duas vezes e termina de abotoar o casaco. —Ok. Eu entendo. Amarre seu tênis Emma, e vá para o carro. –Emma bocejou.

—Espere. – Eu abaixo e amarro os cadarços de Emma. Nó duplo. Eu olho para cima. — Eu não posso continuar fazendo isso, você sabe. Você já está velha demais.

Ela sorri e beija minha testa. —Sim você pode, boba—. Quando eu me levanto, Jennifer dá dois estranhos passos em minha

direção. Eu espero. Ela é uma pálida, redonda mariposa, empoeirada em fragilidade, vestida para o dia com sua pasta de banqueiro, bolsa, e o controle de arranque da SUV alugada. Ela treme, nervosa.

Eu espero.

Este é o momento em que devemos nos abraçar ou beijar-nos ou fingir que o fazemos.

Ela amarra a faixa na cintura. —Olhe... apenas continue o dia. Ok? Tente não pensar muito em certas coisas.

—Certo.

—Diga tchau à sua irmã, Emma. — Jennifer sugeriu.

—Tchau, Lia.— Emma acena e me dá um pequeno sorriso deslumbrante. —O cereal está muito bom. Você pode comer o resto da caixa se quiser.

◂ 003.00 ▸

Eu ponho muito cereal (150) na tigela, salpico dois por cento de leite (125). O café da manhã é arefeiçãomaisimportantedodia. O café da manhã me fará uma cam-pii-ã.

...Quando eu era uma garota de verdade, com uma mãe e um pai e

uma casa e sem lâminas de faca brilhando, o café da manhã era granola

com morangos frescos, sempre comido durante a leitura

de um livro apoiado na fruteira. Na casa de Cassie,

nós comíamos waffles com calda fina que vinha do bordo

de árvores, não essa coisa falsa com gosto de xarope de milho, *e nós líamos as páginas divertidas...*

Não. Eu não posso ir lá. Eu não vou pensar. Eu não vou olhar.

Eu não vou poluir meu interior com Bluberridazzlepops ou muffins ou pedaços esfarrapados de torrada, também. A humilhação de ontem e os erros passaram por mim. Eu sou brilhante e rosa por dentro, limpa. O vazio é bom. O vazio é forte.

Mas, eu tenho que dirigir.

... Eu dirigi no ano passado, janelas abertas, música dobrada, primeiro sábado de Outubro, correndo para o SATs. Eu dirigi, assim Cassie poderia passar uma camada de esmalte sobre suas unhas.

Nós éramos irmãs secretas com um plano para dominar o mundo, potencial borbulhando ao nosso redor, como champanhe. Cassie riu. Eu ri. Nós éramos a perfeição.

Eu comi o café da manhã? Claro que não. Comi o jantar na noite anterior, ou almocei, ou comi qualquer coisa?

O carro à nossa frente freou quando o semáforo ficou amarelo, e vermelho em seguida. Meus chinelos pairavam sobre o pedal. Minha visão embaçou. Rabiscos pretos provocavam arrepios na minha espinha e se embrulhavam em torno de meus olhos como um cachecol de seda. O carro à nossa frente desapareceu. O volante, o painel, desapareceram. Não havia Cassie, nem semáforo. Como eu ia parar essa coisa?

Cassie gritou em câmera lenta.

:: Marshmallow/ ar/ explosão/ saco ::

Quando acordei, o pessoal da emergência médica e um tira franziam a testa. O motorista do carro em que bati estava gritando em seu celular.

Minha pressão sanguínea estava igual à de uma cobra gelada. Meu coração estava cansado. Meus pulmões queriam tirar uma soneca. Prendem-me a uma agulha, me inflam como um balão de exposição, e me mandam para um hospital com enfermeiras de olhos de aço que anotam cada número ruim. À caneta. Quebraram-me.

Mamãe e papai entram correndo, lado a lado por uma mudança, felizes por eu não estar morta. Uma enfermeira entrega uma tabela a minha mãe. Ela a lê, e explica a situação para o meu pai e em seguida, eles discutem, um deslizamento de terra de um argumento que vomitou o anti-séptico nos lençóis e no corredor. Eu

estava estressada/ super planejada/ maníaca/ não - depressiva/ sem - necessidade de atenção/ sem – necessidade de disciplina/ precisando descansar/ necessitando/ sua culpa/ sua culpa/ culpa/ culpa. Eles marcaram sua guerra na pequena casca da pele de uma garota.

Telefonemas foram feitos. Meus pais me forçaram a ir até ~~o inferno n~~a colina New Seasons...

Cassie escapou, como de costume. Sem um arranhão. O seguro cobriu mais que os danos, assim ela acabou com um carro fixo e alto falantes novos. Nossas mães tiveram uma pequena conversa, mas todas as garotas passam por essas coisas e o que você vai fazer sobre? Cassie remarcou o próximo teste e fez as unhas num salão, Enchanted Blue, *enquanto eu fui trancafiada e tinha água com açúcar pingando nas minhas veias vazias...*

Lição aprendida. Dirigir requer combustível.

Não o cereal Bluberridazzlepop da Emma. Eu tremo e derramo a bagunça ensopada na lata de lixo, em seguida, ponho a tigela no chão. Os gatos de Emma, Kora e Pluto, caminham através da cozinha e enfiam as cabeças na tigela. Eu desenho um rosto com uma língua grande em um bilhete-adesivo e escrevo YUMMY, EMMA! OBRIGADA!, e o prego na caixa de cereais.

Eu como dez passas (16) e cinco amêndoas (35) e uma pêra madura (121) (= 172). As mordidas rastejam pela minha garganta. Eu tomo minhas vitaminas e as loucas drágeas mantêm meu cérebro longe de explodir: uma grande e roxa, uma branca e gorda, duas papoula vermelha. Eu as engulo com água quente. Agiliza o trabalho. A voz de uma garota morta espera por mim em meu telefone.

004.00

Subir as escadas leva mais tempo que o habitual.

Eu durmo no final do corredor, no pequeno espaço ainda decorado como um quarto de hóspedes. Paredes brancas. Cortinas amarelas. O sofá-cama nunca é dobrado, a mesa veio de uma venda de jardim. Jennifer continua se oferecendo para me comprar móveis novos, e tinta ou colocar papel de parede. Digo a ela que ainda não sei o que quero fazer. Eu provavelmente deveria desfazer as pilhas de caixas empoeiradas em primeiro lugar.

Meu telefone estava esperando no topo da pilha de roupa suja, exatamente onde ele caiu quando eu o joguei na parede na manhã de Domingo por que o toque constante estava me deixando louca e eu estava muito cansada para desligá-lo.

... A última vez que ela me ligou, foi há seis meses, depois que eu saí do hospital pela segunda vez. Eu ligava para ela quatro ou cinco vezes por dia, mas ela não atendia ou me ligava de volta, até que finalmente, ela o fez.

Ela me pediu para ouvir e disse que não iria demorar muito.

Eu era a raiz de todo o mal, Cassie disse. Uma influência negativa, uma sombra tóxica. Enquanto eu estava trancafiada, os pais dela a arrastaram até um doutor que lavou o cérebro dela e a sobrecarregou com pílulas e palavras vazias. Ela precisava seguir com a vida dela, redefinir seus limites, afirmou. Eu fui a razão pela qual ela reduziu aulas e falhou em Francês, a causa de tudo que era desagradável e perigoso.

Errado. Errado. Errado.

Eu fui o motivo que não a fez fugir no primeiro ano. Eu fui o motivo que a fez não tomar um frasco de pílulas para dormir enquanto seu namorado a traía. Eu a ouvia por horas quando seus pais gritavam e tentavam a transformar em um modelo no qual ela não se encaixava. Eu entendia o que provocava seus surtos, a maioria deles. Eu sabia o quanto machucava ser filha de pessoas que não te enxergavam, nem mesmo se você estivesse na frente deles pisando em seus pés.

Mas, relembrar tudo era muito complicado para Cassie. Era mais fácil ela me abandonar uma última vez. Ela transformou meu verão em um deserto. Quando as aulas começaram, ela olhava através de mim nos corredores, suas novas amigas em torno de seu pescoço como colares Mardi Gras. *Ela me apagou de sua vida.*

Mas, algo aconteceu. No tempo morto, entre Sábado à noite e Segunda de manhã, ela me ligou.

É claro que eu não iria atender. Ela tinha discado errado, ou era um trote. Eu não a deixaria me sugar sendo sua amiga novamente apenas para que ela me desse às costas e me esmagasse mais uma vez.

... corpo encontrado em um quarto de motel, só ...

Eu não atendi. Eu não ouvi suas mensagens ontem. Eu estava zangada demais para sequer olhar para o telefone.

Ela ainda está esperando por mim.

Eu me sento no monte de calças de pijamas e moletons não lavados, e pego o telefone. O abro. Cassie me ligou 33 vezes, começando às 11h30min do Sábado à noite.

RECUPERAR CORREIO DE VOZ

—Lia? Sou eu. Ligue-me.

Cassie.

Segunda mensagem: —Onde você está? Ligue-me de volta. Cassie.

Terceira: —Eu não estou brincando, Overbrook. Eu realmente preciso falar com você.

Cassie, dois dias atrás, Sábado.

—Ligue-me.

—Por favor, por favor, ligue-me.

—Olha, me desculpe por ter sido uma vadia. Por favor.

—Eu sei que você está recebendo estas mensagens.

—Você pode ficar com raiva de mim mais tarde, ok? Eu realmente preciso falar com você.

—Você estava certa – não foi culpa sua.

—Não há mais ninguém com quem eu possa conversar.

—Oh, Deus.

Da 1h20 às 2h55, ela desligou quinze vezes.

Próxima: —Por favor, Lia – Lia.— A voz dela soava arrastada.

—Estou tão triste. Não posso sair.

—Ligue-me. Está uma bagunça.

Desligou mais duas vezes.

3h20, muito arrastada: —Eu não sei o que fazer.

3h27. —Sinto sua falta. Sinto sua falta.

Eu enfio o telefone no fundo da pilha de roupas e puxo um pesado moletom antes de ir para o meu carro. O inverno chega mais cedo em Nova Hampshire.

◄ 005.00 ►

Minha noção de tempo é perfeita, e eu acabo em um engarrafamento. Os carros que me rodeiam são guiados por vacas gordas e touros berrantes. Dirigimos juntos, dez quilômetros por hora. Eu posso ir mais rápido que isso. Freamos. Eles ruminam e mugem aos telefones até que o rebanho muda de marcha e vai para frente novamente.

Vinte e quatro quilômetros por hora. Eu não posso ir tão rápido.

Em algum momento entre Martins Corner e a Rota 28, eu começo a chorar. Eu ligo o rádio, canto com todos meus pulmões e o desligo novamente. Eu bato os punhos no volante até poder ver contusões, e a cada quilômetro, eu choro mais ainda. Chuva molha meu rosto.

... corpo encontrado em um quarto de motel, só ...

O que ela estava fazendo lá? O que ela estava pensando?

Doeu?

Não há por que perguntar por quê, mesmo que todos queiram. Eu sei por quê. A questão mais complicada é —por quê não?.— Eu não posso acreditar que ela fugiu das respostas antes de mim.

Preciso correr, voar, bater minhas asas com tanta força até que eu não possa ouvir mais nada, a não ser as batidas de meu coração. Chuva, chuva, chuva, afogando-me.

Foi mais fácil?

Eu não pego os atalhos, não me esqueço de passar em frente à delicatessen da esquina, eu não perco, nem mesmo um propósito. Chego à escola no piloto automático; atrasada por seus padrões, adiantada por mim. Os últimos ônibus acabam de estacionar na porta da frente.

Eu saio e tranco o carro.

O implacável vento de Novembro empurra-me em direção ao prédio. Flocos de neve espiralados caem do bolo de cobertura de nuvens lá em cima. A primeira neve. Mágico. Todo mundo para e olha para cima. A exaustão congela os ônibus, prendendo todo o barulho em uma nuvem seca. As portas da escola congelam, também.

Nós inclinamos nossas cabeças novamente e abrimos as bocas.

A neve dirige-se a nossas bocas zumbis se rastejando com graxa e xingamentos e pedaços de tabaco e cáries e suco de namorado/ namorada, uma mancha de mentiras. Por um momento não somos testes que deram errado e camisinhas furadas e traições em redações; nós somos lápis-cera e caixas de almoço e balançamos nossos tênis furados bem alto nas nuvens. Por um momento tudo fica bem.

E então, ele derrete.

Os motoristas de ônibus aumentam o giro dos motores e a nuvem de gelo se desfaz. Todo mundo se mistura adiante. Eles não sabem o que acabou de acontecer. Eles não lembrarão.

ela me telefonou.

Volto para o meu carro, entro, ligo o aquecimento, e limpo meu rosto na camiseta. 7h30. Emma acabou a aula de Francês e está desembalando seu violino. Ela passará muito tempo passando resina em seu arco, e não afinará as cordas direito. O Concerto de Inverno será daqui a poucas semanas, e ela não sabe as músicas ainda. Eu deveria a ajudar.

Cassie está no necrotério, eu acho. Na noite passada, ela dormiu em uma gaveta prateada, os olhos se acostumando à escuridão.

Jennifer disse que estão fazendo uma autópsia. Quem vai tirar as roupas dela? Dar-lhe-ão banho, estranhos tocando em sua pele? Ela pode vê-los? Ela chorará?

O toque toca atrasado, e as últimas pessoas no estacionamento correm para a porta. Só mais alguns minutos. Eu não posso ir até que os corredores estejam vazios e os professores estejam entorpecidos com o tédio de modo que não notarão quando eu deslizar pelos corredores.

Eu me viro e limpo um lugar no banco traseiro, empurrando todos os testes, moletons, e os livros atrasados da biblioteca para um lado, então Emma terá onde sentar quando eu for buscá-la. Jennifer insiste em colocá-la atrás. É mais seguro, diz ela.

Não há mais seguro. Não há nem mesmo segurança, nunca houve.

Cassie pensava que paraíso era um conto de fadas para pessoas estúpidas. Como você encontra um lugar no qual não acredita? Você não encontra. Então, para onde é que ela vai agora? E se ela voltar, olhos em raiva pura?

7h35. Hora de ir para a escola e parar de pensar.

006.00

Sem Honors Option[3] para mim, não este ano. Estou em Literatura Mundial Contemporânea, Ciências Sociais 12 – O Holocausto, Física, Trigonometria (de novo), e almoço. Sem educação física, graças ao bilhete mágico da Drª. Parker. Há asteriscos ao lado de meu nome e notas de rodapé explicando a situação.

... *Quando eu era uma garota de verdade*, minha mãe me alimentava com seus sonhos de vidro, uma colherada por vez. Harvard. Yale. Princeton. Duke. Graduação. Escola de Medicina. Estágio. Residência. Deus. Ela escovava meus cabelos e os trançava com longas palavras, tecendo raízes e ramos de Latim e Grego em minha cabeça assim memorizar a anatomia seria fácil. ~~Mamãe~~ Drª. Marrigan ficou furiosa quando a orientadora me expulsou de Honors e me deixou cair para College Track. A orientadora sugeriu que eu estava planejando ir para a faculdade de meu pai, porque eles tinham que me deixar entrar. Taxa escolar grátis para crianças da faculdade, ela nos lembrou.

Fiquei aliviada.

Naquela noite, Drª. Marrigan disse que eu era muito inteligente para ser uma preguiçosa criança da faculdade. Ela queria que eu fizesse testes privados, para provar que eu era brilhante e que a escola não estava de encontro com minhas necessidades. Mas, então, eu estraguei tudo novamente e eles me trancaram de volta no hospital e quando eu saí, mudei todas as regras.

[3] ajuda estudantil, como monitoria de alunos.

Eu costumava fantasiar sobre fazer o teste da Mensa[4] para provar que eu não era uma perdedora total. Talvez eu fechasse a prova numa sorte de gênio. Eu faria cem mil fotocópias do resultado do teste, os colaria nas paredes da casa da minha mãe, pegaria uma balde de tinta vermelha e um grosso pincel e escreveria HA!, um milhão de vezes.

Mas, havia uma boa chance de eu reprovar. *Eu realmente não quero saber*.

O alarme soa. Alunos caminham de sala em sala. Os professores nos prendem à nossas cadeiras e despejam mundos em nossos ouvidos. As sombras são puxadas e as luzes estão desligadas no laboratório de física para que possamos assistir a um filme sobre a velocidade da luz e a velocidade do som e algum outro lixo que não interessa. Fantasmas esperam nas sombras da sala, tremeluzindo devagar. Os outros podem vê-los também, eu sei. Todos têm medo de falar sobre o que nos encaram do escuro.

Ondas de partículas físicas fluem através da sala.

Ela me ligou 33 vezes.

Um fantasma me envolve, passa a mão em meus cabelos e me coloca para dormir.

O alarme soa. Meus colegas de classe pegam seus livros e correm para a porta. Eu babei na mesa.

Meu professor de física (qual o nome dele?) faz uma carranca para mim. Quando ele respira por sua boca aberta, eu sinto cheiro da espuma que ele usou à noite que cobre sua língua e dos ovos que

[4] sociedade que reúne pessoas de alto QI

ele favoravelmente comeu no café da manhã. —Está planejando ficar o dia todo por aqui? — ele pergunta.

Balanço a cabeça em negativa. Antes que ele tente ser espirituoso novamente, eu pego meus livros e me levanto. *Rápido demais*. O chão tenta me puxar para baixo, o rosto primeiro, mas meu professor com cheiro de espuma está observando, então, eu me mantenho forte o suficiente para flutuar, estrelas nadando em meus olhos.

1.2.3.4.5.6.7.8.9.10.11.12.13.14.15.16.17.18.19.

20.21.22.23.24.25.26.27.28.29.30.31.32.33.

—Garota morta passando, — os garotos dizem nos corredores.

—Diga-nos seu segredo, — as garotas sussurram, de um banheiro para outro.

Eu sou *aquela* garota.

Eu sou o espaço entre minhas pernas, a luz do dia brilhando através.

Eu sou a assistente de biblioteca que se esconde em fantasia.

Eu sou uma aberração de circo envolta em cera de abelha.

Eu sou os ossos que eles querem, enfiada em uma moldura de porcelana.

Quando chego perto, eles dão um passo atrás. As câmeras em seus olhos gravam a espinha no meu queixo, a chuva em meus olhos, a água azul sob minha pele. Captam todos os sons com seus microfones no colarinho. Querem me puxar para junto deles, mas estão com medo.

Eu sou contagiosa.

Eu caminho na ponta dos pés até a enfermaria, a mão na parede para me manter na vertical. Se eu correr ou respirar muito profundamente, os pontos baratos que me mantém unida soltarão, e toda a viscosidade interior derramará e queimará no concreto.

A enfermeira franze suas sobrancelhas quando eu me esgueiro para dentro. Ela abaixa o rádio, jazz legal, e me olha de cima a baixo, mãos na cintura, olhos tristes e amigáveis.

—Eu pensei que você ficaria em casa hoje, — ela diz. —É chocante. Cassie era sua melhor amiga, não era?

—Não me sinto bem, — digo. —Posso me deitar um pouco?

—Você conhece as regras.

Ela é uma feiticeira habilidosa vestindo roupas de enfermeira.

—Ok.— Sento-me na cadeira próxima à sua mesa e a deixo medir minha temperatura e pressão.

Ela envolve o punho ao redor do osso de meu braço. —Você ainda está se pesando regularmente?.

—Uma vez por semana. Estou bem. Não preciso subir na sua balança.

—Você não parece bem.— Ela anota meus números. —Se você vai ficar aqui, você vai ter que comer algo. Se não for, volte para a sala de aula.

Eu quero morrer dentro ou fora?

Ela abre uma caixa de suco de laranja, põe em um copo de plástico, e me entrega enquanto remove o termômetro. —Estou falando sério.

Eu pego o copo. ~~Minha garganta o quer meu cérebro o quer meu sangue o quer~~ minha mão não o quer minha boca não o quer. A enfermeira quer isso e eu preciso esconder. Eu me forço a engolir.

A porta abre e dois caras entram; o nariz de um está sangrando, o outro parece um pouco assustado com a visão do sangue. A enfermeira faz o que está sangrando sentar com a cabeça inclinada para trás e seu amigo senta com a cabeça entre os joelhos então ele não vomitará.

Eu jogo o copo de plástico na lata de lixo, pego o jornal de cima da mesa, e vou para a cama dobrável no final do cômodo.

—Você vai beber outro em 15 minutos, — a enfermeira diz. —Ou pode pegar um pirulito: de uva ou de limão.

—Certo.

Eu puxo a pequena proteção em frente à cama, sento-me, e procuro no jornal. Seção local, página 2. O artigo se estende por alguns centímetros, ao lado de um anúncio de casacos de pele, 30% de desconto.

A polícia está investigando a morte de Cassandra Parrish, 19 anos, da cidade de Amoskeag, NH, cujo corpo foi encontrado na manhã de Domingo em um quarto no Gateway Motel na River Road, em Centerville. As autoridades foram chamadas ao local às 4h43 da manhã pelo empregado do motel que encontrou o corpo.

Indicações preliminares sugerem que a Senhorita Parrish provavelmente morreu de causas naturais, não descartando jogo sujo ou uso de drogas.

—Ainda estamos coletando informações, — disse a porta voz da polícia, a Sargento Anna Warren. —Teremos um relatório sobre a hora e a causa da morte quando o legista terminar de fazer a autópsia.

A Senhorita Parrish, conhecida como Cassie pelas amigas, era uma popular atleta e membro do clube de teatro da Amoskeag High.

Seu pai, Jerry Parrish, é diretor da Park Street Elementary School, e sua mãe, Cindy, é ativa em assuntos escolares e da comunidade.

O Superintendente das Escolas de Amoskeag, Nelson Bushnel, disse que a perda da família Parrish é —comovente.

—Cassie era o que todos nós queremos para nossos filhos: brilhante, trabalhadora, e gentil, — disse Bushnel.

Quando lhe pediram para comentar os rumores de que a Senhorita Parrish tinha problemas no fim das contas, ele disse, —A maioria dos adolescentes de hoje lutam com alguma coisa. Cassie tinha feito grandes progressos ao abraçar uma vida saudável. Na última vez que falei com seu pai, ele disse, que ela estava

escolhendo entre fazer faculdade de psicologia ou literatura francesa. A morte dela é tanto trágica quanto chocante.

Os resultados da autópsia são esperados ainda nessa semana.

Planos para um funeral estavam incompletos até o fechamento desta edição.

Deito-me na cama, o travesseiro de papel crepita em meus ouvidos como uma rádio estática.

O alarme soa. O corredor é preenchido por um rio de corpos e vozes sussurram que Cassie foi assassinada/ não, ela se enforcou/ não, ela fumou ou cheirou seu caminho para a Saída Final. Ela tentou algo uma vez, você ouviu sobre a vez sob a arquibancada/ no shopping/ no acampamento de verão? Ela se dirigiu até um trem em alta velocidade/ pulou sem paraquedas/ prendeu-se a um cinto de lastro e mergulhou no oceano.

Ela se ofereceu ao grande, lobo mau e não gritou quando ele deu a primeira mordida.

... corpo encontrado em um quarto de motel, só ...

Os meninos se foram. A enfermeira leva o jornal para longe e espalha um cobertor fino em cima de mim.

—Posso pegar outro? — pergunto. —Estou com frio.

—Com certeza.— Ela caminha até o armário de suprimentos, seus sapatos rangem no chão polido.

—Você ouviu algo sobre o funeral? — pergunto.

—O secretário do superintendente me mandou um e-mail, — diz ela. —A exibição será na Quarta à noite em St. Stephen. A

enterrarão no Sábado.— Ela caminha na minha direção, os braços para baixo. —Durma um pouco agora e lembre-se: você beberá mais suco de laranja quando acordar.

—Eu prometo.

Ela me cobre com todos os cobertores que ela tem (cinco) e jaquetas da caixa de perdidos-e-achados, porque estou congelando. Eu me amontôo nas axilas de estranhos, provando seu sal maníaco, e durmo para esquecer tudo.

◂ 007.00 ▸

Emma está sentada no banco de trás assistindo a um filme no DVD player em seu colo, comendo batata frita e bebendo Mountain Dew descongelada.

—Não diga a Jennifer, — eu digo.

—Uh-huh.

—Sério. Ela vai gritar.

—Eu ouvi. Não diga ou ela vai gritar. — Os olhos de Emma estão colados na tela, levando batatas uma a uma à boca em um recipiente rosa.

Estamos perdidas. De novo. Meu pai não quer me dar um GPS por que ele diz que eu tenho que aprender a me locomover por mim mesma. Como posso descobrir aonde vou se estou sempre perdida? Pedirei à Jennifer. O Natal está chegando.

Passamos por um celeiro aos pedaços com o telhado quebrado, e um colchão manchado empurrado contra o sinal de limite de velocidade. Você não perceberia se um colchão caísse de seu carro? Talvez estivesse na traseira de um caminhão carregado com todas as coisas de uma garota, levando-a a algum garoto que ela conheceu on line. Ela prometeu-lhe seu corpo e alma. Ele a prometeu três refeições por dia e uma casa, mas disse que o lugar precisaria de mais móveis. Ele não parou quando o colchão caiu. Uma esposa nova merece uma cama limpa, é o que ele sempre disse.

Talvez alguma garota motociclista usando couro, machona e forte, está descendo a estrada em 1 km e meio, ou esteja atrás de mim. A qualquer minuto, algum idiota entrará na frente dela e ela desviará e a moto capotará e a fará gritar porque ela esqueceu suas asas novamente e a gravidade nunca perdoa

e então ela vai bater

naquele colchão desagradável. E sim, ela vai acabar com três costelas quebradas, um fêmur fraturado, e um pescoço deslocado, mas os motoristas da ambulância nunca mencionarão isso. Eles sempre falarão sobre como o colchão velho na beira da estrada salvou a vida da garota. O cheiro da batata frita de Emma está fazendo isso com meu cérebro.

No momento em que acho o campo Richland Park, o treino já começou. Emma quer ficar no carro até o fim do filme.

—Você precisa ir para lá, — eu digo.

Ela geme e fecha o player. —Odeio futebol.

—Então fale para eles que você quer parar.

—Mamãe diz que a temporada está quase no fim e eu não estou autorizada.

—Então vá lá e jogue. Divirta-se.

Ela olha meus olhos pelo espelho retrovisor. —Ninguém chuta a bola para mim.

Emma é um colchão que caiu para fora do caminhão quando seus pais se separaram. Não consigo me lembrar da última vez que seu pai telefonou para ela. Jennifer está determinada a torná-la a perfeita-garotinha que se tornará a perfeita-senhorita-adolescente cujos grandes feitos provarão ao mundo que Jennifer é uma mãe absolutamente perfeita.

Não é como se você pudesse culpar um colchão quando as pessoas não o amarram forte o bastante.

Abro minha porta. —Vamos lá. Eu vou chutar a bola para você.

Ela fecha o player e o joga no banco. —Não, você disse que tem lição de casa.— De repente ela não pode sair rápido o bastante. —Tchau, Lia. Dirija com cuidado.

Levo um par de batimentos cardíacos para perceber o que acabou de acontecer. *Um. Dois. Três*. Os cheiros estão mexendo com meus neurônios novamente.

Eu abaixo a janela. —Emma. Espere.

Ela caminha lentamente de volta ao carro, abraçando apertadamente a bola de futebol. —Que é?

—Mudei de idéia. Quero ver você treinar. Onde devo me sentar?

Seus olhos se abrem. —Não, você não pode.

—Por que não? Outras pessoas estão assistindo.

—Um, é só..., — ela olha para suas chuteiras e murmura. — Você pode assistir do carro. É mais quente.

Há gritos no campo, crianças de nove anos se preparando para a matança. Uma partida de futebol é intensa.

—Emma, olhe para mim. —Como é que a voz de Jennifer saiu da minha garganta? —Por que você não quer que eu saia do carro?

Ela chuta o cascalho. Pequenas pedras saltam para cima e batem na porta do carro.

—O técnico me perguntou se era verdade que você tinha câncer. — Ela chuta novamente. —Por que ele ouviu que você estava no hospital e... você sabe. Eu disse que sim. — Apitos são assoprados no campo. —Desculpe-me. Eu não sabia o que dizer.

—Está tudo bem, — eu digo. —Eu entendo. Não se preocupe com isso.

A bola desliza para fora de suas mãos e rola em direção ao campo. —Você não está brava comigo?

—Eu nunca poderia ficar brava com você, boba.

Ela finalmente olha para cima. —Obrigada, Lia.

—E você está certa, eu tenho uma tonelada de dever de casa. —Eu ligo o motor. —Meus professores adorarão você por me fazer trabalhar neles. Te vejo mais tarde?.

Ela sorri. —Ok. Acho que sobrou batata, se você estiver com fome.

Eu fecho a janela.

Eu gostaria de ter câncer.

Eu queimarei no inferno por isso, mas é verdade.

008.00

O ar no posto de gasolina está pesado com diesel e cheiro de gordura rançosa que vem da fritadeira do McDonalds vizinho. Cinco dias atrás eu estava pesando quase 46 quilos. Eu tive que comer no Dia de Ação de Graças (urubus em volta da mesa), mas basicamente tem sido água e bolos de arroz. ~~Estou com tanta fome que comeria minha mão direita~~. Eu levo três pedaços de chiclete à minha boca, jogo fora as batatas de Emma, e preencho o tanque. Eu sou nojenta.

... *A primeira vez que dei entrada no hospital*, eu estava preta e azul e roxa e vermelha por que eu desmaiei e bati no carro à nossa frente enquanto Cassie gritava e o volante explodia. Este corpo pesava 42 quilos.

Minha companheira de quarto na ~~prisão~~ New Seasons foi uma grande, murcha abobrinha que chorava na cama e deixava meleca escorrer para todos os lados de seu rosto. Todo mundo na equipe era do tamanho de uma baleia e suado. A enfermeira que me entregava os medicamentos era tão gorda que sua pele era esticada. Se ela se movesse muito rápido, se rasgaria e o seu recheio amarelo derramaria, arruinando sua roupa do Disney World.

Eu passei meus dias em filas, grãos de milho surgiam em minha boca e se enfiavam entre meus dentes. Morder. Mastigar. Engolir. De novo. Morder. Mastigar. Engolir. De novo.

Eu era uma boa garota por que eu não cutucava os ferimentos na minha pele (notórias cicatrizes) ou escrevia poesias depressivas (jornais checaram enquanto estávamos na sessão) e eu comi e comi. Estufaram-me como se eu fosse um pequeno

porquinho rosa por que eu era uma boa garota por que eu não cutucava os ferimentos na minha pele (notórias cicatrizes) ou escrevia poesias depressivas (jornais checaram enquanto estávamos na sessão) e eu comi e comi. Porquinho pronto para a venda. Mataram-me com maçãs moles e massa de minhocas e bolinhos que marchavam para fora do forno e tinham glacê depositado em cima. Mordi, mastiguei, engoli dia após dia, e menti, menti, menti (Quem quer se recuperar? Levei anos para chegar aquele peso. Eu não estava doente; eu estava forte). Mas, continuar forte me manteria presa. A única saída era empurrar a comida, até que eu estivesse bamboleando.

Eu limpei a porcaria do fundo de minha garganta em torno de sentimentos e questões e minhas pernas. Os doutores assentiram e deram-me adesivos por minha honestidade. Quatro semanas depois, os portões foram abertos. ~~Mamãe~~ Drª. Marrigan levou-me ~~para casa~~, para sua casa e nós fingimos que nada tinha acontecido, exceto pelos planos de cardápio e as regras e os compromissos e as balanças e o furacão de decepção de minha mãe.

Cassie entendeu. Ela ouviu tudo o que aconteceu *e disse-me que eu era corajosa...*

Eu entro na garagem, o cérebro gotejando com os vapores da gasolina. Não me lembro de dirigir para casa. Um dia desses, eu estarei indo a pé para casa e o cara do jornal da TV vai relatar um assalto seguido de fuga que acabou de acontecer no centro. A câmera mostrará sangue e vidros quebrados em uma calçada. Um repórter entrevistará uma mulher chorando que viu o acidente em frente à loja de departamentos em Bartlett Street. Eu terei uma sensação engraçada em minha boca, por que eu estarei segurando uma sacola dessa loja em minha mão. Correrei de volta à garagem e

encontrarei o corpo morto de uma mulher preso no para brisas, sangue em todo lugar.

Esse tipo de coisa pode acontecer.

Eu saio e verifico todo o carro – olho as portas, o capô, os para choques, os faróis, a grade dianteira, e o porta malas para ter certeza de que eu não entrei em um acidente sem perceber. Sem faróis quebrados e portas amassadas. Sem moças mortas no para brisas. Não hoje.

009.00

Eu vou direto para a geladeira e retiro o recheio que sobrou do Dia de Ação de Graças.

... Quando eu era uma garota de verdade, o Dia de Ação de Graças era na casa de Nanna Marrigan no Maine, ou na da vovó Overbrook, em Boston. Na casa de Nanna, comíamos ostra recheada. Na casa de vovó, castanha e salsicha. Nanna gostava de sua torta de abóbora em uma crosta de canela-noz pecã. As tortas de vovó tinham que ser de carne moída por que era o mesmo que sua mãe fazia. As mesas ficavam cheias, com pessoas altas pegando tigelas de comida e falando muito alto; primos e tios-avós e amigos de bem longe. O cheiro de molho e cebolas fazia meus pais se esquecerem de brigar, e o gosto do mirtilo os lembrava de como rir. Minhas avós iam viver para sempre, e o Ação de Graças sempre seria toalhas de renda, porcelana esbelta, e prata pesada que eu sentei-me em um banco para polir.

Elas morreram.

O Dia de Ação de Graças da semana passada foi adoçado artificialmente, enriquecido com tensos conservantes, e envolto em plástico. As irmãs do papai não vêm mais por que é longe demais. A família de Jennifer vai para casa do irmão dela por que lá tem mais quartos (~~Mamãe~~ Drª. Marrigan come em sua mesa, ou come uma simbólica colher de purê de batatas e molho na cantina do hospital).

Éramos nós quatro, mais dois estudantes graduandos de meu pai. Um era vegan; ela comeu três porções de batata doce e a maior

parte do pão de abóbora que tinha trazido. O cara era de Los Angeles. Ele disse que estava de jejum por que o Dia de Ação de Graças acontecia em respeito ao genocídio dos povos nativos da América. Depois que eles se foram, Emma perguntou a papai por que o cara de jejum veio então. Papai disse que ele estava louco para conseguir uma carta de recomendação. Jennifer disse *que esperava que ele se engasgasse*.

Eu despejo um pouco do recheio de Jennifer em um prato, derramo algumas colheradas no chão para os gatos, em seguida esguicho ketchup em cima e aqueço no microondas tempo suficiente para que o ketchup respingue todo. Deixo a porta do microondas entreaberta, logo o cheiro toma conta da cozinha.

Olho o relógio. Dez minutos.

Eu salpico um pouco de ketchup nos cantos de minha boca, e raspo toda a sujeira na lata de lixo, ligo a água quente e estalo o interruptor. Enquanto a lata de lixo está lavando, eu tento desviar a minha mente – recitar a Constituição, a lista de presidentes em ordem, relembrar o nome dos sete anões – não consigo parar de pensar que

ela ligou para mim.

Eu fecho o microondas. Levo o prato sujo e o garfo para a sala familiar, onde os coloco no fim da mesa.

Sete minutos.

Eu realmente tenho que comer.

Ela me ligou trinta e três vezes.

Um grande bolo de arroz = 35. Ponha uma colher de chá de mostarda picante em cima e você adiciona 5. Duas colheres = 10.

Bolos de arroz com molho quente são melhores. Você come e é punida na mesma mordida. Jennifer não compra molho quente mais. Dois bolos de arroz, quatro colheres de chá de mostarda = 90.

Eu queria ser bulímica. Eu tento e tento e tento, mas não consigo. O cheiro de vômito me deixa maluca e minha garganta fecha e eu não consigo.

1.2.3.4.5.6.7.8.9.10.11.12.13.14.15.16.17.18.19.

20.21.22.23.24.25.26.27.28.29.30.31.32.33.

Jennifer chega em casa e me pede para pôr meu prato no lava louças e limpar a bagunça que eu fiz no microondas. Peço desculpas e faço o que ela mandou enquanto ela se esforça para abrir uma escorregadia garrafa de Chardonnay gelado. Quando estou na metade da escada, Emma emerge pela porta, o uniforme de futebol sujo, bochechas vermelhas.

—Eu quase marquei um gol!, — ela grita.

—Fabuloso, — eu digo.

—Você quer chutar a bola comigo agora?

Muitas cordas puxam-me para baixo, para o chão. —Eu não posso, Emmakins. Estou morta. Além do mais, já está escuro. Amanhã, ok?

As pontas de seu sorriso desmoronam. Forço-me a subir o restante da escada.

Feche a porta. Feche a porta.

Minha cesta de tricô foi a única coisa que eu me preocupei em desembalar, quando me mudei para cá. Sento-me na borda de minha cama e procuro dentro da cesta, passo o lenço sem-fim/

projeto de lençol, passo as agulhas separadas e as bolas de lã laranja e marrom e vermelha, até a garrafa mágica de coloração rosada com apenas Pílulas de Emergência. Cassie as conseguiu para mim, mas ela não disse de onde elas vieram. Tomo uma, apenas uma.

Estrelas de plástico esperam no teto frio, observando o interruptor de luz, nervosas, prontas para a escuridão que é sua deixa para brilhar. Esta garota tem lição de casa de Física. Esta garota tem que escrever um artigo sobre genocídio e resolver os problemas de trigonometria da semana passada, e elaborar um quiz sobre os recursos literários de alguma história estúpida.

Esta garota treme e rasteja para debaixo das cobertas com toda sua roupa e cai em cima de um livro atrasado da biblioteca, um conto de fadas com ratos e tutano e maldições abrasadoras. As frases constroem uma cerca ao redor dela, uma barricada de Times Roman 10, para evitar que as vozes espinhentas cheguem muito perto dela.

Quando papai chega em casa, o microondas esquenta seu jantar. Mais vinho é derramado. Jennifer diz à Emma que sua hora de dormir já passou. Eu viro página após página sem barulho, mas parei de ver as letras, parei de compreender as palavras.

Seus passos estão na escada.

Eu enfio meu rosto no meio do livro, meus cabelos espalham-se como algas flutuando na corrente da história que me empurra para baixo e me põe para dormir. Eu ponho uma mão frouxa na beira da cama.

Não, melhor não. Puxo a mão de volta.

Seus passos estão no corredor. A porta se abre.

—Lia?

Lia não está disponível. Por favor, deixe uma mensagem quando ouvir o bip.

Ela me ligou trinta e três vezes.

—Lia? Você está acordada?

Jennifer usa a voz de mãe irritada para dizer a Emma —pela última vez, suba as escadas. — A resposta de Emma é muito calma para ser ouvida.

Papai se senta na borda da minha cama. Ele afaga os cabelos do meu rosto, se inclina para frente, e beija-me na testa. Ele cheira a sobras e vinho.

—Lia?

Vá embora. Lia precisa dormir por cem anos em uma caixa de vidro fechada. As pessoas que saberão onde a chave está escondida morrerão, e ela finalmente vai poder descansar um pouco.

Ele levanta minha cabeça e retira o livro de cima dela. Eu abro uma fenda do olho e observo através dos cílios espetados. Ele marca a página dobrando a ponta do papel, e em seguida lê o que está atrás. Acima de seu colarinho, sua pele salta, o sangue correndo para alimentar seu cérebro gigante.

Meu pai é professor de história, o Grande e Poderoso Experte em Revolução Americana. Ele ganhou um Pulitzer, um Prêmio Nacional de Livros, e um trabalho de consultoria em um programa de TV a cabo. A Casa Branca o convida tantas vezes para o jantar que ele possui um smoking. Ele jogou squash com dois presidentes e uma secretária de defesa. Ele sabe como nos tornamos o que somos hoje e aonde devemos ir a partir daqui. Meus professores me dizem que eu devo me sentir sortuda por ter um pai como esse. Talvez se eu não odiasse história, eu me sentisse.

—Lia? Eu sei que você está acordada. Precisamos conversar.

Eu paro de respirar.

—Sinto muito por Cassie, querida.

O vidro que me rodeia crepita. Cassie ligou para mim antes de morrer. Ela ligou e ligou e ligou e esperou que eu atendesse.

1.2.3.4.5.6.7.8.9.10.11.12.13.14.15.16.17.18.19.

20.21.22.23.24.25.26.27.28.29.30.31.32.33.

Meu pai alisa meus cabelos novamente. —Graças a Deus, você está bem.

Marcas de fratura surgem na superfície da caixa de vidro como se um corpo tivesse caído do céu e tivesse pousado sobre ela. Ele não ouve o impacto, não pode sentir o cheiro de sangue.

Ele respira fundo e dá uma batidinha no meu ombro coberto pelo edredom. —Conversaremos depois, — ele mente.

Nós nunca conversamos. Apenas fingimos pensar sobre conversar, e de vez em quando mencionamos que qualquer dia

desses, nós realmente deveríamos sentar e conversar. Isso nunca vai acontecer.

A cama range quando ele se levanta. Ele desliga a luz acesa no criado mudo e atravessa o quarto no brilho ofuscante da galáxia de plástico colada no teto. Uma *pequena abertura* que se encontra em algum lugar na estrutura da porta me liberta.

Eu me viro para a parede. Cacos de vidro correm para meu coração por que Cassie está morta e fria. Ela morreu no Gateway Motel e é minha culpa. Não das revistas ou dos sites na internet, ou das garotas de língua afiada no vestiário, ou dos garotos que dão chupões em pescoços na varanda de trás. Não de seus técnicos ou diretores ou conselheiros ou os inventores do tamanho P e PP[5] .Nem mesmo de sua mãe ou de seu pai.

eu não respondi.

[5] ou 36 e 34

◀ 010.00 ▶

... Quando eu era uma garota de verdade, minha melhor amiga se chamava Cassandra Jane Parrish. Ela se mudou no inverno da terceira série. Eu estava sentada com meu queixo no parapeito da janela e observava o outro lado da rua, enquanto descarregavam uma van móvel. Um cara carregava uma bicicleta de criança e uma casa de bonecas rosa. Eu cruzei meus dedos. Nosso conjunto habitacional ainda estava cru, basicamente esqueletos inacabados de casas e buracos congelados de lama. Eu estava morrendo por alguém da minha idade para brincar comigo.

Minha babá me acompanhou e levou um pote de café para conhecer os novos vizinhos. A casa era exatamente como a nossa só que virada para trás, com o mesmo cheiro de tinta nova e tapetes limpos. A mãe, Srª. Parrish, parecia velha o suficiente para ser avó. Ela tinha olhos azuis que ficavam muito abertos o tempo todo, como se ela estivesse surpresa com tudo que via. A babá me apresentou e explicou sobre meus pais e suas milhares de horas por semana de trabalho. A Srª. Parrish chamou sua filha do andar de cima. Cassandra Jane gritou de volta dizendo que nunca sairia de seu quarto.

—Suba, querida, — a Srª. Parrish me disse. —Eu sei que ela quer uma amiga.

Cassie estava desembalando uma caixa de livros de bolso. Quando ela ficou de pé, ela era uma cabeça mais alta que eu, com seus longos cabelos loiros que caíam em cachos por suas costas. A

princípio, ela não falou, nem sequer me olhou nos olhos, mas ela me deixou segurar seu rato, Pinky. As batidas do coração dele vibravam contra as pontas de meu dedo.

O quarto dela era do mesmo tamanho e formato que o meu, mas cheio de coisas diferentes: uma cama de dossel circundada com cortinas de renda, a casa de bonecas marcada com rabiscos de lápis-cera preto, um espelho grande e estreito que estava sozinho no canto, e uma estante de livros que não parecia suficientemente grande para guardar todas aquelas caixas de livros. Ela me mostrou suas bonecas antigas e sua coleção de cavalos de plástico, e o melhor de tudo, um verdadeiro baú do tesouro que tinha rubis e ouro e um pedaço de vidro do mar verde nascido no coração de um vulcão.

Eu disse a ela que o vidro do mar vinha do oceano.

—Este é diferente, — ela disse. —É 'ver-vidro'[6], como ver com os seus próprios olhos. Se você olhar através dela quando as estrelas estão alinhadas direito, você pode ver o seu futuro.

—Oh, — eu disse, estendendo a mão para a pedra.

—Mas, não hoje, — ela colocou a ver-vidro longe e fechou o baú do tesouro. Eu vi onde ela escondeu a chave.

Sentamo-nos com uma caixa entre nós e começamos a desembalar. Enquanto eu a entregava livro atrás de livro, nós comparávamos séries favoritas e autores e então filmes e programas de TV e música que fingíamos ouvir mesmo que fosse velha demais para nós. Quando a Srª. Parrish e minha babá entraram, Cassie colocou o braço em volta de meu ombro.

[6] seaglass – vidro do mar; seeglass – ver vidro, possuem pronúncia similar

—É o destino, — ela disse à sua mãe. —Nós fomos feitas para sermos amigas.

A Srª. Parrish sorriu. —Eu lhe disse que as coisas seriam boas aqui.

O pai de Cassie era nosso novo diretor, contratado do norte do estado depois que o antigo tinha tido um derrame. Sua mãe se tornou nossa líder da tropa Meninas Escoteiras e se voluntariou a acompanhar viagens de campo, e costurava fantasias para nossas brincadeiras escolares. Ela convidou minha mãe para jogar cartas e festas de colecionar recortes e reuniões do clube do livro, mas minha mãe estava muito ocupada transplantando corações. A Srª. Parrish não jogava squash; meu pai não jogava golfe, então, era isso.

Cassie era um pouco temperamental, mas eu me acostumei. Eu dormia na casa dela quase todo fim de semana, mas ela nunca dormiu na minha. Ela não quis falar sobre seu sonambulismo ou acessos de raiva que explodiam quando sua mãe reclamava com ela ou seu pai a fazia fazer as tarefas novamente.

Uma vez eu ouvi a mãe dela conversando com minha babá sobre algo ruim que tinha acontecido em seu antigo bairro, algo com um garoto. Eu perguntei sobre isso a Cassie. Ela disse que eu estava tentando ferir seus sentimentos e que me odiava e que não éramos mais amigas. Sentei-me nos degraus à frente, lendo *A Wrinkle In Time*[7] e remoendo a ponta do meu rabo de cavalo, até que ela voltou uma hora depois, como se nada tivesse acontecido, e me pediu para andar de bicicleta com ela.

Todas as tardes durante o verão, nós nos arrastávamos para minha casa da árvore para ler braçadas de livros recheados com

[7] livro de ficção científica

grandes jornadas e aventuras perigosas. Fiz galhos de espadas, afiando as pontas com uma faca de cortar carne, roubada da cozinha. Cassie escolheu bagas venenosas e cortou uma rosa do jardim de sua mãe. Nós esfregamos as bagas em nossos rostos e espetamos nossos dedos em um espinho. Prometemos juramentos sagrados para ser forte e para salvar o planeta e para sermos amigas para sempre.

Ela me ensinou a jogar paciência. Eu a ensinei a jogar uístes[8].

Na primavera da quinta série, a fada dos peitos chegou com sua varinha e bateu em Cassie terrivelmente forte. Ela se tornou a primeira garota na nossa classe que realmente precisava de um sutiã. Os garotos olhavam e riam entredentes. As garotas brilhantes, aquelas com línguas divididas e dedos apertados, sussurravam. Eu estava secretamente feliz por meu peito magro e por minhas camisetas.

Os garotos tentavam por para fora suas piadas sujas e comentários rudes nela durante semanas. Cassie fingia não ouvi-los, mas eu sabia. Cassie se descontrolou na fila do almoço de uma Sexta Feira. Thatcher Greyson estalou o sutiã das costas de Cassie tão fortemente que todo mundo ouviu. Ela se virou, empurrou-o para o chão, pulou em cima dele, e começou a bater. E então os assistentes a puxaram, ele tinha ganho um olho preto e um nariz sangrando.

Thatcher foi para a enfermaria. Cassie foi mandada ao escritório do Sr. Parrish porque ele era o diretor e seu pai ao mesmo tempo. Ele gritou com ela tão alto que se podia ouvir no corredor, e então ele mandou ela e Thatcher para casa. O resto de nós passou a tarde escrevendo redações sobre tolerância e bondade. Estas idiotas garotas brilhantes, disseram que foi tudo culpa dela.

[8] jogo de cartas

Na Segunda Feira, as meninas declararam que Cassie era uma sapatão lésbica e a jogaram para fora da tribo. Eu não sabia o que sapatão lésbica significava, mas não soava bem. Eu roí a borracha do fim do meu lápis e não falei com Cassie o dia todo. Ela sentou sozinha na hora do almoço na Terça Feira. Brincou sozinha no recreio. Ao invés de ir no ônibus, ela voltou para casa com sua mãe.

Na Quarta Feira, os meninos sussurraram um canto de — peitos, peitos, peitos, peitos, — sempre que o professor não estava prestando atenção. Thatcher fez um desenho de Cassie com seios do tamanho de melancias e o passou pela classe. As garotas brilhantes riam e giravam seus chicletes em seus dedos.

Na hierarquia da quinta série, eu estava mais perto do topo que do fundo porque meus pais eram ricos e meu pai tinha conhecido o presidente dos Estados Unidos. Na complexa matemática do ensino fundamental, eu era um número inteiro, não uma fração.

Cassie e eu, tínhamos feito um juramento sagrado com suco de baga venenosa e sangue. Não havia escolha. Eu tinha que salvá-la.

No almoço, sentei-me perto de Cassie no fim perdedor da mesa. Eu lhe dei todas as minhas batatas fritas e falei em voz alta sobre nós duas irmos à Boston para um passeio de museu com a mãe dela. As outras garotas observavam, as línguas caindo em seus assentos, experimentando o gosto de seus gloss labial e testando o vento.

No recreio, eu andei até Thatcher, eu; - uma esquelética garota elfa, do tamanho de um pequeno estudante da segunda série

parando em frente a um futuro universitário jogador de futebol, carrinho ofensivo.

—Eu te desafio a me dar um soco, — eu disse.

—Você? Me desafia? — ele estava rindo muito para dizer mais alguma coisa.

Eu o empurrei. —Eu te faço um desafio-duplo. Se você não tem coragem de fazê-lo, você é um banana, — eu o empurrei de novo, com mais força. —Se você fizer, você é um banana maior ainda porque é mais difícil levar um soco que dar um.

Eu não tenho idéia de como aquelas palavras saíram de minha boca. Todo mundo disse: —Oooooooohhhhhh, — e fez um círculo em torno de nós. Thatcher olhou ao redor procurando um professor para salvá-lo. Eu fechei meus olhos e cruzei meus dedos.

—Faça, — eu disse.

Ele me deu um soco tão forte que cortou meu lábio e o abriu e o frouxo molar com que eu brincava passando minha língua em cima, caiu. Eu cuspi o dente sangrento na cara dele pouco antes de eu desmaiar.

As garotas brilhantes mudaram de lado novamente. Eu tinha mostrado para Thatcher. Eu tinha provado que as garotas mandam. Elas me fizeram braceletes trançados com linhas bordadas e miçangas, mas eu não os levaria a menos que fizessem algo para Cassie, também. Elas convidaram Cassie de volta à tribo, porque realmente, Thatcher era um valentão e a coisa toda foi culpa dele.

Depois disso, Cassie e eu *sempre dissemos às pessoas que éramos gêmeas.*

... corpo encontrado em um quarto de motel, só...

O corpo de Cassandra Jane Parrish está dormindo em uma fria caixa prata. Cavarão um buraco no chão e a plantarão no Sábado.

Sobre o resto dela, da Cassie real?

Acho que ela está vindo para cá.

◂ 011.00 ▸

Emma vai para cama e Jennifer vai para a cama e papai vai para a cama. No outro lado da cidade, minha mãe fica acordada até tarde, mas ela finalmente vai para a cama, também.

Eu não posso dormir. Quentes raios disparam através de meu crânio, provocando curto-circuito nos fios. Estou fria, então quente, e então eu não posso sentir meus dedos das mãos ou dos pés. Alguém está de pé do outro lado da minha porta. Eu posso sentir. Mas... não. Todo mundo está dormindo. Todo mundo está encantado, puxados para dentro de um sonho.

A lua desliza pela minha janela.

Eu espero.

Aranhas eclodem e rastejam para fora de meu umbigo, pequenas peludas tarântulas borbulham com pés de bailarinas. Elas se juntam, jogando um véu de seda, cem mil pensamentos de aranhas se unem formando um tecido até que me envolvem em uma acolhedora mortalha.

Eu respiro. As teias se pressionam contra meus lábios abertos. Têm um gosto empoeirado, como cortinas velhas.

O cheiro de gengibre e cravo e açúcar queimado se amontoam sobre minha cama, o cheiro de seu corpo limpo e xampu e perfume. Ela está vindo. A qualquer momento.

Eu respiro para fora e começa.

Assustadoras vinhas cobertas de espinhos pelo chão, estalando como uma fogueira. Rosas pretas florescem a luz da lua, nascidas mortas e quebradiças. A teia na minha cabeça mantém meus olhos abertos, forçando-me a observar Cassie sair das sombras, roseiras bravas entrelaçando-se em suas pernas e ao redor de seu corpo, alcançando seu cabelo. Em um minuto ela está na porta, no outro, ela está em cima de mim. A temperatura no quarto caiu vinte graus. Sua voz está em minha cabeça.

—Lia, — ela diz.

Eu não consigo emitir som algum. Aranhas rastejam em meu rosto e saltam através dos braços dela. Elas voam de um lugar para outro, tricotando-nos juntas.

—Venha comigo, — ela diz. —Por favor.

A teia nos bloqueia no lugar, olhando uma para a outra enquanto a lua desliza pelo céu e as estrelas adormecem.

012.00

—Acorde, Lia!, — Emma sacode meu ombro.

Eu gemo e me enterro mais profundamente no casulo quente.

—Acorde!, — ela acende a luz. —Você vai se atrasar.

Eu abro meus olhos e levanto a mão para bloquear o clarão. Eu ainda estou vestindo as minhas roupas. Está escuro lá fora. —Que horas são?

—Duh, — Emma diz. —Depois das seis e meia.

Meu quarto cheira a roupa suja e a velas velhas, não a especiarias ou açúcar queimado. Eu enfio minha cara no travesseiro. —Mais cinco minutos.

—Você tem que se levantar agora, — ela puxa o edredom para longe de mim. —Mamãe disse.

—Ei! Está frio.

—Não grite; mamãe está com uma enxaqueca. Tentei te acordar de forma agradável, mas você não se moveu.

Eu balanço minhas pernas para um lado da cama e me sento. Não há teias de aranhas à vista, sem pétalas de rosa no carpete. Cassie está no necrotério, uma fenda na barriga e drenada como um peixe recém capturado. Não aconteceu.

Eu tremo, puxo o cobertor para cima, e o envolvo em torno de meus ombros. —Onde está o meu pai?

—É Terça Feira, boba. Dia de squash[9]. Por que a abobrinha é o único vegetal que tem um jogo com seu nome?

Merda. Terça Feira.

—Onde Jennifer está?

—Secando o cabelo. Aonde você vai?

É Terça Feira.

Eu desço as escadas correndo até a lavanderia, o mais longe dos ouvidos de Jennifer que eu posso ir. Eu abro a torneira, magra em cima da pia, e bebo até que minha barriga seja um grande balão de água. Eu velejo pela maré em direção a cozinha, muito pesada com o lastro, ondas salpicando.

Quando Jennifer aparece com o cabelo seco e delineador desleixado, eu estou na primeira xícara de café do dia. Preto. Eu tenho o prato sujo de meu pai em frente a mim, então parece que eu comi torradas e geléia.

—Enxaqueca? — eu pergunto.

Ela acena com a cabeça uma vez, estremece, e coloca uma caneca de água no microondas.

Minha pequena não-irmã empurra uma caixa de sapatos diorama através da mesa para mim. —É um coliseu na Grécia, — ela diz. —Onde torturaram pessoas e os deram de comida para os tigres.

—Parece com o ensino médio, — eu digo.

—Isso não é engraçado, — Jennifer diz. —E é o Coliseu Romano, em Roma, não na Grécia. Pare de tocá-lo, Emma. A cola

[9] abobrinha em inglês é squash

ainda não secou. — O microondas bipa. Ela pega a caneca, estatela um saco de chá que cheira como limões, olha para o relógio e diz, — Venha, Lia. Lá em cima.

A segunda vez que me deixaram sair da ~~prisão New Seasons~~ clínica, seis meses atrás, eu me divorciei da ~~minha mãe~~ Drª. Marrigan e me mudei para Jenniferland.

Uma vez passado o choque, papai gostou da idéia. Seria um novo começo, ele disse. Com uma rotina previsível e alguém que sabia cozinhar. Em cada manhã de verão eu fiz à boa-filha confusa na cozinha e me sentava à mesa do café com meu pai (dos papéis de licença: —as refeições familiares devem ser leves e agradáveis"). Ele me deu uma palestra sobre sua mais recente pesquisa sobre a vida entediante de algum cara morto enquanto eu comia pequenas garfadas de omelete de cogumelos e mordiscava o bagel de canela com manteiga.

Os médicos disseram para papai comprar uma Bubbler-O-Meter 3000, uma balança de banheiro com um mostrador gigante que era fácil de ler. Jennifer tinha que fazer o trabalho sujo, pesando-me no meu esfarrapado robe amarelo para ter certeza que eu estava engordando. Nos primeiros meses, ela mediu meus pecados todas as manhãs e ligava para meu médico para informar os resultados uma vez na semana. Os números feios me faziam chorar.

Cada pesagem se tornou cada-outro-dia de pesagem que *se tornou cada-Terça de pesagem porque nenhuma de nós queria fazer isso em primeiro lugar.*

Eu visto o robe amarelo no meu quarto e tenho certeza de que os pedaços que eu costurei nos bolsos não estão os deixando inclinados. Quando eu chego ao banheiro, Jennifer está ajeitando o delineador em frente ao espelho. Eu subo na balança.

48 Kg falsos.

Ela anota o número no caderninho verde que vive no armário ao lado da pomada antibacteriana, então, folheia as vinte e quatro semanas de humilhantes pesos registrados. —Está um pouco abaixo do esperado.

—Além de problemas, no entanto.

—Um, hmm. — O caderninho volta ao armário. A capa está começando a se desprender das espirais.

Eu desço da balança e mudo de assunto. —Posso levar Emma para tomar sorvete depois da escola?

Sua boca se entreabre, mas as palavras não saem.

Emma está com nove anos. Emma está cheinha. Cheinha, não robusta, não pesada, não gorda. Ela tem grandes ossos – que nem seu pai, ela diz – e sua fofurice é perfeita. Emma deveria ser uma modelo; nós ouvimos isso um milhão de vezes em concertos escolares e torneios de futebol. Ela é a nova média americana, uma garota de carne com olhos de chocolate M&M, e cabelo que salta, e um rolo de amor em torno de sua barriga.

Jennifer pensa que Emma está ~~gorda~~ cheinha, mas ela não tem coragem de dizê-lo.

—Uma colher, — eu prometo. —Em um prato.

—Hoje não, — seu batom está sangrando nos cantos de sua boca. Ela puxa um lenço de papel da caixa e se inclina para o espelho a fim de reparar os danos. É um espelho antigo com pequenas ondas em sua superfície. Às vezes, pode fazer você parecer uma elegante princesa presa no tempo. Outras vezes, faz você parecer um porco.

Eu puxo a cortina do banheiro e ligo a água. Jennifer apaga, apaga, manchas. —Chloe ligou, — ela diz. —De novo.

—Aqui?

—Não. Escritório de David.

Eu ponho a água mais quente. Eu não gosto do jeito do nome da minha mãe na boca dela.

—Você ouviu o que eu disse?

—Você disse que mamãe ligou para o papai.

—Você me prometeu ontem que ligaria para ela.

Sento-me na borda da banheira e testo a temperatura com meus dedos. —Desculpe. Eu esqueci.

—Não se preocupe com isso. Ela quer que você a visite neste fim de semana, para passar a noite. Ela disse que está na hora de vocês duas tentarem novamente, especialmente com a morte de Cassie. Ela está muito preocupada com você.

—Não.

O reflexo de Jennifer franze as sobrancelhas para mim. Ela ainda está aprendendo como fazer o seu caminho através do campo

bombardeado que se situa entre ela e a Mitológica Esposa Número Um. Mas, ela ganha uma estrela por tentar.

Ela respira profundamente. —Eu acho que é uma boa idéia.

—Eu não acho.

—Vamos lá, Lia, você deveria ...

—Você não deveria dizer isto. — O vapor sobe. Eu quero me despir e cozinhar a mim mesma, mas se ela me vir nua, ela vai ficar puta, e se eu ficar no chuveiro usando meu robe, ela vai ficar mais puta ainda. —Drª. Parker diz que eu não devo deixar ninguém 'dever' por mim.

—Eu sinto muito, — ela limpa uma mancha clara no espelho. —Eu estou apenas tentando ajudar.

—Eu sei.

Quando ela casou com meu pai, eu era a visitante uma-vez-no-mês que limpava a cozinha sem me pedirem e bancava a babá gratuitamente. Eu aposto que ela queria ter escrito uma cláusula de fuga no acordo pré-nupcial.

—O que papai disse à mamãe? — eu pergunto.

—Ele disse que ia falar com você.

A água cai, dezenove litros por minuto para o ralo. Jennifer está desaparecendo por detrás da parede de vapor.

—Vá apenas por uma noite,— sua voz está pegajosa, como se o batom tivesse sangrado em sua boca. —Chegue lá na hora do jantar no Sábado, e volte para casa depois do café da manhã.

Eu abro a minha boca para pedir-lhe que vá ao funeral comigo, para ir ao velório comigo amanhã, para me ajudar a descobrir se eu devo ligar para os pais de Cassie ou se isso pioraria as coisas. Eu abro minha boca, mas o vapor entra e ferve as palavras para longe.

—Você disse alguma coisa? — ela pergunta.

—Você vai à loja hoje?

—O quê?

—Você vai à loja? Estou sem absorvente interno, — uma total mentira, desvio brilhante.

—Claro. Eu pego alguns. Vai ligar para Chloe?

—Ligarei para ela esta tarde. Agora, se você não se importa... — Eu me levanto e pego o cinto do meu robe.

Ela caminha pelo cômodo, deixando a porta entreaberta. — Obrigada, querida. Direi a David.

Eu fico parada entre o vapor até que eu sei que ela desceu as escadas.

—Não me chame de 'querida'.

◂ 013. 00 ▸

Eu desligo o chuveiro. Nuvens pairam no ar. Lágrimas descem espelho abaixo, nas paredes, e janelas também. Eu espero pelo som mágico da porta da garagem fechando e então conto enquanto o carro dela desce a entrada da garagem e se dirige para Park Street Elementary.

... Depois que reduziram as pílulas verdes e laranjas por que eu era uma garotinha muito, muito boa, o nevoeiro diluiu em minha cabeça e meu cérebro voltou ao CONTROLE. Demorou um pouco para me acostumar com a vida em Jenniferland. Sempre havia pessoas ao redor, por qualquer coisa. Jennifer tinha amigos. Papai jogou churrasqueiras. Emma os infernizou até eles me deixarem ser sua babá, exceto durante as manhãs que eu tinha que ir à escola de verão.

Meu pai (—quarenta e nove, filha – você parece ótima") me comprou um carro novo (—três anos de idade, 128 quilômetros, mas os pneus são novos e muito seguro"), assim eu poderia levar Emma para a piscina e para o futebol e para a casa de suas amigas. Não era como se eu tivesse outro lugar a qual ir. Cassie tinha me largado. Meus outros amigos tinham desaparecido enquanto eu não prestava atenção. Papai me prometeu um monte de viagens de carro para me fazer sentir-me melhor. Nós estávamos indo assistir ao nascer do sol sobre o oceano, ouvir Boston Pops, dirigir até o Canadá para uma xícara de café e virar em torno e dirigir até em casa. Ele foi tão convincente, que eu realmente acreditei nele durante um tempo.

Mas, então seu editor se recusou a mudar novamente o prazo de seu livro e ele teve que assumir uma sessão de turma de verão e nós não iríamos mais a lugar nenhum.

Meu carro me levou a uma loja de suprimentos médicos onde eu comprei uma mortalmente precisa balança digital. Uma que não poderia ser violada, *ao contrário da Bubbler-O-Meter 3000...*

Eu retiro a balança real de seu esconderijo no meu armário e a levo de volta para o banheiro. Peso deve ser medido em uma superfície dura. Os telefones tocam, um em cada cômodo da casa, ding-dong soa o toque natalino. A secretária eletrônica atenderá.

Eu faço xixi retirando a água extra de dentro de mim e me dispo. Eu estou com um 1m, 5 cm de altura, um pouco mais baixa que no ano de caloura. Foi quando minha menstruação parou, também. Eu finjo ser uma adolescente com gordura saudável. Eles fingem serem meus pais. ~~Está tudo bem~~.

Eu fecho meus olhos.

Enquanto eu subo na balança, Jennifer adverte Emma sobre sorvetes.

Enquanto eu subo na balança, Emma teme baunilha.

Enquanto eu subo na balança, meu pai balança sua raquete e pontua.

Enquanto eu subo na balança, mamãe se torna uma estranha.

Enquanto eu subo na balança, as sombras ficam mais perto.

Enquanto eu subo na balança, Cassie sonha.

Eu abro meus olhos. 44.900 kg. Estou oficialmente de pé na Meta Número Um.

Ha.

Se meus médicos soubessem, eles me levariam e me jogariam de volta para o tratamento. Haveria consequências e repercussões porque (uma vez) eu quebrei as regras do tamanho perfeito de Lia. Eu devo estar tão grande quanto eles querem. Eu deveria repetir minhas afirmações como encantamentos para conduzir as vozes desagradáveis para fora de minha mente. Eu deveria me comprometer em me recuperar como uma freira promete seu corpo e sua alma em um convento.

São idiotas. Este corpo tem um metabolismo diferente. Este corpo odeia se arrastar em torno das fileiras que eles põem ao redor. Prova? Com 44 kg eu pareço mais clara, mais bonita, mais forte. Quando eu alcançar a próxima meta, serei tudo isso, e muito mais.

A Meta Número Dois são 42 kg, o perfeito ponto de equilíbrio. Com 42 kg, eu serei pura. Leve o suficiente para andar com minha cabeça levantada, sólida o bastante para enganar todo mundo. Com 42 kg, eu terei forças para permanecer no controle. Eu estarei escondida nas pontas das minhas sapatilhas de cetim de balé, fitas rosas costuradas em minhas panturrilhas, e me elevarei sobre o ar: mágico.

Aos 40 kg, eu subirei. Essa é a Meta Número Três.

Cassie observa, meio escondida na cortina do chuveiro.

—Desista, — ela sussurra.

◂ 014.00 ▸

Estou atrasada novamente, e sonhando a meio caminho da porta (44! 44! 44! Amanhã serão 43!) quando a luz vermelha piscando me pega. A secretária eletrônica. Não é problema meu. Jennifer olhará quando chegar em casa.

Mas, e se *for* Jennifer me pedindo para ir buscar Emma depois da escola novamente? Ou meu pai, precisando de alguns papeis importantes que esqueceu. Ou Cassie –

Bem, não. Não é Cassie.

Eu ponho minha mochila no chão, atravesso de volta pela cozinha congelada, e aperto PLAY.

—Hmm, alô? Espero que este seja o número certo.

A voz de um cara. Profunda. Ninguém que eu conheça.

Ele tosse uma vez. —Eu estou procurando por alguém chamada Lia. Hmm, Lia, se esta é sua casa, bem, duh, e se não for a sua casa, você não receberá esta mensagem, vai? Você pode ligar para o Gateway Motel, ou parar aqui se for perto? Pergunte por mim, Elijah. Prometi a Cassie que iria - "

A secretária eletrônica corta a voz dele.

Eu vesti um dos grandes moletons de meu pai por que não consigo parar de tremer. Eu escuto a mensagem uma dúzia de vezes antes de ligar para a enfermeira da escola e dizer-lhe que estou tendo um dia muito ruim de fato, e que estou no meio do caminho

para uma consulta de emergência com minha psiquiatra. Ela diz que vai dizer ao escritório.

Eu pego minhas chaves.

◂ 015.00 ▸

Eu dirijo pelos últimos jardins ainda presos entre feriados, alguns com perus infláveis no gramado, outros com bonecos de neve e chiques guirlandas na porta da frente. Cada caixa de correio tem um sistema de segurança pregado nela. Este bairro não é tão caro quanto aquele em que Cassie e eu crescemos, mas ele tenta duramente.

O carro nos conduz até o atalho. Eu sei que vou me perder. Eu sempre me perco. Eu deveria ter anotado os endereços.

Quem é esse cara e como ele conseguiu meu número e isso é uma fraude e eu deveria chamar a polícia?

Eu ligo o aquecedor para ASSAR. A primeira saída me leva para um grupo atarracado de prédios de escritório com um estacionamento meio vazio. Eu recuo até 101. A próxima saída me levaria à faculdade e, com a minha sorte, eu correria direto para meu pai ou seus alunos pós-graduados.

Terceira saída: River Road. Vire à direita. Os primeiros quarteirões são pontilhados com lojas de família: um salão de beleza, uma loja com duplo desconto, uma lanchonete, uma loja de colchões, escola de caratê, móveis de aluguel. Na lavanderia, um garotinho com uma garrafa saindo de sua boca está em uma cadeira com suas duas mãos sobre a janela de vidro. Ele sorri e a garrafa cai. Atrás dele, uma mulher joga roupas de uma sacola de lixo preta na máquina de lavar. Eu marcho pelo terreno, passando por árvores de

cedro e por uma igreja de tábuas. Alguns quilômetros depois – clico no sinal de volta, checo os espelhos – viro à esquerda até o lote do Gateway Motel. Há uma abundância de lugares para estacionar.

O edifício me faz lembrar da caixa de sapatos diorama de Emma. Buracos são cortados a cada par de pés: buracos gordos para janelas, buracos magros para portas. Os estuques descascados das paredes estão manchados com a ferrugem das calhas de gotejamento. O escritório está no final, um letreiro de neon vermelho piscando na janela: VA AS.

Saio do carro, tranco a porta, e sigo para o escritório, evitando uma carcaça de um pássaro com algumas penas.

016.00

Está tão frio no saguão quanto lá fora. A mesa de registro tem um buraco do tamanho de uma bota nela. Atrás dela, um velho está sentado com um pente ruim na cabeça e óculos grossos, lendo o jornal. A pequena TV presa na parede tem uma imagem irregular e sem som. Um maltratado telefone público está montado sobre uma prateleira com alguns desbotados folhetos turísticos para Canobie Lake Park, Robert Frost Farm, e o Museu de Motoneve de Nova Hampshire. Em uma porta está marcado PRIVADO e em outra diz BANHEIRO – APENAS CONVIDADOS.

Eu não deveria estar aqui. Eu deveria estar em Trigonometria. Não, em História. Eu deveria voltar para o carro e dirigir até a escola, diminuindo nas faixas de pedestres e parando nos sinais amarelos. Obedecendo todos os limites de velocidade.

—Sim? — o homem olha para mim e aperta os olhos. —Você quer um quarto?

Eu balanço a cabeça. —Não, senhor.

—Bem, então o que você quer? — sua voz está molhada com alcatrão. —Veio ver onde ela morreu? — não é a voz da secretária eletrônica.

Eu dou um minúsculo aceno de cabeça.

—Dez dólares para dar uma espiada, — ele estende a mão e vira os dedos em direção a sua palma.

Eu abro minha carteira. —Só tenho uns cinco.

—Isso vai dar. — Depois que eu entrego as notas, ele grita — Lie-juh!"

A porta do banheiro se abre. O cara que sai parece um par de anos mais velho que eu, e é quase 30 cm mais alto, com espesso cabelo preto que cai sobre seus ombros e óculos de aro preto. Sua pele é açúcar branco e, sobre uma fina barba, seu rosto está quebrado como um campo de lava. Ele está usando botas com pontas de aço, largas calças pretas de trabalho, e uma camisa dos Patriots com um rasgo na gola. Seus olhos são da cor de fumaça e estão rodeados com delineador grosso. Um alargador de madeira marrom preenche o lóbulo de sua orelha esquerda.

Ele balança a chave prata em suas mãos e sorri. —Você tocou, seu Slimeship?

Essa é a voz.

—Ela quer ver, — diz o homem mais velho, fixando meu dinheiro em seu bolso. —Mostre-lhe.

A atitude arrogante é drenada, e seu sorriso desaparece. Ele coloca a chave no balcão e murmura, —Siga-me.

Quando eu saio, o velho grita: —Não roube nada. Tudo isto é propriedade do motel.

Passamos por portas de metal, 103, 105, 107. Está faltando a maçaneta da 109. A 111 está pichada com tinta spray preta, mas não consigo entender o que está escrito.

O cara para tão de repente em frente à porta 113 que eu bato em suas costas.

—Desculpe.

—Sem problemas. — Ele desprende um pesado molho de chaves de seu cinto, balançando a cabeça. —Você está aqui em uma aposta?

—Perdão?

—Um garoto veio aqui uma hora atrás, — ele mantém os olhos em suas mãos, procurando entre as chaves. —Seus amigos o desafiaram.

Ele pega uma chave entre o polegar e o dedo indicador deixando as outras deslizarem pelo molho. —Ele queria ver se havia sangue.

Folhas marrons passam correndo por nós. O vento sopra meus cabelos na minha cara. Eu os ponho atrás das orelhas. —Você estava aqui...?

Ele enfia a chave na fechadura, de costas para mim, a voz estável como a de um guia de museus. —Eu tive a noite de folga. Assisti basquete em um bar no centro, depois fui para a casa de um cara jogar pôquer. Ganhei oitenta dólares. Deu-me um inferno de um álibi. — A porta range enquanto ele a abre. —Já descobriram o que a matou?

Eu balanço a cabeça. —Acho que não.

Há rajadas de vento novamente. —Espero que tenha sido rápido.

O cômodo atrás dele está cheio de escuridão. Eu tremo. Essa é a última porta que Cassie atravessou. Ela entrou viva e saiu morta.

Eu não devia ter vindo aqui.

—Você tem um nome? — ele pergunta.

—O quê? Eu? — eu tremo tanto que meus dentes chocalham. Eu não conheço esse cara e eu não sei por que ele quer falar comigo. —Sim, hmm, eu sou Emma. Você?

—Elijah.

Eu envolvo meus braços ao meu redor. —Ela estava chateada quando se registrou?

Ele balança a cabeça. —Não a vi até que fosse muito tarde. Eu moro no 115. Quando voltei depois do jogo de pôquer, encontrei a porta aberta e as luzes ligadas. Encontrei-a.

Eu me movo para longe dele, apertando os olhos fechados. Tudo em meu corpo dói, como se eu estivesse gripada, ou como se o ar que corre para fora do 113 estivesse me infectando com alguma coisa. Meu coração bate contra sua gaiola de osso, mais e mais, sangue escorre para baixo até as rachaduras no chão.

—Eu verifiquei o pulso, — continua. —E chamei o 911.

—Pare, — eu sussurro.

Ele regurgita sua história mastigada para mim, outro cliente pagando para se banquetear sobre a loira morta. Caminhe em direção ao show de aberração, faça um vídeo com seu telefone, publique o sangue. Aperte o laço de arame escondido debaixo de sua clavícula.

Eu abro meus olhos e olho ao redor. Ele está dentro, nas sombras, alcançando a luz sobre a cômoda.

—Eu disse para parar, — eu digo em voz alta. —Eu não quero ver mais nada. — Eu me afasto, as pernas tremendo. —Eu tenho que ir agora.

—Ei, — ele chama depois de mim. —Volte.

Eu zumbo para mim mesma para abafar a voz dele.

—Ei!, — ele grita. —Você conhece uma garota chamada Lia?

Eu paro, a mão na porta do carro. —O quê?

Ele corre até mim, parando alguns passos a frente do pássaro morto. —Eu estou procurando por alguém chamada Lia. Ela pode ir para a mesma escola que você.

—Por quê?

Ele cruza os braços sobre o peito e treme uma vez. O vento mudou para o norte. —Eu só estou tentando encontrá-la.

O pássaro agita suas asas, ossos chocalhando como dados.

—Desculpe, — eu digo. —Nunca ouvi falar dela.

◂ 017.00 ▸

O cinema está vazio, exceto por mim na fila de trás e três ~~babás~~ mães com crianças pegajosas na frente. A luz projetora pega uma galáxia de espiralados flocos de pele e cascas de pipoca no ar. Animes mutantes combatem caras maus na tela, uma barata matinê de Japanimação.

Eu abro a sacola da farmácia.

Duas das ~~babás~~ mães conversam entre si, enquanto a terceira fala ao celular. As crianças pulam para cima e para baixo em seus assentos. Acima deles, monstros robôs destroem uma aldeia. Os heróis de olhos grandes se transformam em pessoas-raposas que disparam fogo de suas patas.

Eu pego a caixa de lâminas de barbear para fora da sacola.

:: Estúpida/ feia/estúpida/ vadia/ estúpida/ gorda/ estúpida/

bebê/ estúpida/ idiota/ estúpida/ perdedora/ estúpida/ perdida ::

Um monstro robô roxo joga um caminhão em um cara-raposa. Os alto falantes vibram como ecos de trovões quando o caminhão cai no chão. As crianças na platéia não estão nem mesmo assistindo. Elas estão brigando sobre sua pipoca e doce, e se lamentando sobre ir ao pinico.

A caixa se abre e as lâminas deslizam para fora, doce sussurro.

Aquele costumava ser meu corpo inteiro, era meu quadro – cortes quentes lambendo minhas costelas, degraus subindo em meus braços, grossos oficiais-de-sala jogando talos em minhas pernas. Quando eu me mudei para Jenniferland, meu pai deu uma condição. Uma filha que esquece como comer, bem, era ruim, mas tinha sido apenas uma fase e eu já tinha superado. Mas, uma filha que abre sua própria pele, querendo deixar sua casca cair até o chão então ela poderia dançar? Isso era apenas doentio. Sem cortes, Lia Marrigan Overbrook. Não sob o teto de papai. Linha de fundo. Trato desfeito.

Os heróis-raposas na telona transformaram seus olhos em raios. Eles rangeram os dentes e estremeceram quando os monstros os jogaram contra a montanha, mas eles sempre, sempre voltavam, tocavam seus lenços vermelhos e riam.

Toda a maldade fervia em minha pele, avaras bolhas de gingerale[10] lutando para respirar. Eu desabotoo meus jeans, abrindo um dente do zíper de cada vez. Eu me viro para a direita e puxo para baixo o elástico da minha calcinha. Arqueio meu quadril esquerdo para cima, brilhando azul à luz do filme.

:: Estúpida/ feia/estúpida/ vadia/ estúpida/ gorda/

estúpida/ bebê/ estúpida/ perdedora/ estúpida/ perdida ::

Eu escrevo três linhas, *silêncio silêncio silêncio*, em minha pele. Fantasmas pingam para fora.

[10] refrigerante a base de gengibre

Os mutantes entram em vários jatos e seguem os monstros para um asteróide. Uma ~~babá~~ mãe arrasta a criança que tem que fazer xixi até o saguão.

Eu coloco a lâmina de volta na caixa, e coloco a caixa de volta na sacola e pressiono minha mão contra os cortes molhados até que os créditos apareçam. Pouco antes das luzes acenderem, eu ponho meus dedos em minha boca.

Eu tenho gosto de bairros sujos.

◂ 018.00 ▸

Depois de um dia perdido em um pesadelo, o carro me leva para longe do cinema, da farmácia, e do motel que tritura garotas em pedaços de tamanhos de mordidas. Nós voltamos para a estrada e para os morros, subindo para as casas McSame do Castle Pines, voltando para a casa de meu pai localizada nas nuvens.

Os três estão sentados ao redor da mesa da sala de jantar, velas saltando para a música de espineta[11] que sai dos alto falantes. O ar está úmido com jantar – sobras de peru, couve de Bruxelas fedido, salada, pães de grão integral, e batatas queijosas, as favoritas de Emma. Uma refeição familiar para lembrar-nos que somos uma família. Nós não somos um reality show (ainda), ou estranhos partilhando uma casa e dividindo as contas. Nós não somos um motel.

Há um lugar vazio através da mesa, de Emma – prato, guardanapo de papel, garfo de aço inoxidável, faca, colher. Mamãe ficou com a prata boa quando meus pais se separaram. Ela veio de Nanna Marrigan, que dizia que comida servida em utensílios baratos tinha gosto metálico. Ela estava certa.

Papai olha para cima, um pedaço de peru dependurado em seu garfo. —Você está atrasada, filha. Sente-se.

—Eu fiquei até mais tarde para trabalhar em um projeto. Posso comer lá em cima? Estou cheia de lição de casa.

[11] instrumento musical, da família de cravos, semelhante a um piano

Emma quica em sua cadeira. —Eu fiz as batatas, Lia. Quase sozinha.

Jennifer concorda. —Por favor, Lia. Há um tempo que não tivemos um bom jantar.

Meu estômago aperta. Não há espaço dentro de mim para isso.

—Eu usei o descascador e uma faca, — Emma sorri tanto que o vidro cai do candelabro vibrando. —Mamãe desfiou.

—Isso é incrível, — eu puxo minha cadeira e sento. —Se você as fez, elas devem ter um gosto bom.

Papai engole e pisca para mim.

—Posso pegar a salada? — eu pergunto.

Ele me passa a caçarola cheia de molho e com sobras de peru. Eu tenho que usar as duas mãos para segurá-la, por que ela pesa mais que tudo na mesa, mais até que a própria mesa, mais que o candelabro e que o armário customizado que guarda a coleção de manequins de vidro de Jennifer.

Eu ponho a louça perto do meu prato. O triângulo PapaiEmmaJennifer se fixa em minha mão alcançando o garfo. Eu pego uma fatia de carne cozida cheia de gordura, molho de sangue (250), e a deixo cair em meu prato. *Splat.*

Eu ofereço a caçarola para Jennifer. —Quer outro pedaço?

Ela a põe no meio da mesa e conduz a conversa de volta aos problemas de Emma com divisões grandes.

Papai nem sequer tenta esconder o fato de que está olhando para meu prato.

Eu pego um pão de trigo integral (96) do cesto e duas couves de Bruxelas amanteigadas (35), apesar de eu odiá-las. Em Jenniferland, eu sou Um Exemplo e devo pegar pelo menos duas porções de tudo. Eu ponho o pão na borda do prato, as couves de Bruxelas às duas horas e quatro minutos, equidistante. Eu me levanto, assim posso alcançar as batatas queijosas e pegar uma repugnante colher de laranja (70) ao lado do peru.

Só por que eu ponho isto no prato, não quer dizer que eu tenha que engolir. Eu sou forte o suficiente para fazer isso ~~as batatas cheiram tão bem~~ fique forte, vazia vazia ~~as batatas cheiram~~ forte/vazia/forte/respire/finja/aguente.

Eu preencho o resto do espaço com salada, pegando cogumelos extras e deixando as azeitonas na tigela. Cinco cogumelos = 20. Como cinco cogumelos mágicos e bebo um grande copo de água e eles florescem em sua barriga como esponjas coloridas de alta profundidade.

Forte/vazia/forte.

Jennifer pergunta a Emma quanto dá quarenta e oito dividido por oito. Emma morde seu pão. Papai acena para meu prato cheio e diz à Emma que a questionará depois da sobremesa. —Mesmo professores de história tem que saber multiplicar e dividir, Emmakins.

Eu abro meu guardanapo no colo, então corto meu peru em dois pedaços, depois em quatro, depois em oito, depois em dezesseis boas porções. As couves de Bruxelas são divididas em quatro. Eu raspo o queijo de uma fatia de batata – que não vai me matar, batatas raramente causam morte – e enfio em minha boca e

mastigo, mastigo, mastigo, sorrindo através dos acres[12] da toalha de mesa. Papai e Jennifer observam a divisão em meu prato, mas não dizem nada sobre isso. Quando eu primeiramente me mudei, isto teria sido chamado de ―comportamento desordenado" e a voz de Jennifer aumentaria o tom e papai giraria sua aliança de casamento em torno e em torno de seu dedo. Agora, isso caiu para a categoria de ―em batalhas não vale a pena brigar, por que pelo menos ela está sentando-se à mesa e comendo conosco, e seu peso não caiu na zona de perigo.

Eu largo minha mão esquerda no meu colo, sob o guardanapo, sob minha cintura, e encontro as três linhas com crostas, desenhadas em ordem e verdadeiras. A cada mordida eu pressiono meus dedos nos cortes.

―Você fez um ótimo trabalho, ― eu digo à Emma. ―As batatas estão maravilhosas.

Enquanto papai reclama sobre um professor de Chicago que acaba de publicar um livro que é exatamente igual ao que papai está escrevendo, eu afasto a comida da posição da uma hora para a das duas, então às três horas bordeiam meu prato. Eu espremo o molho nos dentes de meu garfo.

Jennifer pede para Emma dividir cento e vinte e um por onze. Emma não consegue.

Eu mastigo a comida dez vezes antes de engolir. Carne em minha boca, mastigo dez vezes, alface em minha boca, mastigo mastigo mastigo mastigo mastigo mastigo mastigo mastigo mastigo mastigo, couve de Bruxelas ensopado, pedaço de cogumelo,

[12] tipo de medida equivalente a 4047m²

mastigo, mastigo, mastigo. Eu tomo um gole do leite, deixando meu lábio superior marcado e provando que todos nós estamos bem.

—Você pode calcular cem dividido por dez? — Jennifer pergunta.

Uma lágrima rola pela bochecha de Emma e cai em suas batatas queijosas. Papai pausa seu discurso e ergue as mãos. —Sem lágrimas, Emma. Lia, levou um certo tempo para memorizar essa coisa, também, mas ela conseguiu no final.

Essa é a minha deixa. —Você sabe o que me salvou? — eu pergunto. —Calculadoras. Enquanto tiveres uma calculadora, ficarás bem. Confie em mim, não vale à pena chorar por causa de matemática.

Jennifer me atira um meio olhar, mais afiado que o normal, e derrama outro copo de água. —Você não teve um teste hoje?

Eu fatio a parte mais fina da batata. —Física. Ele adiou. Ninguém entende a velocidade da luz. Como vai a enxaqueca?

—Como um rebanho de gado estourando em minha cabeça.

—Ai, — eu digo. Emma tenta cortar uma couve de Bruxelas com seu garfo, mas a couve pula de seu prato e rola pela mesa em direção a mim. Jennifer estremece quando o garfo chia através do prato. Eu lanço a couve fugitiva para Emma, que a pega com uma risadinha e enxuga os olhos na manga de sua roupa.

Jennifer se aproxima para pegar a couve da mão de Emma, e derruba o copo de leite. Emma recua quando o leite inunda seu prato, e então ensopa a toalha de mesa e começa a pingar no tapete novo.

O telefone toca. Jennifer enterra sua cabeça em suas mãos.

Papai se levanta. —Deixe a secretária eletrônica atender, — ele diz. —Eu vou limpar a bagunça.

Jennifer respira profundamente e vai para a cozinha. —Eu odeio pessoas que resguardam suas ligações. Eu vou atender.

Papai esfrega o derramamento, dá uma tapinha nas costas de Emma, e diz a ela que era apenas um copo de leite. Eu varro meu pão e metade da carne para meu guardanapo, o dobro e o coloco em meu colo.

Jennifer volta com sua boca em um perfeito nó. —É ela. — Ela mantém o telefone longe de papai.

Jennifer não é a razão do divórcio de meus pais. A razão chamava Amber, e antes dela, Whitney, e antes dela, Jill e outras. Quando mamãe finalmente o chutou, papai foi para um novo banco abrir sua própria conta corrente. Jennifer trabalhava lá. Ele estava tão magoado que voltou lá toda dia por uma semana, fazendo perguntas idiotas sobre empréstimos por uma propriedade e IRAs. Eles estavam casados antes mesmo que eu pudesse me acostumar com o fato de que meus pais estavam separados.

Papai pega o telefone. —Olá? Espere.... Chloe eu posso ouvir você – ”

Jennifer franze as sobrancelhas e balança a cabeça.

Ele recebe a mensagem. —Estávamos jantando, — ele diz enquanto sai, o telefone a sete centímetros de seu ouvido. —Sim, todos nós. Ela está lidando com isso muito bem.

Enquanto ele caminha pelo corredor, a música para. O aparelho de CD *clica duas vezes* e muda os discos: Tchaikovsky, o

Lago dos Cisnes. Jennifer diz para Emma limpar o molho de queijo do queixo.

019.00

Meia hora depois papai abre a porta para mamãe. A voz dela na sala me chicoteia para minha cadeira com videiras espinhosas. A última vez que a vi foi em 31 de Agosto, o dia em que fiz dezoito anos.

~~Eu não posso vê-la me ver agora~~ forte/vazia/forte.

O rompimento com minha mãe era a mesma velha história contada um milhão de vezes. Menina nasce, menina aprende a falar e andar, menina pronuncia palavras e cai. Muitas e muitas vezes novamente. Menina esquece-se de comer, perde a adolescência, a mãe lava as mãos da Garota, esfregando com sabão cirúrgico e com uma escova durante três minutos completos, em seguida usando luvas antes de entregá-la aos especialistas e dizer para eles fazerem testes à vontade. Quando a deixam sair, a Garota se rebela.

Mamãe entra na sala de jantar, e Jennifer desaparece, *puf!* Isso contrai as leis da física para ela, ocupar o mesmo lugar que a primeira esposa.

—Rodadas até tarde? — papai pergunta.

Mamãe o ignora e caminha em minha direção. Ela beija minha bochecha e me puxa para me estudar com sua escaneadora visão de Raios-X/MRI[13] /GATO. —Como está se sentindo?

—Ótima, — eu digo.

[13] ressonância magnética

—Eu tenho sentido a sua falta, — ela me dá outro beijo, lábios frios e rachados. Quando ela senta na cadeira de Jennifer, ela estremece. Seus joelhos agem quando o tempo muda.

—Você parece cansada, — ela diz.

—Panela chamando a chaleira preta, — eu digo.

Drª. Chloe Marrigan usa seu cansaço como um terno de armadura. Para ser a melhor, você tem que dar tudo o tempo todo, e então você tem que dar um pouco mais: cem horas por semana, achatando carregamentos de pacientes, operando milagres da mesma forma que outras pessoas viram hambúrgueres. Mas, hoje a noite ela parece pior que o normal. Eu não me lembro de ver essas linhas ao redor de sua boca. Seu cabelo amarelo cor de milho está domado em uma apertada trança francesa, mas alguns fios de cabelo cinza reluzem à luz de velas. A pele no seu rosto costumava ser ajustada como uma bateria. Agora, está um pouco flácida no pescoço.

Papai tenta uma pequena conversa novamente. —Foi uma cirurgia de emergência?

Ela acena com a cabeça. —Desvio quíntuplo. O rapaz estava uma bagunça.

—Ele fará? — papai pergunta.

Ela coloca seu Pager próximo ao garfo sujo de Jennifer. —É incerto. — Ela mede as três mordidas no peru no lado esquerdo de meu prato e as migalhas de pão que eu espalhei próximo a ele. —Lia parece pálida. Ela está comendo?

—É claro que está, — papai diz.

Levou sete frases dela para me irritar. Essa é uma realização Olímpica de qualificação. Eu fecho minha boca, me levanto, pego meu prato, pego o prato de meu pai, e saio da sala.

Jennifer e Emma estão na mesa da cozinha, uma pilha de cartões relâmpagos[14] entre elas, então o quiz sobre fatos de divisão pode continuar. Eu carrego a máquina de lavar louça tão lentamente quanto eu posso e transmito as respostas para Emma através de números desenhados no ar por trás das costas de Jennifer.

Papai me chama da sala de jantar. —Lia, volte aqui, por favor.

—Boa sorte, — Jennifer murmura enquanto eu saio da cozinha.

—Obrigada.

Eu coloco os talheres de Emma em seu prato, mas papai diz, —Não se preocupe com os pratos. Nós precisamos conversar.

Conversar = gritar + ralhar + discutir + exigir.

A Drª. Marrigan puxa as mangas de seu suéter de gola alta de seda verde para cima. Suas unhas estão curtas e polidas, os dedos mágicos ligados às mãos ligadas aos antebraços ligados com músculos de aço e tendões que levam a ombros, pescoço, e cérebro biônico. As pontas de seus dedos batem na mesa. —Sente-se, por favor, — diz ela.

Eu sento.

Papai: Sua mãe tem uma preocupação.

Mãe: É mais que uma preocupação.

[14] cartão com foto/desenho ou texto

Lia: Sobre?

Papai: Eu disse a ela que você tem estado bem desde que recebemos as notícias.

Lia: Ele está certo.

Mãe, a espinha não tocando as costas de sua cadeira: Eu estou com medo que a morte de Cassie possa provocar você. A pesquisa mostra –

Lia: Eu não sou um rato de laboratório.

Mamãe olha para a tela em branco de seu Pager, esperando que esteja desligado.

Lia: Paramos de nos falar meses atrás.

Mãe: Vocês foram melhores amigas durante nove anos. Não se falar por alguns meses não faz aquilo ir embora.

Lia olha para uma mancha na toalha de mesa.

Papai: Você sabe como ela morreu?

Mamãe pegando um pão do cesto: Cindy me ligará quando os resultados da autópsia chegarem. Eu me ofereci para explicá-los a ela.

Papai: Eu aposto que vai mostrar drogas.

Mãe: Talvez, mas esse é não é o ponto. O ponto é Lia.

Emma entra para dizer boa noite, seus olhos inchados. Papai a beija; Drª. Marrigan lhe dá um sorriso clínico. Eu a abraço apertado e sussurro que divisão grande é uma estúpida cabeça de cocô. Ela ri e me aperta apertado, e então corre para tomar seu banho. Jennifer fica de pé com as costas para Drª. Marrigan e para

mim e pergunta a seu marido algumas perguntas chatas sobre a coleta de lixo de amanhã e as meias dele na secadora, pequenos detalhes caseiros para lembrar que a Esposa Número Um é a que usa o anel de diamantes neste lugar.

Eu varro as migalhas da toalha de mesa para minha mão. Drogas não mataram Cassie, a não ser que tenha sido um par de garrafas de aspirina. Ou ela bebeu vodca até cair em coma. Ou ela cortou muito fundo. Ou talvez alguém a tenha matado, algum cara mau que a seguiu e roubou sua bolsa e esvaziou a conta corrente dela.

Não, isso estaria no jornal.

Eu deveria ter perguntado ao Elijah o que ele viu, o que a polícia realmente disse. Eu deveria ter lhe dito o meu nome. Mas, não. Eu não sei quem ele é, não de verdade. E se ele mentiu sobre ter um álibi, e se polícia achar que ele é um suspeito? E que tipo de cara vive em um motel assustador? Talvez ele tenha sido uma invenção de minha imaginação. O dia inteiro poderia ter sido um sonho-blecaute que eu girei para mim por que admitir que passei o dia inteiro na cama é patético.

É duvidoso.

Puf! Jennifer desaparece novamente.

Mãe pegando um pão do cesto: Eu não posso ir ao velório por causa do trabalho. Você irá?

Pai: Pode ser desagradável. Eu não converso com eles há anos.

Lia: Eu vou.

Mãe: Absolutamente não. Você está emocionalmente frágil. Eu pagarei nossos respeitos no funeral no Sábado.

Lia: Mas, você acabou de fazer uma grande cena sobre o tempo em que Cassie e eu fomos amigas.

Pai: Sua mãe está certa. Isso irá te chatear muito.

Lia: Eu não estou chateada.

Mãe: Eu não acredito em você. Eu quero que você veja a Drª. Parker com mais frequência. Ao menos uma vez por semana, talvez mais.

Lia, calmamente: Não. É um desperdício de tempo e de dinheiro.

Pai: O que você quer dizer?

Lia: A Drª. Parker está arrastando a minha terapia assim ela pode continuar recebendo.

Mãe pegando pedaços de grão do pão: Você está viva graças a Drª. Parker.

Lia, sangrando onde eles não podem ver: Pare de exagerar.

Mãe, deixando migalhas cair: Ela está voltando à negação, David. Por que você está deixando isso acontecer? Você não está apoiando sua recuperação, você está deixando isso entrar em chamas.

Pai: Do que você está falando? Nós estamos dando um apoio de cem por cento, não estamos, Lia?

Mãe, com olhos ácidos: Você a mima, você a deixa citar as regras.

Pai, mais alto: Você acabou de dizer que nós a mimamos?

Eles saltam para a batalha, os passos da dança queimando em sua memória muscular. Eu puxo uma vela para próximo de mim e empurro a cera macia do topo até a chama azul.

Meus pais se conheceram em uma festa de Verão em um lago nas montanhas. Papai estava terminando seu PhD e conhecia o dono da cabana. Mamãe teve uma rara noite de folga entre seu estágio e a residência. Ela e seus amigos estavam procurando por uma festa diferente e se perderam.

Quando eu era uma garota de verdade, eles se abraçavam comigo no sofá e me contavam a versão do conto de fadas de como eles se apaixonaram:

Era uma vez, nas margens de um lago roxo muito profundo que não tinha fundo, um homem viu uma moça com longos cabelos cor de ouro caminhando descalça na areia. A moça ouviu o homem cantando docemente e tocando violão. Foi o destino que fez seus caminhos se cruzarem.

Eles remaram uma canoa até o meio da água e riram. A lua viu quão bonitos eles eram e quão apaixonados estavam, e deu a eles seu próprio bebê. Logo após, a canoa teve um vazamento e começou a afundar. Eles tiveram que remar muito, muito, muito, mas eles conseguiram chegar à praia na hora certa.

Eles nomearam o bebê de Lia, e viveram felizes para sempre depois.

A pele na ponta de meu polegar repousa no limiar entre segurança e a chama.

A história real não é tão poética. Mamãe ficou grávida. Papai casou com ela. Eles não conseguiam se aguentar um ao outro

quando eu nasci. Eles eram deuses aleatórios que copularam em um mar vinho escuro. Eles deviam ter me transformado em um peixe ou em uma flor enquanto tinham chance.

Mãe: Ela parece como o inferno. Eu quero que ela volte a morar comigo até que ela esteja formada.

Pai, jogando o guardanapo na mesa: Oh, pelo amor de Cristo, Chloe...

Os dois vão brigar para sempre.

Eu sopro a vela.

Emma me ouve subir as escadas e me pede para assistir a um filme com ela. Eu ponho Band-Aids em meus cortes chorantes, ponho um pijama rosa e nós nos unimos, e me aconchego com ela debaixo de seu edredom de arco-íris. Ela organiza todos os seus bichos de pelúcia ao nosso redor em um círculo, todos de frente para a TV, e em seguida pressiona PLAY.

Quando ela adormece, eu zapeio os canais um após o outro após o outro.

Drª. Marrigan saiu uma hora depois, sem se preocupar em subir e dizer boa noite ou perceber que eu não tinha desempacotado a maioria das minhas caixas ou ver que boa quaseirmã eu posso ser. A porta da frente fecha rigidamente com um abafado *vomp* que empurra ar contra todas as janelas. Professor Overbrook aferrolha a porta e liga o sistema de segurança. Eu apago a luz de princesa ao lado da cama. Emma respira pela boca aberta.

Fantasmas não se atrevem a entrar aqui. Eu caio no sono com a cabeça em um esfarrapado elefante.

020.00

—Acorde, Lia! — Emma grita no meu ouvido. —Você vai se atrasar! Você vai ficar em apuros.

Estou embaixo do edredom tingido de Emma, minha cabeça no elefante. O quarto dela cheira a lençóis secos e gatos.

—Não vá voltar a dormir!

—Que dia é hoje? — eu pergunto.

—Você sabe, — diz ela.

Hoje é a quarta feira do velório.

A aula de História é uma palestra sobre genocídio, terminando com dez minutos de fotografias de crianças polonesas mortas pelos alemães na Segunda Guerra Mundial. Um par de meninas chora e os caras que usualmente fazem espertas observações bestas olham pelas janelas. Nosso professor de Trigonometria está profundamente, profundamente decepcionado com os últimos resultados de nosso teste. Temos outro ~~cochilo~~ filme em Física: *Uma Introdução a Impulso e Colisão.* Meu professor de Inglês enlouquece por que o governo está exigindo que façamos outro teste para avaliar nossas habilidades de leitura, por que somos alunos do último ano e muito em breve nós teremos que ler ou algo do tipo.

Eu como em meu carro: refrigerante diet (0) + alface (15) + 8 colheres de sopa de salsa (40) + ovo branco cozido (16) = almoço (71).

Dois minutos antes de a campainha soar para nos libertar no final do dia, os alto falantes me ordenam a ir ver a conselheira, a Srtª. Rostoff, na sala de conferências. A maioria das garotas do time de futebol feminino está lá também, junto com amigos de Cassie da equipe de teatro e um par de garotas do musical. Mira, minha parceira de estudo de espanhol do segundo ano, acena para mim quando eu entro. Ela estava em nossa tropa Girl Scout quando éramos pequenas.

Nós estamos aqui para compartilhar nossos sentimentos e discutir um memorial à memória de Cassie, —assim seu espírito viverá. — A sala está congelando.

A Srtª. Rostoff tem caixas de tecidos decoradas com gatos alinhadas sobre a mesa. Dois galões de ponche vermelho da loja de desconto e pequenos copos de papel estão dispostos em uma linda exposição próximos ao prato de biscoitos genéricos preto-e-branco. A Srtª. Rostoff acredita no poder de cura da comida. Ela me ama mais do que ninguém por que eu sou como uma bagunça, eu tenho que ver um psicólogo de verdade no mundo de verdade, e eu tenho que ir para a faculdade em que meu pai ensina, então me aconselhar levou apenas dois minutos.

As garotas do teatro sobem no sofá surrado e no tapete em frente a ele. O time de futebol rodeia em estranhas cadeiras da sala de conferência. Eu me sento no chão, perto da porta, minhas costas contra a saída do aquecedor.

Enquanto esperamos por retardatários, o time de futebol reclama sobre como não possuem tempo bastante na sala de musculação, as garotas do teatro reclamam sobre a nova diretora, uma prima donna que tem confundido nossa escola com a

Broadway. Eu meço-me; eu não posso atuar ou jogar futebol, e a maioria delas tem notas melhores que as minhas. Mas, eu sou a menina mais magra na sala, mãos para baixo.

Há uma pausa estranha entre as histórias e a sala fica muito quieta. Alguém peida baixinho. O calor entra.

Eu não sei como fazem isso. Eu não sei como alguém faz isso, acordar todas as manhãs e comer e se mover do ônibus para a linha de montagem, onde professores robôs nos injetam com Assunto A e Assunto B, e passam cada teste que eles nos dão. Nossos pais fornecem a lista de ingredientes e nos lembram de fazer escolhas saudáveis: um esporte, dois clubes, um objetivo artístico, serviço comunitário, sem notas abaixo de um B, por que realmente, ninguém é comum, não por aqui. É uma dança com complicados jogos de pés e mudança de tempo.

Eu sou a garota que tropeça na pista de dança e não consegue encontrar o caminho para a saída. Todos os olhos em mim.

A Srtª. Rostoff olha para o seu relógio. Ele mostra melhor a hora que o relógio na parede. —Tudo bem, garotas.

Uma garota do teatro levanta a mão – IMC 20. Talvez 19.5. Seus tênis estão pintados, um com um incrivelmente pequeno xadrez de mil cores, o outro com amarelos rostos felizes alternando com caveiras pretas. —Srtª. Rostoff? Podemos ter um momento de silêncio?

A Srtª. Rostoff calcula. Será que nossos pais reclamarão na diretoria da escola se ela permitir um ritual religioso em seu escritório? Ou eles gritarão se ela nos negar nossa liberdade de expressão religiosa?

—Todo mundo está de acordo?

Nós acenamos, as cordas ligadas à nossas cabeças se movimentando.

—Ok então. — Ela olha para o relógio novamente. —Um momento para Cassie.

As garotas do teatro e as jogadoras de futebol abaixam as cabeças. O faço, também. Devo rezar, eu acho. Eu nunca posso falar com momentos de silêncio. Eles são tão... silenciosos. Vazio.

Alguém funga e puxa um lenço da caixa. Eu espio através de meus cílios. Os olhos de Mira estão fechados apertados e seus lábios estão se movendo. Uma garota que eu nunca tinha visto antes enxuga o rosto com um lenço de papel Kleenex sujo do bolso. Uma jogadora de futebol pega seu telefone para ler um texto. A Srtª. Rostoff esfrega suas unhas artificiais contra o polegar, e em seguida olha o relógio novamente.

—Obrigada, todo mundo.

Ela ~~proclama as regras~~ estabelece os parâmetros de nossa discussão. Nós não falaremos sobre como Cassie morreu, ou por que, ou onde, ou quem nesta sala poderia ter feito algo para detê-la ou pelo menos retardar-la. Estamos aqui para celebrar a vida dela.

trinta e três chamadas.

A Srtª. Rostoff já arranjou uma página memorial no anuário, e ela escreveu um obituário para o jornal da escola. O time de futebol diz que elas estão dedicando o resto da temporada para Cassie, as duas semanas. As garotas do teatro querem um momento antes de o musical começar, quando as luzes da platéia apagarem e o palco estiver escuro, para acender uma única rosa em um vaso no centro do palco enquanto o coro canta —Amazing Grace, — e então a estrela da peça lerá um poema sobre a tragédia que é morrer cedo.

A ideia é reduzida à rosa em foco por um minuto e uma menção no boletim da peça.

—E você Lia? — Mira se inclina para frente para me ver melhor. —Você quer fazer algo especial? Vocês garotas, foram melhores amigas.

Fomos.

—Estas são grandes ideias, todas elas, — meus lábios dizem. —Mas, eu acho que a Srtª. Rostoff deve conversar com os pais de Cassie. Conseguir a opinião deles.

Desvio de sucesso. A conselheira fala sobre a perda da família e como nós podemos apoiá-los e como devemos estar lá uns para os outros e como sua porta está sempre aberta e as caixas de lenços sempre cheias. Antes de irmos, a capitã do time de futebol lembra o time de usar o uniforme no velório hoje à noite. Mira diz que todos do teatro irão de preto.

021.00

Estou vestindo uma malha azul marinho por baixo de manchadas calças jeans largas, uma grande camiseta de baixo, um suéter de gola alta, um moletom com capuz que eu roubei do armário de meu pai, e minha jaqueta, com uma surpresa para Cassie enterrada no fundo de meu bolso esquerdo. E mitenes. Não é o que você veste para um velório.

Eu digo à Jennifer que eu não estarei em casa para o jantar por que eu tenho que fazer uma pesquisa na biblioteca com estúpidas fontes primárias, o que significa que eu tenho que usar um livro de verdade que provavelmente foi tocado por uns cem mil estranhos carregando só Deus sabe que cepas de vírus mutantes.

É uma mentira muito ruim, eu tenho certeza que ela vai explodir comigo por isso, mas ela está cheia até os cotovelos com papel machê ajudando Emma a fazer um templo grego.

Meu carro estaciona na biblioteca. Eu corro os dois blocos para a igreja, mantendo minha cabeça abaixada e meu cabelo no meu rosto. O sol se pôs uma hora atrás. O ar frio sopra com o cheiro de folhas queimadas e coisas mortas empilhadas em uma fogueira. Decorações vermelhas-e-verdes de Natal estão penduradas nos postes da rua e em todas as lojas.

Eu posso sentir as sombras saindo da escuridão, vindo para mim.

Na última vez que estive trancafiada, o psiquiatra do hospital tinha me feito desenhar um contorno real do tamanho de meu corpo. Eu escolhi um gordo lápis-cera da cor da pele de elefante ou de uma calçada com chuva. Ele desenrolou o papel no chão, papel de açougueiro que se enrugou quando eu me debrucei sobre ele. Eu queria desenhar minhas coxas, cada uma do tamanho de um sofá, em seu tapete. Os rolos na minha bunda e no meu intestino resmungariam sobre o chão e respingariam contra as paredes; meus seios, bolas de praia; meus braços, tubos de massa de biscoito escorrendo pelas costuras.

O doutor teria ficado horrorizado. Todo o seu trabalho, acabado, no loop infinito de lápis-cera cinza-meleca. Ele teria chamado meus pais e haveria mais consultas (corrida de fita métrica, milhares de dólares do seguro indo embora), e ele teria ajustado meus remédios novamente, uma pílula para fazer meu próprio-vigor maior, outro para deixar minha loucura menor.

Então, eu desenhei uma borrada versão de mim, uma fração do meu verdadeiro tamanho, dedos das mãos e dos pés contados, pedras em minha barriga, brincos bonitos, rabo de cavalo.

Ele puxou outra folha grande de papel do rolo e me fez deitar nele para que ele pudesse desenhar o meu exterior, em tamanho real. O lápis-cera abraçou apertado meus ossos e isso me fez tremer. Ele não se atreveu a se aproximar do interior de minhas coxas. Ele não especulou sobre o tamanho ou a condição de meus órgãos internos.

Eu peguei uma revista da mesa enquanto ele colava os desenhos na parede. Era uma revista de armas, estrategicamente colocada para enviar faíscas pelo ar que poderiam pegar fogo e

queimar/limpar toda a loucura de seus ~~pacientes~~ pacientes para fora.

Mesmo as pessoas feias na revista eram bonitas.

—Olhe aqui, — ele disse. —Que diferenças você vê, Lia?

A verdade? Ambas eram horríveis fantasmas cerosos no papel de açougue. Eu sabia o que ele queria ouvir. Ele não podia me ver ficar doente. Ninguém pode. Eles só querem ouvir que você está saudável, se recuperando, levando um dia de cada vez. Se você está preso a uma doença, você deve parar de gastar o tempo deles e simplesmente morrer.

—Lia? — ele perguntou novamente.

Os $$$$ estavam indo embora.

Eu recitei minhas falas. —O desenho que eu fiz está inchado e irrealista. Eu acho que tenho que trabalhar na minha auto-percepção um pouco mais.

Ele sorriu.

Eu descobri que meus olhos estavam quebrados muito antes disso. Mas naquele dia *eu comecei a temer que as pessoas responsáveis não pudessem ver, tampouco.*

Eu paro em frente à floricultura. No segundo andar, as luzes estão acesas no meu antigo estúdio de dança. Passei uma vida inteira olhando para os espelhos lá em cima. Eu me flexionava e saltava, e fazia uma reverência e uma curva; um bombom, um cisne, uma donzela, uma boneca. Depois do ensaio eu roubaria o livro de anatomia de minha mãe e ficaria nua no banheiro, traçando os

músculos que nadavam sob minha pele, procurando pelo lugar onde eles se diluíam em resistentes fitas de tendão ancoradas nos ossos.

A menina refletida de volta na janela à minha frente tem bicos de papagaios crescendo para fora de sua barriga e cabeça. Ela tem o formato de uma salsicha do café da manhã sustentada por pernas de cabo de vassoura, seus braços são feitos de galhos, seu rosto borrado com uma borracha. Eu sei que isso sou eu, mas não sou eu, não de verdade. Eu não sei com o que pareço. Eu não me lembro como olhar.

Faces cinzas se amontoam na folhagem vermelha. Os fantasmas querem me provar. Suas mãos se contorcem para fora, os dedos abertos. Eu ando rapidamente, movendo-me para fora do alcance de suas sombras pegajosas. Quando eu passo sob um poste, a lâmpada estala, e eu sinto cheiro de açúcar queimado. Dela. *Dela.*

Eu corro o resto do caminho até o velório, um passo à frente dos ganchos de ferro que ela está lançando.

022.00

A fila de pessoas esperando para olhar o corpo vazio serpenteia para fora da igreja e dos degraus até a calçada. Acordes sombrios do órgão deslizam pela noite, transformando nossos sapatos em blocos de concreto e puxando nossos rostos para baixo até que nós parecemos com árvores dependuradas com folhas pretas.

Todos estivemos aqui antes. Na quinta série foi Jimmy Myers, leucemia. Na oitava, Madison Ellerson e seus pais morreram em um engavetamento de trinta carros durante uma nevasca. No ano passado, foi um garoto da equipe de tênis, o que fez o estadual. Não afivelou seu cinto de segurança, não tinha airbags. Quando seu carro bateu num caminhão, ele foi lançado através do para brisas em um arco perfeito até que ele aterrissou, emaranhado e lanceado, nos braços de um pinheiro. A fila para seu velório virou o quarteirão.

Andando pela porta da frente, eu sou atingida pelo zumbido de pessoas falando, mas tentando não serem ouvidas. Pais desabotoam seus casacos e desajeitadamente os colocam sobre os braços. Suor borbulha nas bochechas dos garotos, apoiados nas paredes com suas mãos em seus bolsos e suas gravatas afrouxadas. Garotas cambaleiam em seus saltos altos e agradecem a Deus por não serem elas no caixão à frente.

Tiro meu casaco, o fecho aberto. Pela primeira vez na semana, estou quase quente. Velas de plástico com lâmpadas laranja tremeluzem junto às janelas escuras. A fila se move em um ritmo constante, como se estivéssemos na apresentação de um concerto ou

num jogo de futebol. Quando o time de futebol caminha até o caixão, a capitã entrega uma bola assinada por todas as garotas ao pai de Cassie. Ele a entrega para um homem de preto que coloca o oferecimento junto ao cadáver, gentilmente, assim ela não acordará.

Chama-se velório, mas ninguém realmente quer ver o morto levantar.

Quanto mais perto do caixão eu chego, mais quente fica. Pétalas de crisântemos amarronzadas caem ruidosamente das coroas de flores que estavam empoleiradas em suportes de metal. Estou murchando também, e minha cabeça está se enchendo com pregos enferrujados. Eu não deveria estar de jeans desgastados. *Idiota*.

Há uma fenda entre mim e o cara a minha frente, um espaço grande o suficiente para quatro pessoas. Uma mulher atrás de mim, sibila —Mova-se.

De repente, a organista para de tocar. As pessoas param em um meio murmúrio. A organista pega algo sobre ela e uma pilha de livros cai no chão, ecoando através do mármore como um tiro. Pessoas pulam.

Eu consigo ver a parte inferior do caixão agora. A bola de futebol repousa ao lado de uma blusa preta dobrada da equipe de teatro. Os pés de Cassie estão escondidos sob um lençol de veludo branco, as pontas dos dedos esticadas para cima. Espero que coloquem chinelos quentes nela, e meias confortáveis. Espero que deixem seu anel de dedo.

A música começa novamente, um longo, um trêmulo acorde menor.

O cara a minha frente caminha até os pais de Cassie. A mãe dela soluça e ele coloca seus braços em torno dela. Ele é um tio, o divertido, o que nos ensinou esqui aquático. Ele está chorando, gemendo, também. Eles são as duas únicas pessoas nesta igreja quente, lotada, pétala morta fortes o bastante para dizer e fazer o que estão pensando.

Minha vez de olhar. Minha vez de violar a morta.

A Bela Adormecida está vestindo um vestido azul celeste com gola alta e mangas compridas. Seu cabelo parece como uma peruca bem escovada de bonecas, amarelo cansado com desbotadas luzes vermelhas chegando ao fim. Ela não está usando nenhum brinco ou seu colar de sino prata, mas seu anel de turma estava empurrado em seu dedo. O piercing no nariz e as cicatrizes de acne estão escondidas sob uma base passada em sua pele. Usaram o tom errado de pálido.

Eu quero tirar seu vestido e ver se abriram a barriga dela. Eu quero olhar para dentro. Ela poderia, também, porque sempre falamos sobre isso, as criaturas escondidas com inquietas asas e antenas que nos cutucava e nos enviava tropeçando para o banheiro, Cassie ia até a privada assim ela poderia se livrar de tudo, e eu ao espelho assim a garota no outro lado me manteria forte e com nervos de aço.

Deveriam ter colocado sua agulha de crochê na caixa ao lado dela, e fios assim ela teria algo para fazer na Eternidade. Um pouco de Gaiman, Tolkien, Butler, e alguns tablóides, menta – hortelã, não gaultéria - suas faixas de natação e insígnias da Girl Scout, os cartazes das peças nas quais ela esteve. Aposto que ela gostaria de uma caixa de cereal para comer, também: comida confortável para a viagem.

A mãe dela soluça mais alto que o órgão.

Coloco a mão no bolso da minha jaqueta e puxo o pequeno disco de ver-vidro verde, nascida no coração de um vulcão, capaz de prever o futuro. Eu a roubei do quarto de Cassie quando tínhamos nove anos, mas nunca a fiz funcionar, não importava o quanto as estrelas estavam alinhadas.

Eu deslizo o vidro mágico para a mão congelada dela.

Os dedos de Cassie a enrolam.

Meu coração gagueja.

Ela aperta o disco verde com força, e então pisca – uma, duas vezes – abre seus olhos arregaladamente, e olha diretamente para mim. Ela a levanta e toca o cabelo. Eles saem de sua cabeça como um ninho de dentes-de-leão. Alguns fios flutuam até as velas de verdade queimando o topo da caixa. Eles se inflamam como faíscas.

Eu não consigo respirar.

Cassie se senta lentamente. Ela segura o vidro mágico no seu olho azul, olha através e ri, um baixo, som sujo que apenas sai as duas ou três horas da manhã. Ela põe o vidro na boca e o engole, em seguida, limpa a boca com a mão, manchando os dedos com cera e sangue.

Ela franze a testa e abre a boca –

- não. Ela não está sentada lá. Ela nem está lá. Não há sangue, nem nuvem de cabelo de boneca queimando na chama da vela.

Eu pisco. Ela desapareceu do caixão. A bola de futebol rola para trás. Os pés dela não estão lá para apoiá-la.

Eu pisco.

Ela ainda está desaparecida, o lençol de veludo branco jogado para o lado como se ela não tivesse ouvido o alarme soar e agora estivesse realmente atrasada e seu pai iria pegar o carro novamente e ela teria que dirigir comigo, e isso é um pouco assustador.

A música do órgão derrama e inunda a igreja.

A fila atrás de mim murmura. As pessoas tem lugares para ir e coisas para fazerem e novos episódios irão ao ar em meia hora, e além disso, todos são muito educados para perceberem que o caixão está vazio. O tio divertido está abotoando seu casaco. O espaço na frente dos pais de Cassie espera por mim.

Uma mão toca meu ombro e um garoto sussurra em meu ouvido: —Tá tudo bem. Vá em frente. Estou bem atrás de você.

Eu tropeço, em seguida, me arrasto, olhos para baixo, sobre a mãe dela. A Srª. Parrish envolve seus braços ao meu redor sem uma palavra e deita a cabeça em meu ombro. Eu a acaricio nas costas. O Sr. Parrish aperta a mão do garoto atrás de mim e diz algo que eu não consigo entender por que a mãe de Cassie é tão pesada que está me arrastando sob a água profunda em harmonia no santuário e para baixo através do chão de mármore. Ela quer nos afundar sob o subsolo para a formigante quente sujeira, onde Cassie tem um cômodo esperando, então nós três poderíamos nos enrolar em bolas de bichos e esperar a primavera.

A mão me toca outra vez. O Sr. Parrish puxa-nos para fora do chão e desgruda sua esposa de mim. Ele beija fortemente minha testa, mas não consegue achar nada para dizer.

—Estamos tão pesarosos por sua perda, — diz o maquiado cara Elijah com uma mão segurando a minha. —Palavras não são suficientes.

Ele me puxa pela maré que se movimenta até a porta. Eu tropeço, e ele agarra meu braço para me impedir de cair.

023.00

—Beba isso.

Elijah empurra uma caneca pesada de chocolate quente em minha direção. Eu não lembro quem fez o pedido. Eu não me lembro de andar até aqui.

—Vá em frente.

Eu uso as duas mãos para segurar a caneca, e beber. Queimo meus lábios e minha língua e minha garganta rosa. Serviu-me bem. Minhas mãos tremem quando eu ponho a caneca novamente na mesa, e derrama na mesa. Ele puxa guardanapos de papel do suporte de metal para limpar a bagunça.

Eu conheço esse lugar, já estive aqui antes. É a lanchonete vegetariana a dois quarteirões da igreja, o lugar com música desanimada, bagels de cânhamo, e petições na caixa registradora.

—Como está indo, Emma? — ele pergunta.

Eu levo um minuto para registrar que ele está falando comigo, que eu ainda não o disse quem eu sou por que é mais fácil mentir. Eu deveria dizer —Muito melhor, obrigada, como você vai? — com o sorriso de boa garota, mas eu estou assustadoramente cansada.

Ele empurra o guardanapo ensopado para o fim da mesa. —Ver pessoas mortas pode ser estranho.

Eu ponho meus dedos no vapor que sai da caneca e observo o cozinheiro trabalhando na grelha, na torradeira, e no liquidificador. Cassie está sentada em cada cadeira, rindo, mastigando, apontando para o especial no cardápio.

—Ela não está em seu caixão, — eu deixo escapar.

Ele congela por um segundo, seus olhos fixos nos meus. Seu cabelo está lavado e puxado para trás em um pequeno rabo de cavalo. O alargador de madeira no lóbulo de sua orelha foi trocado por um círculo de osso oco que faz uma janela redonda próximo à sua mandíbula. Ele está vestindo uma camisa de abotoar encardida com uma triste gravata preta. Suas mãos estão limpas. Ele se barbeou, mais ou menos.

—Eu sei, — ele diz. —Era apenas sua casca, não sua alma.

Eu balanço minha cabeça. —Não é isso que eu quero dizer. Ela se sentou no caixão. E então desapareceu. Você não viu?

Ele coloca suas duas mãos nas minhas e se inclina para frente. Estão tão quentes que deveriam estar brilhando. —Faça-me um favor, — ele diz lentamente. —Tome um gole, feche os olhos, e respire.

—Isso é estúpido.

Ele sorri e acena. —Sim, eu sei. Mas o faça de qualquer modo.

Minhas mãos levam a caneca aos meus lábios novamente. Eu estou encoberta em cobertores de veludo branco. As contas clicam em meu ábaco: 354 ml de chocolate quente = 400, mas eu estou congelando. Eu preciso ~~engolir a coisa toda abaixo e pedir por mais bebida~~ beber um gole e ignorar o gosto.

Eu beberico, abaixo a caneca, sem derramar, e fecho os olhos. Respire, ele disse. Eu respiro panquecas e batatas fritas. Cheiros nervosos. —Continue respirando, — ele ordena, sua voz é o estrondo de um trovão distante.

O cozinheiro coloca algo na grelha e esse algo sibila. Pernas de cadeiras arranham o chão quando o cara sentado à mesa próximo de nós sai. Alguém levanta uma estante de copos que tilintam juntos como chuva. Um casal de mulheres ri, suas vozes tropeçando uma na outra. A porta do banheiro range.

—Pronto? — ele pergunta. —Abra seus olhos. Não pense. Apenas abra os olhos e fique quieta.

A lanchonete volta ao foco: mesas, cadeiras, luzes, cozinha. Cartazes cobrindo as paredes. Através do buraco no lóbulo da orelha de Elijah eu posso ver a lua crescente e estrelas pintadas na parede sob o relógio. A menina sentada ali perto não é Cassie. Nem o garçom reenchendo sua caneca. Eu me viro no meu lugar para olhar ao redor. Ninguém aqui é Cassie. Estou segura.

—Melhor? — ele pergunta.

—Melhor. Obrigada.

—Sem problemas. — Ele lança um garfo de waffle encharcado em xarope de bordo. —Você teve um momento de instabilidade. Acontece. — Ele leva o waffle até sua boca.

—Espere, — eu digo. —De onde isso veio?

Ele aponta para a mesa ao nosso lado. A garçonete não a limpou ainda. Sua nota de cinco dólares ainda está presa sob o saleiro, um copo meio vazio de café, um garfo sujo, e um lugar vazio no guardanapo manchado com xarope.

—Eles apenas iam jogar fora.

—Isso é nojento. E quanto aos germes?

—Comida de graça nunca me deixa doente. Você quer um pouco?

—Sem chance.

Ele ri tão alto que as pessoas se voltam e olham.

—Você sempre é assim estranho?

Ele ri novamente. —Estranho. Vê isso? — Ele levanta sua manga para mostrar a tatuagem que ocupa seu antebraço inteiro: uma coisa meio homem, meio touro musculoso andando de bicicleta por uma parede de fogo, com asas brotando de suas pernas e braços e capacetes.

—O que deveria ser?

—Ele é o deus dos mensageiros de bicicletas. Legal, não? Esta visão dele veio até mim quando eu estava entregando um pacote em um escritório de advocacia em Boston. O vi tão claramente que pensei que ele ia me alcançar e me apertar. Ele teve que vir para minha pele.

—Você tem visões.

—É um dom. Você devia ver a tatuagem em meu traseiro.

—Não, obrigada. — Eu dou uma rápida olhada na lanchonete. Ainda sem Cassies. —O que acontece se você receber uma visão que não goste?

—Não importa se eu gosto ou não. O que importa é que eu presto atenção, e descubro porque foi enviada para mim.

Seus olhos disparam para algo sobre meu ombro, e de repente ele empurra o prato de waffle através da mesa, quase o derrubando em meu colo.

Nossa garçonete aparece, saia jeans longa, grosso suéter islandês, pequenas conchas balançando dos seus piercings na cartilagem. IMC 23. Ela descansa a bandeja em seu quadril exagerado e carranqueia para os waffles. —Quando você os pediu?

—Eu não pedi, — eu digo.

Elijah delicadamente chuta minha perna debaixo da mesa. —Meu amigo deu a ela, — ele diz. —O cara com a jaqueta espancada dos Bruins – ele saiu alguns minutos atrás.

Ela estreita os olhos, farejando uma fraude. —Tem certeza?

—Ele não dividiu a conta conosco, dividiu? — Elijah pergunta.

—Não. — Ela balança a cabeça. —Ele pagou.

—Te deixou uma boa gorjeta, também, então sem preocupações, certo? — ele aponta para a bandeja. —Isso é meu?

Ela coloca o prato de torrada de pão integral e um pequeno pote de geléia vermelha na frente dele e vai embora sem outra palavra.

Ele despeja a geléia no pão, espalhando o espesso com a faca.

—Posso fazer uma pergunta?

Ele dá uma mordida. —Qualquer coisa.

—O que um mensageiro de bicicleta com visões está fazendo aqui no meio do Nada, Nova Hampshire?

—Eu não vivo em Nada, eu moro em Centerville. Quer um pedaço?

~~Claro~~ —Não. — Eu balanço minha cabeça. —Sem fome.

—E eu *costumava* ser um mensageiro de bicicleta. Agora eu sou um faz-tudo. Acontece de eu ter loucas habilidades com uma chave de fenda. — Ele dobra o pão ao meio e enfia a maior parte na boa. —É uma loucura. Eu posso fazer qualquer coisa.

—Certo. Claro. — Eu rio, e acidentalmente bebo um pouco de chocolate quente. —Como o quê?

—Por onde devo começar? Poeta, filósofo, pescador. Meu chefe me chama de vagabundo, mas isso é elitista, não acha? Eu posso quebrar madeira, espalhar adubo, derramar cerveja, e fazer crescer tomates perfeitos.

—Claro que pode.

—Eu sou um excelente jogador de pôquer, um xamã, e um andarilho em busca da verdade. Eu posso dirigir um táxi, uma moto, e montar um touro, mas não por muito tempo. Eu cavo estrume da maneira original e de forma artística. Assim que eu tiver meu carro fixo, virarei um cigano em busca de um mundo perdido.

—E você é um ladrão, — adicionei.

—Quando a situação pede. — Ele puxa o prato cheio de xarope em frente a ele e mergulha a torrada nele.

—Por que você apenas não usa seus poderes para ganhar na loteria ou fazer dinheiro crescer em árvores invés de roubar comida?

—Seria entediante. — Ele lambe o xarope que está em sua mão. —Sua vez. Como está?

—Triste. — A palavra cai.

—Você a conhecia bem, não era?

As luzes piscam atrás de meus olhos. Eu a conheci uma vida toda. Eu conhecia suas festas do pijama e vendas de biscoitos e paixonites por boybands e a vez que eu quebrei a perna andando de bicicleta atrás da bicicleta dela e a vez que eu a ajudei a pintar seu quarto de branco depois que ela tinha pintado de preto sem permissão.

—Diga-me algo sobre ela, — ele diz. —Algo agradável.

—Ela adorava waffles.

—Todo mundo não adora?

—Ela dizia que o mundo seria um lugar melhor se todos usassem waffle invés de pão.

Ele come uma colherada de geléia. —Por quê?

—Por que eles são mais gostosos e 'wafle' é mais divertido de dizer.

—Bom ponto.

A garçonete carrancuda vem em nossa direção e deixa a conta virada para baixo na mesa. Elijah vira para cima e olha o total.

Eu pego minha carteira. —O que eu devo?

Ele alcança seu bolso. —Eu tenho.

—Tem certeza?

—Sim. — Ele despeja um punhado de moedas no seu prato. —Mas só se você terminar o chocolate quente. Eu limpei uma fossa

séptica para ganhar esse dinheiro. Não que você deva sentir-se culpada ou algo assim.

Eu luto com um sorriso e ponho minha mão em torno da caneca. ~~Eu sou uma garota adolescente saudável em uma lanchonete, e eu posso beber um pouco mais de chocolate quente. E isso me faz bem~~ Eu não quero ir para casa, não quando eu estou começando a me esquentar. Deixarei a forma de pele no topo do chocolate quente e ficarei nojenta, eu não posso beber mais. Ele não pode esperar que eu beba pele. Ficarei por vinte minutos, até a biblioteca fechar. —Você ainda está com fome? — eu pergunto.

—Sempre. O cheiro daquelas batatas fritas está me matando.

—Por que você não pede um pouco?

—Não posso, — ele aponta para a pilha de moedas. —Isso é tudo que eu tenho comigo.

Eu pego meu cartão de débito e aceno para ele. —Sem problemas.

Duas batatas fritas = 20.

024.00

Eu sou quase uma garota de verdade enquanto dirijo para casa. Eu fui a uma lanchonete. Eu bebi chocolate quente e comi batata frita. Falei com um cara por um tempo. Ri algumas vezes. Um pouco como patinar no gelo pela primeira vez, vacilante, mas eu fiz.

Quando eu entro em casa, os sussurros começam novamente...

... ela ligou.

trinta e três vezes.

você não respondeu.

corpo encontrado em um quarto de motel, só.

você a deixou sozinha.

devia devia devia ter feito qualquercoisatudo.

você a matou.

Tento os espremer, concentrando-me em voz alta. *Estou subindo as escadas. Estou entrando no meu quarto. Eu –*

você a deixou só.

- cala a boca, estou jogando minha bolsa em cima da cama. Estou vestindo meu pijama. Eu preciso do meu robe, acho que o pendurei –

Abro meu armário.

você me deixou só.

Cassie está encostada na pilha de caixas. Ela inclina a cabeça para um lado e acena. —Tendo um bom tempo?

Eu bato a porta com tanta força que a moldura racha.

Ela quase foi a um médico dois anos atrás. O comer/vomitar/comer/vomitar/comer/vomitar não a deixava magra, a fazia chorar. O seu treinador a escalou para o time de futebol JU[15] porque ela não conseguia correr o bastante. A professora de teatro disse a ela que ela não estava —brilhando" o bastante, então ela não conseguiu o papel principal na peça.

—Eu não posso parar, mas não posso continuar, — ela me falou. —Nada funciona.

Eu a apoiei totalmente. Procurei nomes de médicos e clínicas. Eu a enviei e-mails com sites de recuperação.

E sabotei cada passo.

Eu disse a ela quão forte ela era e quão saudável ela ficaria e quão orgulhosa eu estava dela e eu deixei cair quantas calorias eu comi naquele dia, o número mágico na balança, o número de centímetros ao redor de minhas coxas. Nós fomos ao shopping e eu tive certeza de que usaríamos o mesmo provador assim ela poderia ver meu esqueleto brilhar na florescente luz azul. Fomos para a praça de alimentação e ela pediu batatas fritas queijosas, nuggets de frango, e uma salada. Eu bebi café preto e lambi o adoçante artificial

[15] Junior universitário]

na palma da minha mão. Ela me pediu para vigiar a porta enquanto vomitava o almoço no banheiro sujo do shopping.

Nos demos às mãos quando descemos o caminho de pão de gengibre para a floresta, sangue escorrendo de nossos dedos. Dançamos com bruxas e beijamos monstros. Nos transformamos em garotas de vidro, e quando ela tentou sair, *a puxei de volta para a neve porque eu estava com medo de ficar só.*

Eu fico lendo durante a meia-noite na sala familiar esperando que Cassie se canse e vá embora. No momento em que estou pronta para me dirigir ao porão ~~para queimar meus músculos da perna até o sol nascer~~ para me exercitar moderadamente durante vinte minutos então poderei dormir melhor, papai vem descendo a escada amontoado e entra na cozinha. Eu ouço a geladeira abrir, e então um longo borrifo de creme de chantilly. A geladeira fecha e ele se dirige em minha direção.

—Lia?. — Papai está vestindo um robe azul-e-verde-quadriculado mais velho que eu, calças de pijama de flanela, e uma camisa cinza que diz DEPARTAMENTO ATLÉTICO. Seus pés estão descalços. Seus cabelos muito longos, mais cinza que pretos, estão arrepiados para todo lugar. Ele parece com um mendigo pedindo por moedas na esquina, mas invés de uma lata vazia, ele está segurando um prato de torta enterrada sob um monte de creme de chantilly. Os dois últimos pedaços da torta de abóbora do jantar do dia de Ação de Graças, eu aposto.

—O que você está fazendo? — ele pergunta. —Você deveria estar dormindo.

Eu seguro o mais recente trabalho de gênio do Neil Gaiman. —Eu tinha que ver o que acontece no final. E você?

Ele cuidadosamente se senta na cadeira reclinável, o prato de torta em seu colo, e dá a primeira mordida. —Eu continuo sonhando sobre a minha pesquisa e acordando Jennifer por que eu fico socando o colchão. — Ele franze as sobrancelhas. —Eu nunca deveria ter concordado em escrevê-la.

—Por que não? — eu pergunto.

Ele dá outra mordida e mastiga. ~~O cheiro se enrosca ao meu lado, doce doce de abóbora, creme de chantilly derretendo em minha língua~~ Essa torta tem quase uma semana, uma mancha de mofo está crescendo na crosta, o deixará doente.

Ele limpa um pouco de chantilly de sua boca. —Eu não fiz uma pesquisa preliminar suficiente antes de escrever a proposta. Assumi que encontraria muitas fontes primárias e fiz muitas promessas. Agora, estou empacado.

—Diga a sua editora, — eu digo. —Diga a ela que cometeu um erro e se ofereça para escrever um livro diferente.

—Não é tão simples. Ele pega outro pedaço enorme de torta.

Assistir a comida entrando em sua boca, suas mandíbulas trabalhando como uma máquina de moagem e as engolidas ruidosas, instala um pânico dentro de mim. Eu passo meus dedos ao longo das bordas da capa do meu livro, empurrando os cantos até machucar.

—Você costumava dizer que as coisas sempre parecem melhores de manhã, — eu digo. —Talvez, você apenas deva voltar para a cama.

—Esta é uma coisa de adulto, Lia, um pouco mais complicado que isso. Mas não é nada com que você tenha que se preocupar.

~~Por que eu ainda sou uma garotinha que acredita em Papai Noel e na fada do dente e em você.~~

Ele atrapalha-se no bolso de seu robe atrás de seus óculos de leitura. —É o meu laptop por ali?

Aponto para a estante de livros acima da televisão.

—Ah. — Ele se levanta e atravessa a sala. —Por que não termina isso por mim? — ele diz enquanto enfia a torta (545) na minha cara.

—Eu não quero. — A empurro de volta. —É repugnante.

Ele franze as sobrancelhas. —Não vai te machucar. É apenas torta.

Ele mantém o prato de torta a centímetros de meu rosto. Se eu bater em sua mão, a torta respingaria contra a unidade de entretenimento e deslizaria na tela da televisão.

—Não queremos que sua mãe esteja certa sobre isso, queremos? — ele pergunta.

—Certa sobre o quê? — eu pergunto.

—Sobre você estar escorregando de volta aos seus velhos hábitos. Os ruins.

Eu me levanto, forçando-o a dar alguns passos para trás e me dar algum espaço. —Estou cansada, — digo. —Vou para a cama.

Meus pés na escada acarpetada não fazem nenhum som. Eu abro a porta vagarosamente.

Cassie se foi. O quarto cheira um pouco como uma padaria no Natal, mas ela não está aqui. Eu ponho o computador para tocar música country por que ela odiava, e rastejo para a cama.

Quando eu começo a cochilar, a música para.

Cassie se senta ao pé da minha cama, parecendo mais forte, mais saudável que antes, como se estivesse pegando o jeito de ser uma fantasma. Ela afaga o contorno de minha perna debaixo dos cobertores e diz, —Vá dormir. Vai ficar tudo bem.

Não há aranhas à vista, sem criaturas amigáveis para fazê-la ir embora. Eu quero dizer para ela me deixar em paz, mas minha boca não abre.

025.00

Quinta Feira.

Eu acordei respirando sujeira. Eu tusso e cuspo todos os pedregulhos em minha boca, mas quando eu inspiro novamente, coágulos molhados de argila enchem meus pulmões –

Não. É o cobertor sob meu rosto. Eu o afasto e saio da cama o mais rápido que posso. A casa está escura, 05h45. Esta é a primeira vez em semanas que eu acordo antes de Emma. No final do corredor, o chuveiro do meu pai liga. Ele provavelmente tem outra reunião de comissão.

Eu ligo todas as luzes e dou uma olhadela em mim no espelho. Meu metabolismo está lento novamente. Bolhas amarelas de gordura estão inchadas sob minha pele. Estou começando a parecer nojenta novamente, fraca.

:: Estúpida/feia/estúpida/vadia/estúpida/gorda/estúpida/

bebê/estúpida/perdedora/estúpida/perdida ::

Deram-me regras para momentos como este:

1.Identificar o sentimento.

2.Recitar ~~encantamentos mágicos~~ afirmações, reler Metas de Vida, meditar sobre pensamentos positivos.

3.Ligar para a terapeuta caso a auto estima continue assim.

4.Manter a ingestão de calorias necessárias e hidratação.

5.Evitar exercícios em excesso, e abuso de álcool ou de drogas.

6.Bater os calcanhares juntos três vezes, e repetir, — Não há lugar como o lar, não há lugar como o lar, não há lugar como o lar. — Um tornado vai estar junto temporariamente para levá-la rapidamente a segurança. Ou uma casa pode cair em sua cabeça.

~~Nada funciona, nada nunca funciona, simplesmente continua me matando por dentro~~ Eu me deito no chão por algumas centenas de mastigadas, até piscinas de suor serem formadas em meu umbigo.

Novas regras:

1.800 calorias por dia, no máximo. De preferência 500.

2.Um dia começa no jantar. Se eles me fazem comer com eles, é o suficiente para mantê-los longe das minhas costas. Restringir durante o dia seguinte para compensar.

3.Se não tomar café da manhã, pegar o ônibus para a escola.

3. a) Melhor – ande.

3. b) Melhor – não vá.

4. Reiniciar o programa de exercícios.

5.Dormir com as luzes acesas até que a enterrem.

Eu sorrio e finjo encenar o Morning Show na cozinha. Jennifer está interrogando Emma com os cartões relâmpagos por que ela tem um teste de matemática. Elas mal notam que eu estou na cozinha. Elas estão dez minutos atrasadas para sair pela porta.

O professor de Física demonstra movimento e colisão com uma bola de boliche e uma bola de squash. A bola de boliche ganha. Invés de irmos para História nós marchamos até o ginásio para uma exposição de faculdade. Representantes de centenas de escolas e militares estão atrás de mesas de cartas carregadas com panfletos brilhantes que prometem-nos um futuro luminoso e brilhante.

Dois mil hectares de árvores foram massacrados para fazer aqueles panfletos. Todos estarão no lixo ao fim do dia. Eu preciso pegar um? Não. Sabemos para que faculdade estou indo. Eu quero ir? Não.

O que eu quero?

A resposta para essa pergunta não existe.

Eu deveria ter ficado com a ver-vidro de Cassie, ou pelo menos, olhado através antes de entregá-la de volta. Teria sido melhor que um panfleto bobo.

A turma do teatro convidou-me para sentar-me na mesa deles no almoço. Eu só quero tirar uma soneca na enfermaria, mas eles estão sendo fofos, então eu digo ―Claro" e os sigo na fila para o almoço.

Eu compro uma pequena maçã machucada (70), e um iogurte com baixo teor de gordura artificialmente adoçado (60). A garota em minha frente, Sasha, compra pão de queijo fritado em lardo servido

com molho de tomate. E um brownie. E uma garrafa de água. O cara na frente dela (ele faz funcionar a placa de luz e o som) compra espaguete e paga extra por uma segunda porção de pão de alho. Outro garoto compra pizza. A garota atrás de mim pega um prato de alface e aipo e uma pequena tigela de ketchup. O restante das garotas compra saladas de taco.

Sentamos no meio do refeitório, um aquário está lotado com peixinhos, barrigudinhos, tetras, mollies, e peixe anjo. Tubarões circulam suas presas. Pequenas enguias espinhosas batem seus narizes contra o vidro, procurando por saída. Pedaços de flocos de peixes e fios de cocô oscilam no ar. Algas verde limão escorregam o chão.

O grupo conversa sobre quem chorou no velório e quem não chorou e quem estava chorando por que levou um fora, não por que o corpo de Cassie estava deitado na caixa estofada. Quando eles me fazem perguntas, eu recito as linhas escritas por mim com antecedência. Sim, foi tão trágico. Não, eu não tenho ideia. Sim, eu acho que o agente funerário fez um péssimo trabalho. Não, eu não acho que ela teria gostado daquele vestido. Sim, foi estranho...

Suas bocas abrem, fecham, abrem-fecham, guelras abrindo-se e batendo atrás de suas orelhas. A gordura do pão de queijo flutua à superfície da água. Os zeladores limparão com serradura. O cara da pizza de peixe pinga molho em sua camisa. Uma garota com salada de taco tem um piercing de nariz infectado. Ela estava na minha turma de balé na sétima série. Alface&ketchup fica me dando olhares sujos, por que não importa o que ela faça, ela não consegue perder os últimos quatro quilos.

Eu corto o machucado de minha maçã, uma fatia foi deixada em oito pedaços, mergulho uma no iogurte e a coloco na minha língua, nadante gostosa e macia. Desce garganta abaixo e respinga.

—Eu nunca estive em um funeral antes, — diz a loira da salada de taco.

—Eu estive em toneladas, — responde o espaguete. —Meu lado da família de meu pai continua morrendo. Os funerais são todos iguais.

—Temos que cavar na terra? — pergunta a salada de tacos com piercing no nariz.

—O cemitério faz isso, — Espaguete mastiga seu pão de alho. —Eles usam um pequeno carregador pago, como em um canteiro de obras.

—Devemos ir todos juntos, — Sasha pão de queijo engole sua água. —Assim como no velório. Significará muito para os pais dela.

Cassie nada pelas portas duplas, descalça, o vestido azul ondulando contra seu corpo. Seu cabelo flui atrás dela, emaranhado e trançado com fitas de alga. Minúsculos caracóis estão sugados sobre seu pescoço e dedos.

Ela flutua primeiro sobre a mesa, avaliando o cômodo. Eu olho fixamente para meu iogurte.

—Você quer nos encontrar em minha casa, Lia? — a loira da salada de taco pergunta. Ela tem salsa em sua camisa, mas não vê. —Eu posso conseguir a van da minha mãe, todos nós caberemos.

Cassie nada mais rápido, circulando em torno da tigela, procurando por mim. Me pergunto se a ver-vidro ainda está na

barriga dela. Ela vai ter que vomitá-la se quiser ver seu futuro. Mas, talvez ela funcione de outra forma quando se está morta.

—Lia?

—Eu acho que não vou, — eu digo, enquanto Cassie desaparece pela cozinha.

—O quê?

—Meus pais não querem que eu vá.

—Você tem que ir, — lamenta-se alface&ketchup. —Todos temos que ir, mostrar o nosso apoio.

—Que apoio? — eu pergunto.

—Apoio por Cassie, — ela rosna. —Não que você saiba o que isso é.

—Ei" – eu aponto a faca de plástico para ela – —Eu fui amiga dela por muito mais tempo que vocês.

—Oh, sério? — ela puxa seu rosto em uma máscara de indignação: olhos abertos, cabeça ressaltada para frente, a boca aberta em choque fingido. —É por isso que ela nunca falava com você? Eu sei como você a bagunçou. Um amigo de verdade nunca faria aquilo. Eu nunca faria.

As mesas ao nosso redor prestam atenção. A equipe de teatro deveria ser suave e depressiva. Eles nunca brigam em público.

Eu apenas deveria nadar para longe, mas minhas guelras agitam e bolhas irritadas saem de minha boca. —Se você era amiga dela, onde você estava quando ela estava com medo e sozinha? — eu pergunto. —Você atendeu o telefone? Não. Você não atendeu. Você é uma merda.

—Do que você está falando? Ela não me ligou.

Sasha coloca a mão no meu braço. —Acalme-se, Lia"

—Me acalmar? Como eu posso ter calma? Ela está morta!"

Eu me levanto. Eu estou gritando. Acho que joguei meu iogurte em alface&ketchup.

Um gordo guarda-peixe de segurança nada para proteger a paz.

◄ 026.00 ►

Quando eu entro (fiquei até mais tarde para a detenção, obrigada, não senhor, isto não acontecerá novamente, sim, isto é difícil para todos nós), Jennifer sai.

—Seu pai prometeu fazer as compras hoje, — ela diz enquanto eu ponho meu casaco no armário da sala de entrada.

—Deixe-me adivinhar: ele ainda está na biblioteca e não atende ao telefone.

—Ele o deixou sobre a cômoda. Este maldito livro está matando-o, — parece que ela quer dizer mais alguma coisa, mas não o faz. —Estou no caminho para a loja.

—Você precisa de mim para fazer algo?

—Você se importaria em aspirar? A faxineira não veio de novo e os tapetes estão sujos.

A policial chega quando eu estou perseguindo Emma em torno da sala de estar com o aspirador de pó, fingindo que ele é um dragão. Eu entrego a criatura mortal a ela e atendo a porta.

A policial se apresenta, —Detetive Margaret Greenfield, — e pergunta se pode entrar.

Eu não matei Cassie.

De alguma forma, acabamos na cozinha, a policial na cadeira de papai, eu na minha, e Emma em meu colo, me esmagando.

EunãoamateiEunãoamatei.

—Apenas algumas perguntas, — diz a detetive. —Nada com que se preocupar, nós apenas estamos amarrando as pontas soltas. — Ela abre um notebook com um bocejo enorme. —Desculpe por isso. Mudar de turno sempre bagunça o meu sono. Os registros telefônicos indicam que ela ligou para você na que noite em que morreu.

Eu respondo em transe. —Não, eu não tinha ideia de que Cassie me ligou sábado à noite. ~~Meu telefone está em meu quarto~~ Eu não tenho visto meu telefone desde sexta feira à tarde. É o terceiro que perdi em dois anos. Meu pai ficará furioso.

—Ele realmente gritou na última vez, — Emma acrescenta. Ela desloca seu peso em meu colo, dirigindo meus ossos do quadril para o assento de madeira. —Lia realmente vai ficar em apuros agora. Ele vai enterrá-la por cem anos.

—Se pudermos voltar para a Senhorita Parrish, — a detetive diz.

Eu ponho meu dedo sobre os lábios de Emma. —Shh.

—Não, eu não sei por que Cassie me ligaria. Eu não conversava com ela há meses. Nós não éramos mais amigas. Sem nenhuma razão em especial, apenas uma dessas coisas que acontecem quando você é uma aluna do último ano.

A policial acena enquanto fecha seu notebook. —Eu me lembro daqueles dias, — ela diz. —Graças a Deus, eles acabaram.

—Você pode dizer o que aconteceu com ela? — eu pergunto.

—Não, sinto muito. Se você lembrar-se de alguma coisa, aqui está o meu número, — ela me entrega um cartão. —Diga aos seus pais para me ligarem se quiserem. Como eu disse. Não há nada com que se preocupar. Apenas queremos fechar o livro neste caso.

Depois de Emma fazer uma grande cena para papai e Jennifer sobre a visita da policial... depois de eu passar uma hora tranquilizando-os, respondendo as mesma perguntas de novo e de novo e de novo novamente... depois de papai ligar para a detetive por que não acreditava em mim... depois de Jennifer queimar o bife, disparar o alarme de fumaça , e pedir comida chinesa... depois de eu ler para Emma um capítulo de *Harry Potter*... depois de Jennifer reivindicar a banheira para um banho de espuma... depois de papai adormecer sobre papeis de graduação comparando as eleições de 1789 com as de 1792... a casa dorme.

O telefone celular rasteja de seu esconderijo sob minha lavanderia e se infiltra na minha mão. Enquanto eu olho suas mensagens repetidamente, ligo o computador e visito um país ao qual eu não fui durante meses, um blogsuspirosecreto para garotas como eu...

Ganhei 0,270 kg entre o café da manhã e depois da escola.

Apenas água pelo resto do dia, e então eu começarei a jejuar amanhã novamente. Amo todas vocês, garotas!

Eu desmaiei e caí em um lance de escadas, então eu comi duas tigelas de cereal e agora eu me sinto tão nojenta.

Quanto tempo eu tenho que correr para me livrar das calorias?

Uau, eu estou com uma BUNDA ENORME.

Você sabe que é verdade.

Eu quero cortá-la toda fora.

Eu tenho 2 semanas e 6 dias para perder 4,5 kg. Ajuda!

permaneçaforteameameserpfta

Centenas e centenas e centenas e centenas de estranhas garotinhas gritando por entre seus dedos. Minhas irmãs pacientes, sempre esperando por mim. Eu percorro por nossas confissões e discursos e orações, desesperadamente comendo-nos em uma lenta mordida sangrenta de cada vez.

Duas moscas colidem em meu abajur, *buzzbuzz*, restos aleatórios do verão com poucas horas de vida. Eu desligo as luzes e elas se espalham na tela do computador, dançando entre uploads de costelas e quadris e clavículas de uma garota magra, os ossos retirados de sua pele e postos no topo para que assim possam secar ao sol. É belo quando visto através das asas de papel das moscas fora de estação.

Eu desligo tudo e rastejo para a cama.

As moscas se atiram contra a janela, com irritados e molhados barulhos, e então pairam acima de mim, esperando para rastejarem até a minha boca. Talvez, elas sejam familiares a Cassie, companheiras de sepultura anunciando a chegada dela.

Eu não posso encará-la sozinha.

Eu me esgueiro pelas escadas e ponho as botas de Emma no segundo degrau de baixo. Se papai descer para um lanchinho de meia noite ou para trabalhar, ele baterá nelas e me dará um aviso.

Eu me dirijo ao porão, tranco a porta atrás de mim, e coloco um par de horas suadas no simulador de escadas.

027.00

O alto falante me puxa para fora da aula de Inglês na Sexta Feira no meio de uma prova prática e me envia para o escritório da Srtª. Rostoff. Ela me diz que minha madrasta ligou e eu tenho que sair da escola mais cedo para uma consulta de emergência na psicóloga.

—Por quê? — eu pergunto.

—Cassie, — a Srtª. Rostoff diz. —Falar sobre isso irá ajudar.

Minha bolsa escorrega do meu ombro. Ela tem feito isso o dia todo. —Falar torna as coisas piores.

Ela olha para sua tela. —Você vai perder Física.

—Ah, — eu digo, levantando a alça da bolsa, —isso muda tudo.

A Drª. Nancy Parker cheira a pastilhas de cereja para tosse. Eu me sento em seu grande sofá de couro, ponho a bolsa no chão, e puxo o horrível cobertor cor de framboesa sobre mim. Ela desembrulha outra Halls. Eu acho que ela está ~~viciada~~ sofrendo de uma dependência química pelo corante vermelho. Ela deveria explorar essa questão.

Ela liga o ventilador branco barulhento e estala a pastilha em sua boca. —Seus pais estão preocupados com o que a morte de Cassie possa provocar em você.

O sofá está de frente para uma parede cheia do-chão-ao-teto de livros. ~~Estão cheios de porcaria.~~ Não vale a pena ler nenhum deles. Lá não há contos de fadas, não há caudas de fadas, não há princesas balançando espadas ou deuses lançando raios. As páginas de frases de palavras de letras podem muito bem serem equações matemáticas caminhando para suas conclusões lógicas. Nancy Pastilha para Tosse não é uma médica. Ela é uma contadora.

—Eu me pergunto se deve haver duas lutas acontecendo. —Ela tira os sapatos e se senta de pernas cruzadas. As rugas em seu rosto dizem que ela está perto dos sessenta, mas as aulas de ioga mantêm seu corpo flexível como o de uma garota. —A confusão e a dor envolvidos na perda de um amigo, e a vontade de manter os pais afastados.

Ela espera que eu encha o ar com palavras. Eu não o faço.

—Ou eu posso estar totalmente errada, — ela diz, —e nenhuma dessas coisas esteja afetando você nem um pouco.

Chuva cai nas janelas.

... Eu comecei a vir aqui depois da primeira estadia na ~~prisão~~ clínica por que a Drª. N. Parker é uma artista tratante especializada em ~~adolescentes malucos~~ adolescentes problemáticos. Eu abri minha boca durante as primeiras consultas e dei a ela uma chave para abrir minha cabeça. Um erro gigantesco. Ela trouxe sua lanterna e um capacete de proteção e muitas cordas para passear através de minhas cavernas. Ela colocou minas terrestres em meu crânio que detonaram semanas depois.

Eu disse a ela que estava chateada por que ela estava movendo coisas em torno de meu cérebro sem permissão. Ela me sabotou, então toda vez que eu tinha um pensamente simples –

como, *Física é um desperdício de tempo,* ou *que eu preciso cobrar meu telefone,* ou *que não deve ser tão difícil aprender japonês* – a irritante pergunta do inferno apareceu – *Por que você pensa assim, Lia?*

Eu não podia me fazer uma pergunta – *Por que estou tão cansada?* – sem ser batida por três ou quatro respostas fornecidas pela psicóloga – *Porque meus níveis de glicogênio estão baixos,* ou *Por que eu estou experimentando uma definida má sensação de perda,* ou *Por que eu perdi o contato com a realidade*, ou a sempre popular – *Por que eu sou um trabalho de malucos esgotados.*

Uma vez eu saí zangada e calada. Eu disse a ela que ela era uma patética perdedora e que eu apostava que ela não tinha filhos ou netos e se tivesse, eles nunca ligavam para ela e seu marido tinha a deixado, ou talvez fosse uma namorada, você nunca pode dizer, e até mesmo sua mãe desistiu dela por que ela não consegue viver no mundo real com pessoas que respiram, ela fica trancada nesta sala com livros falsos e o ventilador girando e a chuva nas janelas.

Nada do que eu disse a deixou com raiva. Eu não pude nem mesmo a fazer piscar. Ela só me pediu para ficar no sentimento e continuar falando. Então, eu me calei.

Eu costumava sonhar com trazer uma faca para a terapia e *cortá-la em pedaços do tamanho de costeletas de porco.*

Dez minutos se passaram. Enquanto o sofá aquece, eu me afundo nas almofadas. O couro range.

—Que palavras estão em sua cabeça neste momento, Lia?

Zangada. Porco. Ódio.

—Eu gostaria de ouvi-las.

Prisão. Caixão. Corte.

—Você tem que trabalhar na recuperação, Lia. Animação suspensa não é muito de uma vida.

—Meu peso está perfeito. Eu posso trazer o estúpido caderninho de Jennifer se você quiser.

—Isto não é sobre o número na balança. Nunca foi.

Faminta. Morta.

Vinte minutos se passaram. Eu passo meus dedos dentro e fora do afegão. Ela é Charlotte, eu sou Wilbur

::Alguma Garota!/Inútil!/Delirante!::

e este pesadelo de malha rosa (fio de poliéster) é a teia dela. Não, ela não é Charlotte, ela é a prima irritante Mildred, a estúpida, cujas teias sempre quebram. Se meus pais tivessem me deixado investir o dinheiro que eles desperdiçaram com essa senhora, eu teria meu próprio apartamento agora.

Quarenta minutos. Eu puxei diversos cabelos de pelo menos sete pessoas diferentes do afegão: um preto longo, um branco brilhante, um loiro ralo, um castanho cacheado, um cabelo castanho que estava branco na raiz, e um cabelo curto que poderia ter sido de um garoto – ou de uma garota que não faz estardalhaço sobre como sua aparência está. O cabelo de pessoas ricas que gostam de se lamentar com estranhos.

—Você não tinha que vir hoje aqui, — ela diz finalmente. —Você poderia ter usado a desculpa de um compromisso de terapia para sair da classe e fazer o que quisesse. Eu não reportaria aos seus pais a menos que você me desse permissão, de modo que eles não saberiam se você não aparecesse.

—Qual é o seu ponto? — eu pergunto.

—Você escolheu vir. — Ela estala as articulações de sua mão direita e abana seus dedos. —Eu acho que você quer falar um pouco sobre isso.

~~Sim, eu adoraria dizer-lhe que a voz de Cassie está no telefone em minha bolsa e que ela está me assombrando por que eu a deixei morrer. Se eu fizer isso, você me dará mais drogas ainda. Se eu disser o que comi hoje, você vai tocar o alarme e me mandar de volta para a prisão.~~ Eu coloco todos os cabelos no braço da cadeira. —Eu fico pensando que se eu simplesmente pudesse abrir o fecho de minha pele, sair deste corpo, então eu poderia ver quem eu realmente sou.

Ela balança a cabeça lentamente. —Você acha que você pareceria com o quê?

—Menor, para começar.

Os oito minutos finais passam em formação de silêncio até que o relógio na mesa dela toca.

—Então, eu posso ir ao funeral? — eu pergunto.

Ela pega seus sapatos. —Você entende por que quer ir ao funeral?

~~Para ter certeza de que a enterrarão no concreto, assim ela me deixará sozinha.~~ —Eu sinto que preciso encerrar esse assunto.

—E o funeral fornecerá isso?

~~Sim, isso foi o que eu disse.~~ —Eu pensei bastante nisso.

O relógio bate por dois minutos bônus. Eu enrolo os cabelos dos estranhos em uma bola.

—É uma boa ideia. —Ela calça os sapatos e se levanta. —Mas, um de seus pais deve ir com você. Ninguém deveria ir a um funeral sozinho.

No caminho para casa, eu pego o telefone de minha bolsa e o coloco no trilho de ferro um pouco além do cruzamento ferroviário perto do shopping. Eu coloco o telefone sob o pneu traseiro esquerdo e dirijo para frente e para trás sobre ele trinta e três vezes. Eu jogo o resto em uma caçamba de um canteiro de obras.

028.00

Elijah abre a porta do quarto 115 com a corrente de segurança ainda fechada e encosta o rosto no pequeno espaço. Seus olhos estão inchados de sono e confusos.

—Emma? — ele pergunta. —O que foi?

Eu ainda não sei como explicar a coisa do nome. —Eu te trouxe pizza. Comida de graça.

A corrente chocalha e a porta se abre por todo o caminho. — Qual é o truque?

A graxa quente da muçarela ensopou o fundo da caixa e está vazando para os meus dedos. ~~Eu quero lamber~~ Eu quero jogar a caixa fora antes que me infecte.

—Sem truques.

Ele se inclina contra a estrutura da porta. —Sempre há um truque.

—É por ter me ajudado na outra noite.

—Que tipo de pizza é essa?

—Queijo extra e salsicha.

Ele sorri. —Eu não posso comer. Eu sou vegetariano.

—Eu não acredito em você.

Uma porta no final do motel se abre e um homem grita em um idioma que eu não consigo entender. A mulher com quem ele

está gritando, ri como um chacal de desenho animado. Pneus guincham na River Road e uma máquina corre.

Ele esfrega o rosto uma vez e caminha para trás. —Ok, eu sou quase um vegetariano. Eu sou pizzariano. Entre.

O quarto cheira a cigarros e roupas deixadas na máquina de lavar por muito tempo. A única luz vem de uma pequena lâmpada sobre a mesa, espremida entre uma pilha de cadernos espiralados cobertos com um cinzeiro sujo e um pacote contendo seis latas de cerveja.

Ele pega a caixa da pizza de mim e a coloca na cama. Cartas de baralho estão espalhadas sobre os cobertores emaranhados e finos travesseiros estão empilhados contra a cabeceira da cama. — Que horas são? — ele pergunta.

—Quase cinco.

—Merda. Eu devo ter adormecido. Charlie me queria para consertar as prateleiras no 204. Oh, bem. Ele precisa aceitar o que o universo o dá.

—Essa é uma desculpa esfarrapada para abandonar o trabalho.

—Não, não é. As coisas acontecem por um motivo. —Ele boceja e se espreguiça. —Você tem que aceitar e deixar o fluxo te carregar, parar de resistir.

—Isso é idiota.

Os olhos dele estão mais brilhantes agora, travessos. —Um cara idiota é outro cara fertilizante, — ele acena para as paredes. — Pergunte-as.

As paredes estão cobertas do chão ao teto com páginas rasgadas de livros, algumas destacadas com marcadores vermelhos ou amarelos ou verdes. Eu me inclino para frente e semicerro os olhos através da escuridão para ler. O topo da página diz WALDEN.

—O que você fez – assaltou uma biblioteca?

—Algo do tipo, — diz ele, andando em direção ao banheiro. —Emerson, Thoreau, Watts. Sonya Sanchez, já leu algo dela? A Bíblia, algumas páginas. O Bagavadguitá[16], Dr. Seuss, Santayana. Eu os coloquei aí para criar um campo de força de boas ideias. Eles ensopam meu cérebro quando estou dormindo. Espere, eu tenho que cuidar dos negócios. — Ele fecha a porta.

Eu pego o caderno no topo da pilha em cima da mesa e o folheio. Ele colou artigos aleatórios de jornal aqui e desenhou rostos; ele não é ruim. Charlie na recepção. Uma mulher cansada com bobes no cabelo. Há mais criaturas, meio humanas, meio qualquer coisa, como a coisa no braço dele. Algumas páginas estão preenchidas com letras minúsculas que parecem formigas marchando através da página.

Elijah sai do banheiro segurando um rolo de papel higiênico. —Você sabe, os segredos do universo estão escritos aí. Você realmente deve se sentir especial, sendo permitida a bisbilhotar assim.

—Desculpe. — Eu o coloco de volta na pilha. —Você não é das redondezas, é?

Ele joga o rolo de papel higiênico sobre os travesseiros, vira e abre a caixa, e pega uma fatia de pizza. —Nova Jérsei. — Ele dá uma

[16] texto religioso hindu

mordida e o queijo se encordoa como uma ponte de suspensão entre sua boca e sua mão. —Quer um pouco?

~~Uma mordida, por favor, e então outra e outra, crosta e molho de queijo e salsicha de novo e de novo~~ o vazio é forte e invencível. —Eu já comi.

—Mais para mim. — Ele senta na cama. —Quer jogar pôquer?

—Não, obrigada.

Ele apanha um punhado de cartas: ouros e espadas. —Qual o seu veneno: Texas hold 'em ou Five-card draw[17]? Quanto dinheiro você tem?

—Eu disse que não. Você só quer pegar meu dinheiro.

Ele dobra a pizza ao meio e dá outra mordida. —Malditamente certa, — ele diz através da bagunça em sua boca. —Mas, você aprenderá muito enquanto eu estiver o fazendo. Eu sou um dos melhores trapaceiros por aí.

Eu ponho minha mão esquerda nas minhas costas e cravo minhas unhas em minha palma até que a dor leve embora aquele adorável cheiro terrível. —Eu não sei jogar.

—Estou chocado. Quantos anos você tem?

—Dezoito.

—Você pode votar e entrar para o exército, mas não sabe jogar pôquer? Alguém negligenciou sua educação, pequena Emma. — Ele embaralha as cartas como um profissional. —Sente-se. Eu vou te ensinar.

[17] jogos de pôquer

Eu dou dois passos em direção a porta, balançando minha cabeça para frente e para trás e lutando contra um sorriso. —Desculpe. O universo está me dizendo que é hora de voltar para casa. Vê? Estou indo com o fluxo, fluindo para o estacionamento.

—Conseguiu. Que legal. — Elijah usa o papel higiênico para limpar o molho de tomate de cima de uma carta de baixo valor de ouros. —Espere. Eu tenho uma pergunta. Você sabe onde posso encontrar um bom ferro velho? Charlie afirma que não há um em todo o estado. Aquele El Camino lá fora é meu, mas não vai a lugar nenhum sem um novo distribuidor.

—Você consegue partes para seu carro em um ferro velho? —eu pergunto.

—Você não? É a forma mais barata de conseguir, além do mais, é reciclagem.

—Meu pai deve saber. —Eu fecho minha jaqueta. —Vou perguntar a ele. Ele é bom com carros.

—Legal. Obrigado. — Ele aponta para a caixa. —Tem certeza de que não quer um pedaço para a viagem?

~~Sim, é claro, que eu quero.~~ —Não, obrigada.

Eu fico lá. E fico lá.

Esperando.

—Eu pensei que você estava indo. — Elijah morde um pedaço de salsicha em sua boca. —Precisa de um beijo de despedida? Fico feliz em fazê-lo.

—Não. — Eu levo minhas unhas à minha palma novamente, em busca de motivação. —Olhe, — eu digo. —Eu tenho uma confissão a fazer. Essa não é apenas uma pizza de agradecimento.

—Eu sabia!, — ele joga um punho no ar. —Você está apaixonada por mim. Você quer ter os meus bebês. Nós teremos uma equipe de cavalos e uma carroça coberta e nós iremos para a América do Sul e criaremos cabras.

—Só nos seus sonhos. — Eu limpo minha garganta. —Eu trouxe a pizza para suborná-lo.

—Eu posso ser subornado.

Respiração profunda. —Eu preciso que você vá ao funeral de Cassie comigo. Sábado de manhã.

Ele sorri novamente. —Vê? Você está me convidando para sair.

—Não, eu não estou, seu idiota. É um funeral. Um horrível funeral e eu não sei mais a quem pedir.

Ele arranca um pedaço da crosta. —O que tem para mim?

—Eu acabei de lhe dar uma pizza.

—Não é o suficiente. Funerais despertam o pior das pessoas. Eles têm uma vibração muito sombria. — Ele balança a cabeça. —Não, eu não posso ir.

—Você tem que ir.

—Não, não tenho.

Eu mastigo o interior da minha bochecha. —Que tal um jogo de cartas? Se eu ganhar, você vai comigo.

—E se você perder?

Eu engulo. —Se eu perder, eu lhe darei cinquenta dólares. Mas, só com uma condição.

—Vê? Eu te disse. Sempre há um porém. O que é?

—Nós jogaremos uístes, e não pôquer.

◂ 029.00 ▸

Quando eu chego em casa, Jennifer e papai estão aconchegados no sofá em frente a lareira alimentada a gás, chamas em baixo, um filme de garota passando na tela grande. Jennifer está massageando loção no pulso direito e na mão de papai. Toda a digitação extra de seu livro atrasado deve ter agravado seu túnel carpal.

—Onde está Emma?. — Eu pergunto. —Ela já não está na cama, está?

—Ela está dormindo na casa dos Grants, — Jennifer responde. —Contra meu melhor julgamento.

—Por quê? — eu pergunto.

Jennifer derrama mais loção em sua mão. —O último torneio de futebol dela é amanhã, o dia todo. Ela vai estar exausta. Eu ainda acho que devíamos ter mantido ela em casa.

—Deixe a criança se divertir um pouco, — papai estremece um pouco quando Jennifer aperta seu pulso. —Em dez anos, ninguém vai se lembrar de como ela jogou este torneio. Ele olha para mim. —Estava na biblioteca de novo?

—Na casa de uma amiga. De Mira, — eu minto. —Nós estudamos um pouco de Física, mas principalmente jogamos cartas e comemos pizza.

—Isso é maravilhoso, — diz papai, radiante. —Você não tinha feito isto há anos.

Jennifer mantém seus olhos em seu trabalho, os enchimentos de seus polegares friccionando círculos na palma da mão dele. —Como foi o seu encontro com a Drª. Parker? — ela pergunta.

~~Nenhum de seus trabalhos esquisitos.~~ —Bom. Estou contente por ter ido. Nós conversamos sobre Cassie.

—Excelente, — papai diz. —Estou muito orgulhoso de você.

—Obrigada. Eu vou para a cama. Estou morta.

—Espere. — Jennifer coloca a mão de papai no colo dele e finalmente olha para mim. —E sobre o funeral?

Eu paro na porta que leva ao corredor. —Ela disse que era uma boa ideia. Irei com Mira e um grupo de meninas da equipe de teatro.

—Se você se sentir desconfortável, — Jennifer diz, —não hesite em vir embora. Se você mudar de ideia e quiser que um de nós vá com você, não será um problema.

—Eu ficarei bem.

Quando me preparo para sair, Jennifer adiciona, —Espere. Mais uma coisa.

Eu me viro.

—Conversei com sua mãe novamente hoje, — Jennifer diz, ignorando o olhar de surpresa no rosto de meu pai.

—Sim?. — Eu tenho um mau pressentimento sobre isso.

—Eu prometi a ela que ia tentar convencer você a passar a noite na casa dela amanhã.

Eu sabia.

—Eu não quero, — eu digo. —Eu não vejo por que.

—Eu sei, — Jennifer diz. —Você é uma adulta, você toma suas próprias decisões. Estamos começando a descobrir isso. — Ela sorri um pouco e isso suaviza suas palavras. —Às vezes ser um adulto significa fazer a coisa certa, mesmo que não seja o que você quer.

—Eu não vejo como isso é a coisa certa, — eu digo. —Minha mãe e eu não podemos nos falar sem gritar. É melhor não estarmos perto uma da outra.

—Você não passa um tempo com sua mãe há meses, — Jennifer ressalta. —Talvez isso tenha mudado.

A cabeça de papai vai e volta, como se ele estivesse assistindo a uma partida de tênis, mas não entendesse o idioma falado pelos locutores.

—Apenas uma noite, — Jennifer diz. —Pense no bom exemplo que você dará a Emma – como lidar de frente com coisas que te deixam desconfortáveis. Todo mundo tem que aprender a lidar com isso.

É trapaça usar Emma assim. Vantagem: Jennifer.

—Tudo bem, — eu digo. —Uma noite. Mas, você diz a ela. Odeio falar com ela ao telefone.

Tomo um banho demorado e lavo minha madrasta controladora e meu confuso pai e o cheiro de queijo, salsicha e motel para fora de meu cabelo.

Eu ganhei uma coisa hoje. Eu tirei a lua no uíste e bati Elijah. Eu o pegarei as dez amanhã. Nenhum de nós irá ao serviço de memorial na casa onde ocorrerá o funeral. Iremos direto para a sepultura. O passeio me dará a chance de explicar a confusão sobre meu nome, se ele calar a boca por mais de trinta segundos.

Talvez, nós fujamos para a América do Sul depois do funeral e criemos cabras.

Cassie cresce mais corajosa a cada noite, vindo mais cedo, ficando mais tempo, me assustando cada vez mais. Uma vez que seu caixão esteja inserido no chão e as orações mágicas sejam feitas e as flores colocadas em cima dela, ela irá dormir para sempre.

Mas, eu preciso dormir um pouco. Eu tomo um remédio para dormir e desço a escada na ponta dos pés em meu robe para uma caneca de chá de camomila.

O filme acabou e Jennifer e papai estão conversando silenciosamente, o Canal do Tempo zumbindo ao fundo. Eu paro no canto da cozinha, esperando ouvir sons de beijos. Eu odeio andar por aí quando eles estão fazendo isso.

Eu espio pelo canto. Sem beijos. Apenas conversando, cada um deles ocupando um canto do sofá com almofadas entre eles.

Marido: Você está exagerando. Ela está um pouco estressada, mas ela está tentando.

Esposa: Ela não parece bem.

Marido: Você vê os pesos toda semana.

Esposa: Eu gostaria que ela fizesse um check-up. Fazer uns exames de sangue.

Marido: Nós só podemos sugerir isso. Para ser sincero, empurrar o problema pode piorar as coisas.

Esposa: Chloe quer que ela volte.

Marido, pegando o controle remoto e ajustando as chamas da lareira: Não apenas para uma visita por uma noite?

Esposa: Ela está com medo que Lia perca o controle novamente. Eu concordo. Alguns meses com a mãe podem ajudá-la a recuperar o caminho.

Marido: Você foi a pessoa que me convenceu a trazê-la para cá. Você não pode mudar de ideia só por que ela passa por um momento difícil. O que você fará com Emma quando ela passar por isso? Mandá-la para a casa de Chloe, também?

Esposa: Não seja ridículo. Emma e Lia são pessoas muito diferentes.

Marido: Ela comeu pizza com os amigos esta noite. Ela está bem. Você e Chloe estão botando isso fora de proporção. Agora, quanto tempo, temos até de manhã?

Cassie está esperando por mim lá em cima. Ela ouviu tudo.

Eu tento ignorá-la, mas toda vez que me viro, ela se materializa na frente dos meus olhos. Nós deslizamos para o computador e rolamos através do refrão.

Eu tenho sido bulimica por seis anos recentemente tentei recuperar e ganhei bastante peso agora estou saindo para trás e não posso suportar o peso por mais tempo.

O que todo mundo acha de qual é o mínimo de dias

em que você poderia perder 11 quilos?

Eu tento manter a ingestão de calorias abaixo de 500.

Qualquer coisa a mais é inaceitável.

Mucho amor! permaneça forte <333

Estou tão repugnante. horrivelmente gorda. Hoje eu fui correr por 2 horas e passei fome até o jantar, onde comi como uma porca. Às vezes, eu me sinto tão fodidamente impotente.

Estou nas ALTURAS aqui. Eu acho que finalmente estou ficando muito boa nisso! Para aquelas de vocês que estão passando por um momento difícil agora, muitos abraços.

você pode fazer qualquer coisa se esforçar-se o bastante!

Quando a casa está dormindo, eu desligo a música e acendo uma vela. Cassie senta no peitoril da janela e observa enquanto eu desenho três linhas com a navalha, perfeitamente em linha reta, em meu quadril direito.

Agora, ele está igual ao esquerdo.

030.00

No caminho para pegar Elijah na manhã de sábado, eu paro em uma loja para comprar um mapa e uma bússola. O GPS está na minha lista de Natal, em tinta. O que eu realmente preciso é de uma bola de cristal, mas ninguém as vende por aqui.

Eu abro a caixa da bússola logo que entro no carro. A bússola está com defeito. Não importa como eu a seguro, a pequena agulha gira e gira ao redor do mostrador sem parar.

Eu quero meu dinheiro de volta.

Elijah gasta mais tempo falando de seus planos de ir para o sul depois do Natal que navegando. Nos perdemos logo depois de sairmos do hotel e desperdiçamos tempo dirigindo por estradas que não estão no mapa. Quando finalmente passamos entre os grifos de pedra na entrada do Cemitério Visão da Montanha, estamos atrasados.

Um homem magro com um longo casaco preto e um chapéu de cowboy também preto, aponta para mim o pequeno estacionamento. O meu carro é o terceiro lá.

Eu saio, desejando que eu estivesse usando calças de moletom, por que o ar cheira a neve. Eu puxo a barra do meu vestido e tremo. Esta garota quase pareceu bonita no espelho esta manhã: cabelo limpo, maquiagem decente, antigos brincos de prata, um vestido aranha cinza de mangas curtas (tamanho zero) que tremulava acima do joelho, e saltos de matar. Eu esqueci que aqui tinha trinta e sete degraus.

—Tem certeza de que estamos no lugar certo? — Elijah pergunta quando fechamos as portas.

O homem com chapéu caminha até nós. —Se vocês se apressarem, conseguirão chegar lá antes do serviço de sepultamento começar.

—Aonde? — eu pergunto.

—Em cima da colina, — ele diz, apontando para uma estrada íngreme. —O serviço dos Parrish está no topo. Vocês terão que andar. Todas as vagas de estacionamento lá em cima estão ocupadas. Bom dia. — Ela dá a menor das reverências e caminha de volta para sua posição no portão.

—Eu nunca conseguirei com isso, — eu digo, apontando para meus sapatos. —Eu mal consigo caminhar até o banheiro com eles.

—Então, por que você os calçou? — Elijah pergunta. Ele está vestindo jeans escuros, botas de trabalho, a camisa e a gravata que usou no velório e uma jaqueta de camuflagem. Seu brinco é um sólido alargador preto.

—Eles são bonitos.

—Não, eles não são, — ele disse. —Se eles machucam você, eles são hediondos. — Ele se curva levemente e dobra os joelhos. —Vamos lá, — ele diz. —Suba nas minhas costas.

—O quê?

—Eu carregarei você até lá em cima. Quero dizer, provavelmente me matará, mas eu irei em um momento de glória.

—Isso não é necessário. — Abro a mala de meu carro e procuro ao redor até encontrar um par de velhos tênis de cano alto,

branco encardido e coberto por flores de tinta azul desenhadas durante a aula de História. —Eu calçarei esses.

Eu me sento no para choque, tiro os saltos, e coloco os tênis, que cheiram como se estivessem cozinhando em um baú cheio de lixo durante um ano ou mais, mas eles fazem meus pés felizes.

Eu me levanto. —Sofisticada, não?

Elijah olha para os tênis, o vestido, e o fato de que estou tremendo. Ele tira sua jaqueta e a dá para mim. —Nem mesmo pense em discutir.

A jaqueta dele está pesada com o calor do corpo dele e cheira a gasolina e garoto. —Obrigada.

—Agora, — diz ele, olhando-me de cima a baixo pela segunda vez. —Agora você está bonita.

◂031. 00▸

Eu não me sinto bem no momento em que chegamos ao topo. Os cortes recentes em meu quadril estão doendo e eu estou certa de que um deles se abriu e está sangrando. Cada passo que dou para mais perto de Cassie me deixa mais fria e fraca. Isso está afetando Elijah, também. Ele anda com a cabeça baixa e as mãos dentro dos bolsos.

A crista da colina está coberta com centenas de besouros de costas pretas que se reuniram para se banquetearem com a carniça: crianças da escola, professores, os pais que vão a tudo.

Os membros da equipe de teatro estão agrupados em três e quatro. O time de futebol é um bloco sólido, a maioria vestindo suas jaquetas do time. Eu não vejo minha mãe em lugar algum.

—Quão perto você quer chegar? — Elijah calmamente me pergunta.

—Tão perto quanto conseguirmos.

Ele suspira. —Ok. Siga-me.

Nós fazemos nosso caminho através da multidão em direção à tenda do pavilhão branca. Os pais de Cassie e outros parentes estão sentados em cadeiras de plástico, ouvindo o padre, que está em pé com uma mão no ombro do Sr. Parrish.

O caixão está coberto por uma grossa manta de rosas rosa pálido. Ele está descansando sobre um suporte de metal como uma

assadeira de biscoitos quentes esfriando em um engradado. Faixas de grama falsa deveriam esconder o suporte, mas o vento as despregou.

Eu me posiciono na ponta dos pés. Se estivéssemos mais perto, poderíamos ver o fundo do buraco.

Os pais de Cassie podem. A boca da sepultura está há centímetros dos pés deles.

Uma pilha de sujeira em forma de colmeia está aterrada por trás da tenda, esperando pelo fim do serviço. Os coveiros despejarão a sujeira no buraco para impedir Cassie de flutuar para a superfície e fugir.

As montanhas ao norte desapareceram sob uma tempestade de neve. Aqui embaixo, o vento grita sobre filas de lápides cor de trovão. Eu fecho meus olhos.

O ratinho de estimação de Cassie, Pinky, morreu no verão antes da quarta série. Ela chorou tanto que eu pensei que íamos chamar uma ambulância, ou pelo menos a mãe dela. Eu a ajudei no andar de baixo. Sua mãe estava fora em algum lugar, seu pai era o responsável, e estava assistindo ao Red Sox jogar com o Yankees. Ele disse para Cassie parar de chorar. Ele colocou o cadáver no lixo depois do jogo.

Cassie o segurou junto, até voltarmos para seu quarto, então ela se jogou na cama e lamentou: —Eu não quero jogá-lo no lixo.

—Não vamos jogá-lo, — eu disse. —Vamos lhe dar um funeral apropriado.

Eu usei uma espátula para erguer Pinky para fora de sua gaiola e o deitei na bandana azul favorita de Cassie. Eu o enrolei

como um burrito de rato e amarrei com um fio. Eu disse para Cassie que ela devia carregá-lo, mas ao tocar na bandana, ela gritou. Eu pus luvas de forno, e carreguei Pinky para o pátio lateral. Cassie seguiu com uma pequena pá.

O lugar mais fácil de escavar estava no meio do jardim de rosas da mãe dela. Nos revezamos para tirar os restos do húmus novo e cavamos um buraco entre dois arbustos, um marcado *Mordent Blush*, e outro *Nearly Wild*, cada aviso escrito a mão com uma caneta de caligrafia.

Eu imitei um pouco de Latim e cantei a maior parte da Oração do Senhor. Cassie acrescentou longos —ooooommmms" que ela afirmou serem chineses. (Os pais dela encorajaram-na a explorar outras culturas). Enquanto ela omeava, eu deitei Pinky no buraco e o cobri com terra.

—Com certeza, espero que um cão não o escave, — eu disse.

O rosto dela se enrugou.

—Espere.

Eu corri até o outro lado da rua, e peguei uma balde de plástico de pedras de praia do meu quarto. Nós colocamos as pedras no túmulo, espalhamos adubo em cima, e cantamos mais algumas orações. Ficamos em pé, de mãos dadas, olhos fechados, e juramos que nós nunca, nunca, esqueceríamos de nosso Pinky especial.

No verão após aquele, o Nearly Wild da mãe dela ganhou o grande prêmio do Greater Manchester Rose Grower Association. O jornal fez uma abertura cheia de cor no jardim e *os Parrish deram uma festa para comemorar.*

O padre está em pé na frente do caixão e levanta os braços para invocar os deuses. Ele agradece a presença de todo mundo, e então sua voz cai e é impossível ouvi-lo. Um pouco depois, retardatários correm para a colina, tentando moverem-se rapidamente sem serem vistos. Um deles, é uma mulher alta de botas e um longo casaco de vison, o cabelo amarelo está puxado para trás em uma impecável trança francesa, óculos de sol de prescrição que ela não precisa por que as nuvens estão escuras e baixas.

Minha mãe.

Eu vou para trás de Elijah. —Bloqueie o vento para mim, ok?

—O quê? — ele pergunta. —Claro.

Eu conto até dez, depois dou uma espiada em torno do ombro dele. Ela está à beira da multidão, apenas após o time de futebol, balançando a cabeça e meio que sorrindo para as pessoas ao seu redor.

Algum cara vai até o padre e sussurra em seu ouvido, talvez explicando que ninguém consegue ouvir nenhuma palavra que ele diz por causa do vento soprando.

O padre acena e grita: —Oremos!”

Eu inclino minha testa contra as costas fortes de Elijah.

No dia em que enterraram Nanna Marrigan, eu caminhei atrás de minha mãe pelo cemitério, sua mão disparando de hora em hora para me avisar sobre tropeçar em raízes expostas. Eu tinha treze anos. Passamos por baixo de carvalhos morrendo, corvos de visão aguçada controlando a velocidade em seus ramos, e por anjos

adolescentes congelados no mármore, teias de aranha penduradas desde suas cabeças até seus ombros estreitos.

Nanna estava esperando em seu caixão, ao lado do recente buraco cavado na parte de trás do cemitério, onde plantavam os novos mortos. Ela havia escolhido o caixão e os hinos e as orações. Ela exigiu que as pessoas contribuíssem com a biblioteca ao invés de enviarem flores.

O padre nos deu livrinhos assim poderíamos acompanhá-lo, mas eu não peguei nenhum. Minha mãe chorou sem entrar em colapso por que Nanna não gostava quando as pessoas faziam um espetáculo de si mesmas em público. Eu estava tão atordoada pela visão das lágrimas escorrendo pelas suas bochechas, que perdi a maior parte do serviço.

Os coveiros levantaram o caixão de minha avó como se ele estivesse cheio de penas. Quando eles o abaixaram para o chão, o vento soprava e sombras de fantasmas se desdobravam e se dobravam como borboletas no chão. As garotas de mármore sussurraram e as sombras de fantasmas *moveram-se sorrateiramente para dentro e se esconderam atrás de minhas costelas...*

Abro os olhos. O padre ainda está citando a Bíblia. O rosto de Elijah está inclinado para o céu, perfeitamente calmo. Mira da escola está chorando, os braços do pai estão em volta dos ombros dela. Minha mãe está com a cabeça curvada, movendo os lábios. Eu gostaria de saber pelo que ela está rezando.

A Srª. Parrish se inclina contra o marido. Ele deita sua bochecha no topo da cabeça dela, seus braços e mãos a segurando apertado, assim ela não poderá disparar. As pétalas de rosa sobre o caixão flutuam no vento. Algumas se moveram violentamente e voaram diretamente para o céu.

O resto dos enlutados se arrepiam enquanto a tempestade escorrega do norte para cá. Nuvens inquietas de fantasmas rodopiam em caminhos de cova para cova pegajosa.

—Amém!, — o padre grita contra o vento.

032.00

Fim de jogo.

O homem de preto grita que todos estamos convidados a voltar para a casa da família e continuar a celebração da vida de Cassie e encontrar forças um no outro. Quando os pais de Cassie caminham para fora da tenda, minha mãe se aproxima deles e diz alguma coisa. Eles se revezam para abraçá-la, minha mãe os acaricia delicadamente nas costas.

—Funerais são uma droga, — Elijah diz para mim. —Da próxima vez que apostarmos, jogaremos pôquer. Pronta par ir?

—Ainda não, — eu digo. —Eu quero ver cobrirem-na.

Ele mastiga o interior de sua bochecha. —Eu esperarei por você no carro. As pessoas mortas estão me estranhando.

—Lia! —O vento quase sopra a voz dela, mas não o bastante.

Merda. Ela me viu.

Eu paro atrás de Elijah. —Não se mexa. — Ele tenta se virar, mas eu o cutuco nas costelas. —Eu quis dizer isso.

—O quê está acontecendo? — ele pergunta. —De quem você está se escondendo?

—Da minha mãe.

Ele começa a se virar novamente. —Por quê?

Eu agarro a camisa dele para impedi-lo de se mexer. —Apenas, não a deixe me ver.

Eu me aconchego contra as contas dele, meu rosto atrás da cortina de meu cabelo. Portas de carro estão abrindo e fechando, máquinas dão curvas, pneus esmigalhando sobre o cascalho.

—Por que não? — ele pergunta.

...A segunda vez que me deram acesso, ...a segunda vez que me trancaram, eu estava mau, mau, mau. Minhas unidades parentais estavam absurdamente loucas, loucas, loucas. Mortas, filhas apodrecendo deixavam um cheiro ruim que não saía, não importava o quanto a faxineira esfregasse. Meus pais revezaram a culpa repetidamente, Lia feijão quicante, Lia feijão morrendo de fome, o que há de errado com ela, é tudo sua culpaculpaculpa.

Minha mãe queria ser a chefe, queria ser a Drª. Marrigan ao invés de mãe da Lia Doente. Isso não funcionou. Os médicos da clínica cavaram um fosso ao meu redor e disseram que ela não podia nadar através dele, ela teria que esperar até ser convidada a atravessar a ponte levadiça. Depois disso, ela perdeu algumas sessões de terapia familiar. Ela tentou explicar o porquê, mas meus ouvidos estavam preenchidos com pão e macarrão e milk shakes.

Eu afrouxava junto das outras garotas feitas de pano. Uma tinha uma porta de plástico cortada em sua barriga, assim ela poderia despejar a comida para fora sem usar a boca. Quando ela ficasse zangada, ela poderia vomitar a comida pela porta na barriga, fechá-la violentamente, e trancar a si mesma.

Eu tive que raspar minhas pernas peludas na frente de uma enfermeira, assim eu não abriria uma veia acidentalmente. Quando eu fiquei um rato rosa e sem pelo, ela pegou o barbeador. Eu me enrolei em uma caixa de fósforos cheia de serragem e cobri meu rosto com minha cauda de corda fria. Os psicólogos cavaram em

suas bolsas de truques e distribuíram novas pílulas, meus loucos doces, azul bebê e hora da soneca cinza.

Experimentaram em mim durante semanas. 40.370. 41.095. 42.184. 43.091. Encheram Lia-pinhata com queijo derretido e migalhas de pão. 44.906. 46.720. 47.174. 47.627. 48.081. Liberaram-me aos 48.988 com um fichário encadernado com três anéis que guardava todas as minhas tarefas: planos de refeições, compromissos de acompanhamento, ~~encantamentos mágicos~~ afirmações para manter os pensamentos desagradáveis distantes.

Recusei-me a voltar para a casa de minha mãe. Se eu era uma criança tão complicada, uma dor em seu pescoço, então eu encontraria outro lugar para morar. Ela tentou me convencer a abandonar o plano, mas, eu puxei a ponte levadiça, tranquei-a com grades de ferro, e postei uma guarda armada.

Os médicos entregaram a papai e a Jennifer uma escorregadia sacola preta cheia com chocalhos que tiniam *de loucas sementes, mini-castanholas perfeitas*, sacode, sacode, sacode.

Elijah estala os dedos. —Por que você não quer ver a sua mãe?

—Você gosta de seus pais? — eu pergunto.

—Amo minha mãe. Papai tirou a porcaria de mim, e em seguida me mandou para fora.

—Oh, — eu digo. —Sinto muito.

—Espere, — ele diz. —Nós precisamos girar um pouco para a esquerda. — Ele se vira ligeiramente para manter seu corpo entre mim e os olhos de minha mãe.

—Obrigada, — eu digo. —Ela está olhando nessa direção?

—Ela estava, mas então duas senhoras carregando guarda chuvas abordaram-na. Agora, estão batendo no rosto dela com suas bolsas. Por que você não quer vê-la? Ela queimou suas bonecas em um fogo sacrificial? Leu seu e-mail?

—Ela quer cuidar de minha vida, — eu explico.

—Que vaca. É como se ela pensasse que é sua mãe ou algo assim.

—Ela é uma psicopata, — eu disse. —É complicado.

—Psicopatas não podem pagar por casacos de pele.

—Essa pode. O que ela está fazendo agora?

—A cabeça dela está girando 360 graus e ela está vomitando sapos, — ele diz.

—O que você está -? — eu empurro minha cabeça em torno dos ombros dele.

Ela está em pé, a apenas três sepulturas de distância. —Lia? — ela chama.

—Lia? — Elijah ecoa.

Ele dá um passo para o lado e retira meu esconderijo.

Eu paro na sepultura mais próxima – Fanny Lott, 1881-1924 – esperando que a terra entre em colapso abaixo de mim. Isso não acontece.

—O que você está fazendo aqui?. — ~~Mamãe~~ Drª. Marrigan pergunta.

—Hmmm, — eu digo.

—O seu nome é Lia? — Elijah pergunta.

—Eu pensei que tínhamos concordado que você não viria, — ela diz.

—Espere um pouco, — Elijah levanta a mão para chamar atenção. —Você é Lia, a amiga para quem Cassie estava tentando telefonar. Por que você não atendeu ao telefone naquela noite?

Drª. Marrigan o escaneia em um nanossegundo. —Quem é esse?

—Esse é meu amigo, Elijah. Elijah, minha mãe, Drª. Chloe Marrigan.

Ela para entre nós. —Desculpe-nos. Eu preciso conversar com minha filha.

Elijah treme e tenta esconder. —Por que você não me disse seu nome de verdade?

Ao longo da estrada, carros são colocados em marcha lenta para o passeio devagar colina abaixo.

—Sinto muito sobre isso, — eu digo. —Eu posso explicar.

—Você tem muito que explicar, — Drª. Marrigan diz.

—Não, eu não tenho, mãe, — eu rosno. —A Drª. Parker me disse que eu poderia vir, isso não é da sua conta. Nada do que eu faça é da sua conta mais.

Elijah estremece devido às lâminas de barbear na minha voz.

Drª. Marrigan abre a boca para dizer mais, mas um homem e uma mulher chamam pelo nome dela. Eu não os reconheço, mas ela sim e se afasta de mim para ir falar com eles.

—Ok, então ela é intensa, — Elijah diz calmamente. —Não é uma psicopata, mas é um pouco agitada.

—Ela odeia quando penso por mim mesma, — eu digo.

Minha mãe está usando a face amigável, boa para apertar mãos depois da igreja e cumprimentar ex-pacientes no supermercado. Ela não me apresenta.

—Você parece com ela, — Elijah diz. —Exceto pela cor de seu cabelo.

—Isso não é um elogio.

—Ela realmente aperta seus botões, não é? — ele pergunta.

—Ela é talentosa assim.

—E você lida com isso fugindo?

—Funcionou para você.

Ele cruza os braços sobre o peito. —Na verdade, não.

Eu realmente deveria devolver sua jaqueta, mas eu congelaria em um instante e ela diria algo terrível e eu quebraria em pequeninos pedaços.

Elijah desdobra os braços e golpeia em seus dedos. —Mesmo que sua mãe seja uma maluca, ela está tentando te alcançar. Você tem que respeitar isso.

—Isso não é tentar me alcançar, isto é sufocante.

O assistente do diretor do funeral está dobrando as tiras de grama falsas sob a tenda. Um homem com uma jaqueta de caça vermelha está manuseando uma pequena retroescavadeira para a

sepultura. O vento sopra o chapéu do assistente da cabeça dele e ele o persegue.

Enquanto o casal se afasta, Drª. Marrigan se vira novamente para nós. —Eu tenho que ir para o hospital verificar um paciente. Você vai estar em casa quando eu voltar, ok?

Elijah cutuca meu tênis com a bota.

—Certo, — eu digo, sem pensar. —Mas, eu tenho que levar Elijah primeiro.

Ela pisca rapidamente, tentando recuperar seu equilíbrio. Ela estava se preparando para brigar e não obteve isso.

—Ok, então, — ela diz, um pouco incerta. —Eu te verei lá. Tenha cuidado ao dirigir.

—Certo.

Enquanto ela vai embora, o assistente sob a tenda pega um pequeno controle remoto e aperta um botão, enviando o caixão de Cassie para o chão.

033.00

Elijah e eu voltamos para o carro sem dizer nada.

—Você está bravo comigo? — eu finalmente pergunto enquanto abro o carro. —Sobre a coisa sobre o nome?

—Eu não sei, — ele diz.

—Eu posso explicar –, — eu começo.

Ele levanta as duas mãos para me parar. —Poderíamos ficar calados por um tempo? — ele diz calmamente. —Minha cabeça está um pouco cheia. Pessoas mortas e pais zangados não são uma boa combinação para mim. Eu preciso relaxar.

—Ok.

Estamos em silêncio quando chegamos em Gateway. Eu estaciono em frente ao quarto dele e entrego-lhe sua jaqueta.

—Eu realmente apreciei tudo que você fez hoje.

—Não se preocupe. Obrigado pela carona. — Ele pega a jaqueta, sai do carro, fecha a porta e vai embora.

Eu baixo minha janela. —Espere. Quando podemos nos falar novamente?

—Eu não sei. Ele puxa as chaves do bolso.

—Eu me esqueci de perguntar ao meu pai sobre o ferro velho, — eu digo. —Eu te ligo quando descobrir aonde tem um.

—Obrigado. Ele desaparece dentro da escuridão de seu quarto.

Eu não estou muito certa do por que seu humor mudou. Talvez haja algo no ar dos cemitérios, que penetra na pele e infecta. Talvez seja por isso que eu me sinto mal de repente, também. Uma onda de náuseas escava através de minha barriga: tristeloucamáconfusa, tudo me sufoca. Eu luto com as imagens em minha cabeça: rosas tremendo no caixão dela, lágrimas caindo no chão, nuvens de tristeza correndo em nossa direção na tempestade. Eu engasgo e tusso. Se eu tivesse comido alguma coisa hoje, ela estaria subindo agora.

Uma luz de aviso vermelha aparece ao lado de meu velocímetro. Eu procuro dentro da minha bolsa pelo telefone assim poderei chamar papai e perguntar-lhe se o motor vai explodir, mas eu não mais tenho um telefone.

Eu giro o aquecedor para o MÁXIMO e coloco meu nariz na passagem de ar. O ar cheira a Cassie e faz-me engasgar novamente.

~~Estou faminta. Preciso comer.~~

Eu odeio comer.

~~Eu preciso comer.~~

Eu odeio comer.

~~Eu preciso comer.~~

Eu amo não comer.

A luz vermelha do óleo pisca ON/OFF, ON/OFF, ON/OFF. Eu saio do modo ESTACIONAR e acelero.

034.00

A Avenida Briarwood está cheia de casas feitas-a-pedido. Não há calçadas aqui, não há varandas. Os gramados são treinados para rolarem tranquilamente da porta da frente até a estrada, cada folha de grama aparada à mão de acordo com a altura regulamentada. Normalmente, a rua está vazia e varrida.

Hoje não. Carros estão estacionados dos dois lados da pista, rodas deixam marcas barrentas nas bordas dos gramados. Portas de metal batem, sistemas de segurança trinam, pessoas de casacos pretos com carrancas curvam-se ao vento, e se arrastam até a casa pela rua de minha mãe.

Estão aqui para pagar suas dívidas, pagar respeito, pagar o preço de conhecerem os pais de uma garota morta. Estão indo para a casa de Cassie.

Eu estaciono na garagem de minha mãe.

O jardim de rosas da Srª. Parrish se espalhou por ambos os lados da casa e tomou todo o jardim da frente. Os arbustos estão podados até picos espinhosos para o inverno, embrulhados em sacos de aniagem, sonhos de verão de flores grandes puxados profundamente até as raízes.

A primeira vez que eu vi Cassie vomitar foi no jardim. Os pais dela estavam dando uma festa de Dia do Trabalho, um dia antes das aulas começarem. Os adultos estavam barulhentos e bêbados na piscina, os casais do ensino médio tinham se retirado para a casa para os macios sofás esperando nos porões vazios, e as crianças estavam na cama. Não éramos mais crianças; tínhamos onze anos.

Poderíamos ficar o tempo que quiséssemos desde que não perturbássemos nossos pais.

Corri através da rua até minha casa para pegar um moletom. Quando voltei, Cassie já tinha ido. Eu a procurei por todos os lugares até que a encontrei nas sombras do jardim de rosas, longe das tochas e do som de liquidificadores de margaritas. Ela estava engasgando, o dedo enfiado em sua garganta. Quase tudo que ela tinha comido foi expelido no húmus: um saco de batatas fritas, quase uma caixa de molho de cebola, dois brownies de chocolate, e uma fatia de torta de morango.

—Vou chamar sua mãe, — eu disse.

—Não! —Ela me agarrou e me explicou em pequenos e apertados sussurros. Ela estava vomitando de propósito, assim não ficaria gorda. Ela começou a chorar por que tinha esperado muito tempo e as calorias estavam vazando para dentro dela e a faziam sentir-se ruim.

—Por que você comeu os brownies, se não quer engordar? — meu pequenino corpo de garota elfa perguntou.

—Por que eu estava com fome!. — Lágrimas rolaram por suas bochechas e desceram até a sordidez em seu queixo. Eu chutei folhas em cima da bagunça e a levei sorrateiramente até o banheiro, assim ela poderia lavar seu cabelo. Eu limpei o vômito de sua camiseta com o sabonete Dove na pia, sufocando o tempo todo. Quando ela estava no chuveiro, eu prendi a camiseta dela no secador. Usei uma faca de manteiga para raspar o cheiro desagradável no sabonete.

Mais tarde, enterradas em nossos sacos de dormir, ela me disse que toda garota em sua cabine no acampamento de teatro,

vomitava. Quando eu perguntei o porquê, ela disse que era por que elas todas eram gordas-gordas-gordíssimas e algo tinha que ser feito. O acampamento ensinou o caminho a Cassie mais que a escola.

Na oitava série, ela se tornou pró, códigos coloridos no começo de suas comilanças, mesmo Doritos laranja ou arando púrpura, assim ela saberia quando o trabalho estivesse feito. O dedo favorito dela para vomitar estava cheio de arranhões que nunca tinham se curado. Ela disse à mãe que era devido ao treino de futebol/lacrosse ou a construção de set/ensaio de peças. Ou que o cachorro tinha a mordiscado.

Cassie se tornou a montanha-russa no parque temático do ensino médio. Eu era o cavalo de carrossel congelado em uma posição, *olhos pintados abertos, a tinta lascando dos meus olhos...*

Eu devia desenterrar o Nearly Wild e pegar os ossos de fósforos de Pinky ainda quentes na bandana azul. Eu deveria tricotá-los em um suéter ou encordoá-los em uma fita e usá-los em torno do pescoço. Se eu ainda tivesse a ver-vidro verde, eu poderia trabalhar nela, também. Sempre que me perdesse, eu poderia levá-la aos meus olhos. Muito melhor que uma bússola girando.

O aviso do tanque de gás vazio aparece ao lado da luz vermelha piscando. Sem problemas.

~~Minha mãe~~ Drª. Marrigan puxa para a entrada de automóveis. Ela olha para mim através do vidro da sua janela e do vidro na minha, enquanto a porta da garagem se abre. O nariz dela está vermelho e os olhos inchados, como se ela tivesse chorado. Ela vira a cabeça para longe de mim e dirige para a garagem.

Eu fico no carro por alguns minutos, e então a sigo.

035.00

Tenho certeza que ela está esperando por mim na sala familiar, a temperatura aos quatorze graus, suas notas de discurso ordenadamente arranjadas com meus problemas e erros listados em ordem de prioridade. Ela tem gráficos para provar que tudo que eu faço é errado, e que minha única esperança é permitir que insiram as células tronco dela em minha medula, assim ela poderá cultivar uma nova ela vestida em minha pele.

Mas, não. Ela não está na sala familiar.

Ela está esperando por mim na biblioteca, que as pessoas normais chamam de —sala de estar.

Não. Milhas de estantes empoeiradas, revistas de cardiologia empilhadas na mesa de café. Sem Drª. Marrigan.

Não na cozinha. Não na esteira no porão. Não na elíptica ou levantando pesos ou trabalhando em seu abdome.

—Mãe?

Os canos no porão tremem e o tanque de água quente é ligado. Ela deve estar tomando banho.

Eu subo dois lances e caminho na ponta dos pés através do chão polido do quarto dela, giro a maçaneta deeeeeevagar, e abro a porta de seu banheiro com um estalo. Uma lufada de vapor goteja para fora, preenchida com os soluços de uma mulher adulta quebrando em pedaços do tamanho de uma garota.

Eu fecho a porta.

Quando ela desce uma hora depois, o café está fermentando, o suco de laranja está servido, e um lugar está selecionado para ela na mesa com a porcelana branca de Nanna Marrigan, a prata antiga da gigantesca cômoda na sala de jantar, e um guardanapo de linho cor de neve. Do jeito que ela gosta – preciso e limpo. Nem mais nem menos.

As lágrimas foram lavadas, mas o nariz dela ainda está vermelho. Ela olha em torno da cozinha, confusa e sem equilíbrio novamente, por que eu não estou seguindo o roteiro.

Eu a entrego o copo de suco. Enquanto ela bebe, eu quebro três ovos e ligo a boca do fogão sob a frigideira para derreter a manteiga.

Cada passo na cozinha é um teste – *eu estou forte o bastante para pegar um pedaço de manteiga. Estou forte o suficiente para despregar o invólucro de papel, deixo cair um pedaço na panela, e vejaescutecheire ela derreter.* Eu lavo a gordura pegajosa da ponta de meus dedos sem experimentá-la. Estou passando em todos os testes hoje com sucesso completo.

—Quando você aprendeu a cozinhar? — minha mãe pergunta.

—Jennifer me mostrou. Emma adora omeletes.

Ela fareja o ar. —Há algo no forno?

—Eu queria fazer muffins de cenoura-passa – Emma gosta deles também. Mas, você não tinha nem cenoura nem passas, então esses são muffins de noz moscada. — Eu bato os ovos. —Sua

geladeira está um pouco vazia. Só tem cebola ou espinafre para sua omelete.

Ela estuda os vegetais picados sobre a tábua. —Só espinafre.

Eu ponho o café dela na xícara de porcelana e entrego-lhe. Ela a coloca em cima da mesa, em seguida pega o telefone e o bipe do bolso de seu robe e os alinha próximo ao garfo. Ela se impulsiona na cadeira, os olhos desfocados em seu reflexo no prato vazio.

—Quem foi? — eu pergunto.

Ela olha para cima. —Quem foi o quê?

Eu lentamente despejo os ovos na panela quente. —Que paciente morreu?

—Como você sabe que um paciente morreu?

Eu levanto a casca da omelete para deixar um ovo molhado deslizar para baixo. —A única vez que você chora no banheiro assim, é quando você perde um paciente.

A panela chia. O relógio do forno soa.

Minha mãe espalha o guardanapo em seu colo. —Ela era uma agente social que tomava conta de casos de crianças adotivas. Cardiomiopatia dilatada, muito avançada, esteve na fila de transplantes há mais tempo que qualquer um. Eu a dei um novo coração no Dia de Ação de Graças. Ele falhou hoje. Ela morreu antes que pudéssemos fazer qualquer coisa.

Enquanto ela fala, eu coloco o espinafre na omelete, polvilho queijo em cima, a dobro, e a deslizo para o prato que pus na frente dela. —Sinto muito.

—Obrigada. — Ela dá uma mordida, mesmo que tenha acabado de sair da panela quente. —Isso é muito bom. Espero que esteja fazendo uma para você também. — Ela come automaticamente, o mesmo número de mastigações por mordida, o mesmo número de segundos entre as engolidas até que a omelete acaba e seu tanque de gás é abastecido.

Nós não estamos gritando uma com a outra. Nós não estamos procurando pelas facas mais afiadas para ferirmos uma a outra. Isso é bom.

Não há como fugir da questão. Eu jogo na panela quente para ver o que vai acontecer.

—Será que Cassie morreu como sua paciente? — eu pergunto. —O coração dela falhou?

—Eu prefiro não falar sobre isso com você, — minha mãe diz. —Não agora.

—Mas, você viu o relatório da autópsia, não viu?

—Eu não acho que esse é o momento certo -, — o bipe dela vibra na mesa. —Porcaria. — Ela lê a mensagem, perfura um número no telefone. —Esta é a Doutora Marrigan.

Eu queimo as pontas de meus dedos pegando os muffins do forno. ~~Eles querem pular para a minha boca. Não, eles querem rolar na manteiga e no mel e pular para minha boca, um, dois, três, quatro. E em seguida, um pouco de sorvete Moose Tracks e alguns biscoitos de farinha integral e uma jarra de cobertura de chocolate e três sacos de pipoca.~~

A Drª. Marrigan dá ordens sobre medicamentos e soros e exames, e em seguida, desliga. —Os muffins estão prontos?

—Um pouco quentes.

—Tudo bem.

Eu pego o prato sujo de omelete e ponho três muffins na frente dela. —Você disse que ia explicar os resultados da autópsia para a Srª. Parrish.

—Eu expliquei.

—Então, o que aconteceu?

—Você não vai comer nada?

Eu coloco o prato sujo na pia. —Não estou com fome.

Minha mãe desprega a casca de papel rosa do muffin. —O que você comeu no almoço?

—Eu ainda não almocei.

—São quase duas horas. Pegue um muffin.

—Eu não quero um.

—E ovos. Você poderá usar a proteína.

—Tinha leite no meu cereal esta manhã.

—Você precisa comer. — A Voz está de volta, dando ordens, exigindo obediência.

—Mãe –

O bipe toca novamente, balançando na mesa como uma abelha zangada. —Droga. — Ela faz a chamada. —Drª. Marrigan.

Eu coloco a frigideira e a panela dos muffins na pia, ligo a água quente e jogo no sabão. O calor da cozinha se enevoou sobre as janelas.

A garota de verdade que eu fui desliza para fora e ouve ecos de vozes gritando feio um para o outro em cada cômodo desta casa. Mamãe x Papai. Papai x Mamãe. Papai x o trabalho de Mamãe. Mamãe x as namoradas de Papai. MamãePapai x relatórios de Lia, recitais de Lia, decisão de parar novamente de Lia. Lia x qualquercorpo.

As vozes escorregam para dentro da boca desta menina quando ela não está olhando, como um inseto em uma noite de verão que se agarra no interior de sua garganta logo depois que você percebe que o engoliu. As vozes nadam ao redor de seu interior e se multiplicam – tostados, pequenos ecos de vozes que fazem uma permanente morada dentro da casca de ovo do crânio dela.

::Estúpida/feia/estúpida/vadia/estúpida/gorda/

estúpida/bebê/estúpida/perdedora/estúpida/perdida::

—Eu disse, 'Lia, olhe para mim! — minha mãe grita, sacudindo meus ombros.

Eu pisco. Os pratos se foram, mas minhas mãos ainda estão na pia. As bolhas se foram. A água está fria.

Mamãe me ~~arrasta~~ guia para sua cadeira, um braço em volta de meus ombros, o outro pegando um braço para checar meu pulso. Ela se ajoelha diante de mim e me faz olhar para cima, para o lado, depois direto para a luz brilhando de sua caneta.

—Eu aposto que sua glicose está no banheiro. — ela murmura.

Três papeis vazios de muffins estão dobrados em triângulo no prato dela. Um bloco de papel verde pálido está sentado ao lado do prato, coberto com as notas dela de suas chamadas telefônicas que ela fez enquanto eu estava na terra dos zumbis. Seu copo de suco e a xícara de café estão vazios. A água na pia sugou tempo para fora do cômodo.

Eu perdi dez minutos, talvez quinze.

Ela me serve um copo de suco de laranja. —Beba isso.

Se eu não beber, há uma boa chance que ela me dominará a força até o chão, arrombará minha boca, e o despejará dentro de mim. Ou me levará para o hospital e me grudará com drogas até que eu infle e salte até o teto como um balão de desfile no Dia de Ação de Graças.

Eu engulo o suco de laranja, empurrando-o para meu estômago.

Ela se senta, olhando para mim, enquanto a névoa desobstrui as janelas e a bateria ácida transborda para dentro de minhas veias.

—Estou bem. — eu digo. —Só estou triste por Cassie.

Ao invés de responder, ela se levanta, bate a frigideira limpa no fogão, liga a boca, joga manteiga na panela, puxa a porta da geladeira, pega ovos e leite, quebra dois ovos na panela, espirra leite sobre eles, e bate tudo com um garfo.

—Eu não vou comer isso, — eu digo.

Ela se curva sobre o fogão, misturando, misturando.

—Eu não posso.

Sem resposta. Misturamisturamistura.

—Você não deveria empurrar-me. Eu tenho que me sentir segura com alimentos.

—Esta é a coisa mais estúpida que eu já ouvi. — Ela põe os ovos fritos em um prato limpo junto com dois muffins, segue através da cozinha e coloca na minha frente.

O suco de laranja é um vírus que ataca minhas entranhas. — Esqueça.

Ela balança a cabeça. —Você não está pensando claramente. Você está tonta. E mentiu para mim sobre o café da manhã.

—Ok, então eu esqueci o café da manhã. Tem sido um dia difícil.

—Você parece horrível. Quanto está pesando?

—Jennifer é a nazista da balança, — eu digo. —Pergunte a ela.

Ela cruza os braços sobre o peito.

—Quarenta e oito na terça feira.

—Eu não acredito nisso.

—Ela lhe mostrará o caderno.

—Você vai comer tudo neste prato.

Dois ovos mexidos + leite + manteiga = 365 (+ dois muffins = 450) = horror.

—Eu vou tentar.

Eu dou uma pequena mordida no ovo. O suco de laranja está fazendo buracos no revestimento do meu intestino. Eu engulo o ovo

e a gordura, pego outra garfada e abro bem a boca para o avião zumbindo em direção ao hangar.

Minha mãe serve para si mesma outra xícara de café.

Eu abaixo o garfo. —Eu me sinto doente. Eu não posso fazer isso.

—Você está doente. Quando você comer como uma pessoa normal, se sentirá melhor.

—Comer me faz sentir-me pior.

—Dê uma mordida no muffin.

Bem devagar eu desembalo o papel rosa: O que eu estava pensando, cozinhando para ela, tentando dolorosamente beijar mamãe e tornar tudo melhor? Eu corto o muffin no meio, em seguida uma das metades em quatro pedaços, e cada um desses em dois. Eu coloco um dos pedaços na boca. Uma bolha seca de farinha sem mistura explode em minha língua.

Ela me observa mastigar e engolir. Ela me observa não dar outra mordida, *um minuto, dois, três, quatro...* Alguns anos atrás, eu vi o documento de impostos de mamãe e fiz as contas para descobrir sua taxa horária. Eu só desperdicei doze dólares do tempo dela.

Eu empurro o prato. —Eu não posso.

Ao invés de explodir, ela respira profundamente e empurra o prato de volta para mim. —Eu farei um acordo.

O suco de laranja está provocando cólicas em meu estômago. —O que você quer dizer?

—Se você comer, eu explicarei como Cassie morreu, — ela diz.

—Você está de brincadeira.

—Eu brinco com você sobre comida?

~~Estou com tanta fome~~ Eu tenho que permanecer forte – dobrada, mas não quebrada. —Um muffin.

—Dois muffins. Você precisa dos carboidratos.

—Um e os ovos.

Ela respira fundo novamente. —De acordo.

Isso leva uma hora.

Ovos mexidos = 25 mordidas.

Um muffin = 16 mordidas.

036.00

Meu estomago rosa de rato gosta de ser pequeno e vazio. Ele me odeia por empurrar toda aquela comida para ele. Eu deito-me no sofá, puxo o cobertor elétrico sobre mim, e tento não vomitar.

Minha mãe empoleira-se no sofá a minha frente. Ela puxa um afegão sobre as pernas, o que eu tricotei no último Natal, cheio de pontos perdidos e padrões quebrados. — Você tem certeza que quer ouvir isso."

—Não pode ser pior do que o que tenho imaginado."

—É insuportável."

—Ela estava drogada?

—Não, nada ilegal, mas ela estava com dois antidepressivos, um estabilizador de humor, e um medicamento para úlcera. E vodca. Muita vodca."

—Intoxicação por álcool?

—Não. — Ela arruma o travesseiro em suas costas, mas não diz mais nada.

—Você prometeu, — eu digo. —Eu fiz o que você pediu. Você tem que me contar. Tudo."

—Tudo?. — Ela dá um suspiro e muda para o modo atendimento médico. —Cassie teve danos no fígado, suas glândulas salivares estavam um desastre, e o estomago estava dilatado." Minha mãe mantém um punho solto. — Um estomago saudável é muito grande. Ele pode se esticar para suportar cerca de um quarto. O de Cassie podia manter três. Além disso, as paredes de seu estomago haviam diminuído e estavam mostrando os primeiros sinais de necrose.

A última vez que vi Cassie foi apenas antes da parada de Ação de Graças. Eu estava no meu caminho para a biblioteca; ela estava colocando cartazes para o musical. Seu exterior estava limpo e colorido: novos jeans, suéter bonito, brincos grandes. Suas bochechas estavam inchadas e seu cabelo parecia palha. Ela não estava necrosada. Ela estava mascando chiclete. Seus olhos estavam cansados, mas nós éramos alunas do último ano. Todos os veteranos têm olhos mortos.

Eu passei por ela e suspireidisse oi, mas ela não me ouviu.

Alongando e vomitando e enchendo e esvaziando, a balde de Cassie foi *arrastada para o bem repetidamente.*

—Cassandra teve uma briga terrível com seus pais Quinta-feira, no jantar de Ação de Graças, — minha mãe disse. —Ela se levantou para vomitar no meio da refeição.

Cindy disse ainda que Jerry podia ver que ela estava de volta a seus velhos hábitos. Eles disseram-na que ela precisava ser internada. Ela se recusou. Ela tinha dezenove anos, não poderiam forçá-la. Jerry perdeu a paciência e disse que não iria pagar a faculdade até que ela estivesse saudável. Cassie saiu. Ela ligou para Cindy e disse que voltaria para casa no sábado, e que estava na casa de uma amiga. Ela estava no motel, Ela bebeu, se entupiu de comida, e vomitou por dois dias.

—Então foi um ataque cardíaco? Por que seus eletrólitos estavam uma bagunça?

Mamãe puxou o afegão para cima contra seu peito. —Não, querida. O esôfago de Cassie rompeu.

—Rompeu.

—Rasgou. Síndrome de Boerhaave, geralmente vista em alcoólatras que regularmente vomitam após beber demais. Vomitar forçosamente pode ser suficiente para rasgar o esôfago. — Mamãe olhou para suas mãos. —Ela estava vomitando no banheiro do motel quando o rompimento ocorreu. Ela também estava, como eu disse, muito, muito bêbada. Ela entrou em choque e morreu no banheiro.

Eu conto até dez, e depois até cem. Minha mãe espera, observando. Inspire. Expire.

—Você tem alguma pergunta? — ela finalmente pergunta.

—Será que vai sair no jornal?

Minha mãe balança a cabeça. —Eu duvido. Uma vez que não houve drogas envolvidas, irão dizer algo como que a morte foi o resultado de uma condição médica pré existente.

Lá fora, na rua, as pessoas estão voltando para seus carros, travando as portas, e se afastando tão rápido quanto podem. Se eu fosse a Srª. Parrish, eu não os deixaria sair. Eu os imploraria para irem em alguns meses, ou pagaria a estranhos para ocuparem cada cômodo, comer minha comida, bagunçar meus tapetes, só assim a casa não ficaria vazia.

—Ela sentiu algo?

Minha mãe acende a lâmpada na mesa ao lado dela. A tempestade desceu das montanhas. —Eu temo que o tenha. Ela morreu em terror e sozinha. É um modo terrível de ir.

Eu sou um iceberg a deriva em direção a borda do mapa.

—Eu não acredito em você, — eu digo. —Você está inventando isso para me assustar.

—Eu não preciso fazer coisa alguma. Ela está morta, você foi ao funeral dela. Cindy irá lhe mostrar o resultado da autópsia, se você quiser.

—Eu não quero mais falar.

Minha mãe se inclina para frente. —Você está autorizada a se sentir chateada sobre isso. Na verdade, eu prefiro te ver chateada que fingindo que isto não a incomoda.

—Você não tem que se preocupar. – Sento-me e começo a trançar meu cabelo. —Estou triste que ela morreu e estou realmente triste que ela tenha morrido de um péssimo modo, mas isso não vai arruinar a minha vida. Mesmo antes do último verão, Cassie e eu não estávamos mais tão próximas como quando éramos crianças.

Ouvimos o vento soprar.

—Cindy quer falar com você, – minha mãe diz. – Ela me disse que você é a única pessoa que pode ajudá-la a compreender por quê.

—Por quê?

Ela acena com a cabeça. —Cassie tinha tudo: uma família que a amava, amigos, atividades. A mãe dela quer saber por que ela jogou tudo fora?

Por quê? Você quer saber por quê?

Caminhe a uma cabine de bronzeamento e frite a si mesmo por dois ou três dias. Depois que suas bolhas na pele descascarem, role em sal grosso, em seguida puxe sua roupa de baixo de tecido longo em vidro fiado e arame farpado. Depois vista suas roupas normais, desde que elas estejam apertadas.

Fume pólvora e vá à escola para saltar através de aros, sentar-se e implorar, e rolar através do comando. Ouça os sussurros que envolvem sua cabeça durante a noite, chamando-te de feia e gorda e estúpida e vadia e puta e o pior de todos —uma decepção. — Vomite e passe fome e corte e beba porque você não quer sentir nada disso. Vomite e passe fome e corte e beba porque você precisa de um anestésico e ele funciona. Por um tempo. Mas, depois o anestésico se transforma em veneno e aí já é tarde demais, por que você o está injetando agora, direto para sua alma. Ele está te apodrecendo e você não pode parar.

Olhe-se num espelho e encontre um fantasma. Ouça cada batida de coração cadacoisinha está errada com você.

—Por quê? é a pergunta errada.

Pergunte —Por quê não?

O bipe vibra na mesa da cozinha. Ela pragueja, o verifica, e faz a chamada mágica. —Drª. Marrigan. — Depois de ouvir, ela voa para fora do cômodo e sobe as escadas. Eu me deito.

O cobertor finalmente aqueceu e eu me enterro debaixo dele. Minha barriga de rato geme por que ela forçou quase mil calorias para dentro de mim. Terei que permanecer forte até o jantar de amanhã para equilibrar tudo.

Eu vou à deriva...

—Lia, acorde. — Ela balança meu ombro novamente. —Eu tenho que ir. O hospital. — Seus olhos estão virados em minha direção, mas ela está vendo leituras de ECG[18] e relatórios de exame de sangue e a limpa, linha fumegante que ela estará cortando através do peito de um paciente em uma hora ou duas.

Eu me sento, tremendo, e procuro pelos controles do cobertor. —Esta coisa não está funcionando. —

—Eu desconectei, assim você não se queimaria. — Ela fechou o casaco e se inclinou para beijar a minha bochecha. —Sinto muito, eu tenho que ir. — Ela beija o topo da minha cabeça. —Tenha algum descanso.

[18] eletrocardiograma

Ela bate a porta ao sair, mas não porque está com raiva. A Drª. Marrigan sempre bate as portas para ter certeza de que elas estão bem fechadas.

037.00

A casa da minha mãe respira e come. O lavador de pratos repete o ciclo através de ENXAGUAR, ESFREGAR, LAVAGEM NORMAL, ENXAGUAR ANTIBACTERICIDA, e SECAR. O sistema de aquecimento filtra todo o ar através de pulmões eletrostáticos e o exala quietamente. O tanque de água quente dispara para cima. O compressor da geladeira faz barulho, em seguida zumbi, para manter tudo gelado.

Não importa se eu gritei alto o bastante para quebrar todas as janelas. Tudo continua a funcionar de acordo com o manual do proprietário e garantido por um volumoso arquivo de garantias.

Eu tremo pelo chão e vou ao banheiro. Quando eu dou a descarga, a água leva tudo fora de vista. Antes de voltar para debaixo do cobertor, eu abro as cortinas e fico na frente das frias portas francesas que ignoram ~~o que costumava ser o céu n~~o quintal. Quando meu pai nos deixou, ela contratou paisagistas para transformar a horta em um canteiro de plantas perenes, algo que ela não precisasse mexer ou de muita água.

A pilha de compostagem foi retirada, o jardim de ervas se tornou semente, e o lote especial de plantas de morango se transformou em uma passagem. Rapazes vinham uma vez por semana para cortar, aparar, e limpar.

Eu não acho que ela os tenha contratado este ano. Deve ter sido uma selva em Julho e Agosto. Agora era uma selva morta. A grama está na altura do joelho e marrom morta, coberta por cascas de ervas daninhas e galhos caídos. Os irregulares arbustos perenes estavam com videiras secas. O coto da árvore bordo que costumava suportar minha casa na árvore está podre. É como se ela nem sequer soubesse que tem um quintal.

... Minha casa na árvore foi o nosso castelo até o verão em que tínhamos doze anos.

Nanna Marrigan veio para ficar quando a escola acabou, por que eu estava muito velha para ter uma babá e muito jovem para ficar sozinha. Ela cozinhava todas as manhãs: pão de abobrinha, biscoitos de aveia, ou torta de arando. Ela me ensinou a tricotar e a Cassie como fazer crochê, os comprimentos de fios sem fim saíam do carretel sobre suas mãos de papel e ao redor de seus dedos tortos.

Nós não queríamos assistir a uma velha senhora cozinhar ou tricotar. Nós queríamos ir ao shopping. Nós queríamos estalar nossos dedos e fazer dezesseis anos assim poderíamos dirigir carros e ter namorados perigosos.

A casa da árvore era muito pequena para meninas inquietas como nós, mas era tudo o que tínhamos. Nós líamos, jogávamos uístes e Uno, pintávamos nossas unhas, e comíamos Popsicles e sanduíches de queijo e mostarda até que nossas camisetas ficassem permanentemente manchadas.

Aquele foi o verão em que finalmente cresci, depois de anos sendo menor que qualquer um. A puberdade me esticou nas costelas até meus braços e pernas estalarem fora de suas bases e meu pescoço quase se rompeu. Esse novo corpo cheirava a úmido. A bunda mexia, as coxas pareciam ter uma milha, e um suave queixo duplo borbulhou. Minha professora de balé apertou os centímetros extras, tirou meu solo, e me disse para parar de comer sorvete de nozes-bordo. Eu fui de cisne elegante para patinho feio que não podia andar sem tropeçar em seus próprios pés.

Cassie disse que balé era para bebês. Eu disse que realmente não me importava, mesmo que eu me importasse. Dois dias depois, ela foi para o acampamento de drama e eu estava sozinha.

Foi nesse verão que o livro mais famoso de meu pai foi publicado e ele estava nos jornais o tempo todo, e minha mãe descobriu sobre sua nova namorada. Ele dormiu no sofá durante algumas semanas, e então saiu de casa. Disse-me que sempre me amaria, não importava o que, alugou um apartamento de um quarto, e se foi. Nanna Marrigan

disse que os ventos levassem o lixo ruim, por que ela nunca gostou do meu pai para começar.

Minha mãe pediu o divórcio.

No escritório do conselheiro, meus pais diziam que sempre seríamos uma família por causa de mim, mas as coisas estavam melhores agora. Sem gritos, sem argumentos. Ao desmontar nossa família, eles estavam a tornando na verdade, mais forte. No momento em que percebi que eles não estavam fazendo sentido, o aconselhamento familiar estava feito e papai estava andando pelo corredor com Jennifer.

O surto de crescimento deixou meus órgãos internos em pedaços. A dor me acordava, gritando, quase toda noite. Minha mãe havia feito testes em mim para vinte tipos de câncer e consultou especialistas que analisaram as imagens preto-e-branco das minhas entranhas e disseram que não havia nada de errado comigo. A dor iria embora quando eu parasse de crescer.

Eles mentiram, também. Só piorou.

Nanna Marrigan voltou para casa pouco antes de a escola começar. Cassie voltou do acampamento com um falso sotaque britânico, um sórdido caso de era venenosa, e três caixas de laxantes.

Eu mostrei a ela como eu vinha fazendo pequenos cortes na minha pele para permitir que a maldade e a dor

vazassem. Eles eram superficiais a princípio, e curtos, como marcas de garras feitas por um gato desesperado que queria se esconder debaixo da varanda da frente. Cortar a dor era um diferente sabor de dor. Foi isso que fez mais fácil não pensar sobre ter *meu corpo e minha família e minha vida roubados, fez mais fácil eu não me importar...*

O interior de Cassandra Jane estourou como uma bexiga rosa de festa. Ninguém cantou para ela ou a abraçou ou a ajudou a recolher os pedaços quebrados. Ela morreu sozinha.

Eu não posso me deixar olhar para qualquer uma das janelas em frente à casa dela, por que só agora estou entendendo que ela nunca mais dormirá lá, nunca baterá a porta, nunca cantará no chuveiro enquanto lava o cabelo.

Eu faço meu caminho de volta para a sala familiar, os olhos fechados, os pés se arrastando pelo chão. Eu não me deixo ver nada até que esteja longe das perigosas janelas.

Meu estomago ainda está gemendo, então eu volto para o cobertor no sofá, o conecto e ligo em ALTO. A gordura dos ovos se mistura com a massa do muffin e com o suco. Derrama-se em minhas artérias, uma lama de lenta movimentação que quer se transformar em concreto. A qualquer minuto agora meu coração poderia simplesmente

parar.

◂ 038.00 ▸

Eu acordei mais confusa que o habitual, por que minha cama não estava virada na direção correta, isso nem mesmo é uma cama, é um sofá, o sofá de minha mãe, o macio sofá na casa de minha mãe. Eu estou coberta por uma pesada colcha de mulher-Marrigan, cheia de retalhos de pedaços de vestidos antigos e saias desgastadas.

Eu não me lembro de adormecer ou não ser capaz de adormecer ou até mesmo de sonhar. Eu não acordei quando mamãe chegou em casa. Eu não posso dizer se isso é coisa boa ou ruim.

Cassie não me visitou na noite passada. Isso é uma coisa boa. Talvez ela possa finalmente dormir, também.

O ar cheira como sempre: café e água sanitária.

—Mãe? — A palavra tem um gosto engraçado.

—Aqui. — Ela responde fracamente.

Eu enrolo a colcha ao meu redor e me arrasto através da casa. Parece que eu estive fora durante seis vidas, e não seis meses.

Depois que papai se foi, ela mudou tudo: mobília nova, tapetes novos, uma cozinha totalmente nova. Ela

demoliu algumas paredes, redesenhou o espaço em cada andar, colocou janelas novas, e trocou as portas. Nós passamos dois anos pisando sobre carpinteiros e pedreiros e caras cobertos de poeira que xingavam bastante. Quando estava acabado, ela tinha uma casa novinha em folha, imaculada pela presença de meu pai.

Eu meio que esperava que ela fizesse o mesmo novamente depois que eu me fui, mas tanto quanto posso dizer é que uma única coisa mudou: todas as pinturas e mapas e fotos do Maine e de seus avós e eu como uma bailarina, e eu como um bebê dormindo no ombro dela, todas elas foram retiradas das paredes e colocadas no chão. Deixaram os fantasmas para trás, brilhantes retângulos coloridos com ganchos de fotos nus e finos pregos salientes despontando do meio. O resto das paredes está desbotado.

A voz dela se infiltra através da porta fechada da biblioteca. —Eu vou sair em um minuto.

—Eu vou estar lá em cima.

Meu quarto está exatamente do jeito que eu deixei quando me transportaram do New Seasons pela última vez, desde as impressões na porta do armário até os pedaços de cartões de aniversário no chão. Ela não mandou a faxineira fazer minha cama ou levá-la para a calçada ou aspirá-la ou tirar o pó.

A estrutura da porta ainda tem marcas de lápis mostrando o quanto cresci a cada ano depois que nos mudamos, até que eu fui para o colégio. Aqui está a única coisa diferente: a estrutura foi pintada com um revestimento claro, protegendo as linhas e as datas de serem apagadas acidentalmente.

—Lia? Café da manhã.

—Estou indo.

No momento em que chego na cozinha, ela está servindo-se de uma tigela com granola. O balcão está repleto de comida: caixas de cereais, pacotes de aveia, pão de forma, bananas, a caixa de ovos, caixas de iogurte, sacos de pão de rosca e rosquinhas. Ela foi fazer compras enquanto eu estava dormindo.

Nós olhamos uma para a outra por sobre a comida. Nenhuma de nós diz uma palavra, mas o velho roteiro está suspenso no ar:

vocêtemquecomer/eunãoestoucomfome/comaalguma coisa/parademeforçar/meescute/medeixeempaz

Do outro lado da rua, a Srª. Parrish está caminhando através de uma casa sem filha, uma cozinha sem Cassie.

~~O cheiro dasrosquinhasedopão está celestial junto do açúcar e eu sei o que uma provada faria~~ eu tenho que comer um pouco de algo ou ela vai ficar louca e eu estou muito

cansada para lidar com isso. Eu pego um pão de forma. — Isto não tem muita frutose de xarope de milho, certo?. — Eu pergunto.

—Claro que não, — ela diz, despejando leite de soja em sua tigela. Seus olhos se arregalam um pouco quando eu pego um pão (77) e o coloco na torradeira.

—Ainda tem alguma geléia de morango que Nanna deixou?

—Eu joguei fora. Não confiava nos selos depois de tantos anos. Eu comprei ameixa em conserva e mel.

Comer apenas torrada a detonaria. —Eu vou pegar um pouco de mel.

Quando o pão está pronto, eu ponho uma camada microscópica (30) nele e ponho café preto em uma xícara. Ela finge não ouvir ou observar enquanto eu mastigo meu café da manhã. Eu finjo que não estou a vendo fingir.

—Por que todas as fotos estão no chão? — eu pergunto.

—Eu venho querendo pintar, mas não consegui decidir a cor, — ela diz. —Durante meses. Eu apenas deveria pendurá-las de volta.

Nós não temos mais nada para falar. Graças a Deus pelo jornal.

Depois que os pratos estão lavados, eu tomo banho e escovo os dentes, não deixando meus olhos desviarem para os espelhos. Eu me visto tão devagar quanto posso e rezo para que aconteça um desastre natural que exija que todos os médicos vão para o hospital pelo resto do dia.

—Lia? — ela chama. —Você não vai voltar?

Ela está esperando na sala familiar. Quando entro, o cabelo escorrendo pelas minhas costas, ela acaricia a almofada no sofá perto dela, uma vez, como se ela não tivesse certeza do que isso significa ou não.

Sento-me no outro sofá, aquele com o cobertor elétrico.

—Então, — ela diz. —O que você gostaria de fazer?

—Eu não sei. O que você quer fazer?

—Nós poderíamos conversar.

Eu simplesmente deveria voltar para a cama. —Ok.

—Como está a escola?

—Uma porcaria.

Ela se inclina para frente para arrumar os jornais na mesa entre nós. —Você já pegou seu formulário? Foi conhecer o campus na faculdade?

—Eu não preciso ir conhecer. Eu tenho andado por lá desde que era bebê.

—Pode lhe dar uma nova perspectiva. Você poderia conhecer a pessoa que conduz os passeios, fazer alguns amigos novos: Pode ajudar com sua motivação.

E assim começa.

Eu jogo o cobertor e fico em pé. —Isso é estúpido. Você vai me repreender e mandar ao meu redor, eu vou gritar de volta, será como sempre. Não podemos sequer fingir que nos damos bem. Estou indo.

Ela ergue as duas mãos. —Espere. Sinto muito. Sem repreensões, eu prometo. Apenas mais alguns minutos, por favor?. —

Eu sento e olho para meus pés.

—Quando você morava aqui, — ela continua, —e visitava seu pai nos finais de semana, o que você fazia com ele?

—Na maioria das vezes íamos a livrarias e líamos. Às vezes ele me levava para jogar squash.

—Você gosta de jogar squash?

—Não. É um jogo horrível.

—Por que você ia com ele?

—Isso o faz feliz. – Eu espero que ela recite tudo o que há de errado com o Professor Overbrook, o catálogo de seus defeitos e maus hábitos, e gestos irritantes, mas ela não

o faz. Ela está olhando para os meus pés, também. Ela parece perdida.

Sento-me de novo. —Podemos ver TV?

—Boa idéia. — Ela pega o controle remoto e o aponta.

Nós assistimos ao Discovery Channel a manhã toda. É melhor que conversar, mas não é tão bom quanto correr porta afora.

Ela não comenta sobre meu almoço de alface e pepinos. Eu não digo nada quando ela desaparece em seu computador a maior parte da tarde.

Os simuladores de luta gentilmente atrás do fogão durante a tarde toda, as bolhas subindo e estourando, ingredientes caindo no fundo, depois voltam a superfície. Não ferve mais até o por do sol.

Minha mãe decide que teremos sushi para o jantar. Eu decido que não vou buscá-lo com ela. Ela decide que comeremos na mesa da sala de jantar, por que quando as coisas são formais, ela está no controle. Eu decido ler enquanto como. Ela decide que eu vou comer quatro pedaços de sushi e quatro pedaços de sashimi e uma tigela de macarrão udon e tempurá com camarão frito. Eu decido que não estou com fome. Eu bebo chá verde em uma xícara sem asa.

Ela não me força a comer, então eu sei que algo está acontecendo.

Ela espera até o prato estar vazio para soltar a bomba. —Eu quero que você volte para cá.

—Não.

—Você fez um bom progresso com seu pai por um tempo, — ela continua, —mas parece que ele parou.

O chão sussurra sob minha cadeira e videiras crescem sob as tábuas de carvalho polido. Eu não quero falar sobre isso ou escutar ela falar sobre isso.

Ela continua seu discurso. Ela deve ter trabalhado nele por dias. —Eu não espero ser convidada a voltar a suas sessões de terapia. O que acontece lá é entre você e a Drª. Parker. Mas, eu acho que aqui seria um ambiente mais saudável agora .

Eu cresço as videiras até minhas pernas e as teço em uma espiral apertada ao meu redor até chegarem ao teto. Eu mal posso vê-la por entre os espinhos. Eles bloqueiam a maior parte de suas palavras, deixando-me divagar em um meio sono. Uma pergunta afiada me trás de volta.

—Que tal no próximo fim de semana?

—O quê?

—Trazer suas coisas de volta para cá. No próximo fim de semana. Eu já tenho a data marcada.

—Eu não vou me mudar.

Eu preciso de um desvio. Eu forço minha mão através das videiras, pego um pedaço de sushi e o enfio na minha boca, engolindo sem sentir o gosto. A única maneira de sair disso é agir normalmente.

—Que tal a cada duas semanas? — Ela pergunta.

—Não.

—Por que não?

—Por que eu não quero. Eu não preciso. Olha, eu estou comendo. Eu estou saudável. Eu sou normal. Se qualquer coisa, voltar aqui, irá despertar. Este é o lugar onde eu morava quando tudo começou. A casa de Cassie está do outro lado da rua.

Meu cérebro (NÃO!) e estomago (NÃO!) gritam para mim (NÃO! NÃO! NÃO!), mas eu forço uma colher de macarrão passar por meus dentes e engulo.

—Que tal apenas tentarmos um pequeno teste – uma semana? — ela sugere. —Você poderia vir para o feriado de Natal e voltar para seu pai quando a escola começar em Janeiro.

—O feriado todo?

A máscara dela desliza e seus ombros caem. —Você me odeia tanto assim? — ela pergunta em uma voz crua. —Você não pode nem mesmo passar uma semana de suas férias aqui?

Os macarrões param no meio da minha garganta. —Nós mal podemos ficar numa mesma sala por uma hora, mãe. O que faríamos em uma semana?

—Eu poderia te ensinar a jogar bridge, — ela diz.

—Eu prefiro aprender pôquer.

—Eu pedirei a um dos meus estagiários a me ensinar como jogar. Então, você virá para o feriado?

~~Não, eu nunca colocarei os pés nesta casa novamente ela me assusta e me deixa triste e eu gostaria que você pudesse ser uma mãe cujos olhos funcionassem, mas eu não acho que você possa.~~ —Claro.

Ela sorri. —Obrigada, Lia. Esse é um começo.

Os olhos dela se enchem de lágrimas e eu não posso mais ficar nessa sala.

Eu me levanto. —Posso usar seu computador? Tenho lição de casa.

—Claro. A senha é –

—Lia. Eu me lembro.

Eu gasto quinze minutos pesquisando o nome de Cassie e verificando sites de notícias locais para ver se publicaram mais histórias sobre ela. Não publicaram.

Meus dedos alcançam a tela e vasculham pelo lixo até encontrarem a casa do coro dos guinchos; garotas famintas cantando hinos infinitos enquanto nossas gargantas sangram e enferrujam e se enchem com solidão. Eu poderia percorrer essas músicas pelo resto de minha vida e nunca encontrar o início.

Eu preciso de alguma inspiração.

Eu preciso de um amigo de texto para o jejum amanhã...

Por favor, ajuda!!!

Boa sorte hoje, lindas. Vocês são fortes e farão o dia ser maravilhoso.

Yeah eu me sinto enorme neste mesmo instante... só comi uma tigela de cereal hoje que estava boa.

Se eu comer aquilo terei que correr para me livrar dele.

Mas estou muito cansada para correr.

Alguém já se sentiu assim?

Os sites e as salas de bate-papo sempre estão cheias com o zumbido de pequenas asas, moscas batendo-se contra o interior do monitor, sem saber por que estão tentando escapar. Isso nunca mudará.

Eu digito o endereço do blog secreto de Cassie. Ela parou de acessar depois que ela pirou no verão passado, mas não o deletou. Eu me pergunto se ela o observava tanto quanto eu.

As luzes da internet me atravessam como se eu fosse um saco de papel, ondas de varinha mágica, e *flash*, as fotos de duas meninas *flash* acenando de uma casa na árvore, lábios corados de Popsicle de uva *flash* usando maiôs idênticos *flash o feriado de Natal da oitava série em Killington*, o Natal que papai foi em lua de mel, o Natal que mamãe tinha instalado madeira de lei rija em toda a casa, o Natal em que me recusei a ir com ela visitar um novo hospital na Costa Rica, o Natal que os Parrish tiveram pena de mim e carregaram minha mala no carro para a viagem a Vermont. Eu trouxe uma mochila cheia com livros de Tamora Pierce,

uma faca pequena, e vodca roubada do gabinete de licor da mamãe.

Nós esquiamos por uma semana e um dia. Cassie e eu estávamos na oitava série como se tivéssemos vinte e cinco, crescemos com passes de elevadores e praticamente nosso próprio apartamento, uma mini suíte próxima aos pais dela no tempo compartilhável do condomínio. Flertamos com os caras que trabalhavam nos elevadores e fingíamos que eles tinham flertado de volta. Estávamos obcecadas sobre que roupa de banho usar na banheira de água quente e anotávamos as calorias de cada mordida de comida.

flash nós tirando nossa própria foto, bochechas sugadas *flash* nós comparando o tamanho de nossas bundas.

Para a véspera de Ano Novo, os pais dela nos deram uma garrafa de champanhe sem álcool. Depois que eles saíram para a festa no alojamento ("Não deixem ninguém entrar, meninas, estamos confiando em vocês") Cassie a misturou com minha vodca. Nós comemos biscoitos de gengibre caseiros e bebemos até que nossas cabeças flutuavam porta afora, descendo as escadas, e entrando na noite congelada.

A unha de uma lua nova nos assistiu tropeçar através da colina do coelho atrás do condomínio. Fizemos anjos de neve e tentamos soprar anéis de fumaça com nossa

respiração fumegante. Cassie ficou de quatro como um lobo e uivou para a lua, os olhos brilhando. Eu fiz o lobo mau. Eu não podia parar de rir. Ela uivou mais alto e mais selvagem, tentando trazer lobos de verdade para fora das florestas, ou pelo menos operadores de esqui, até que alguém abriu uma janela e disse-lhe para calar a boca. Nós desabamos na neve, rindo.

Fogos de artifício explodiram lá em cima. Sinos tocaram. Estranhos gritaram em uma só voz, por que era Ano Novo e foi dado a todos um novo começo.

—Nós temos que fazer resoluções, — eu disse. —Eu decidi ler um livro por dia durante o ano inteiro.

—Isso é estúpido, — Cassie disse. —Você já faz isso.

—Então qual a sua?

Ela pensou sobre. —Resoluções são chatas. Eu quero fazer um juramento.

—Eu juro voltar para dentro por que minha bunda está congelando.

—Não, ouça. — Ela sentou e agarrou meus braços. —É meia-noite, é um momento mágico. Qualquer coisa que jurarmos esta noite, se tornará realidade.

Esta era a Cassie da terceira-quarta-quinta série, a garota forte o suficiente para socar meninos e louca o

suficiente para jogá-los nas rosas. Eu a teria seguido até um poço de fogo.

Ficamos de joelho.

—Eu juro que sempre irei fazer o que eu quero. — Ela ofereceu suas mãos para a lua. —Eu serei feliz e rica e magra e gostosa. Tão gostosa que os garotos vão me implorar.

Eu ri novamente.

—Pare com isso, — ela sussurrou. —Sua vez. Pense antes de abrir a boca.

Eu nunca seria popular. Eu não queria ser; eu gostava de ser tímida. Eu nunca seria a mais inteligente ou a mais gostosa ou a mais feliz. Na oitava série, você começa a descobrir seus limites. Mas havia uma coisa na qual eu era realmente boa.

Eu peguei a faca do bolso e cortei minha mão, só um pouquinho. —Eu juro ser a garota mais magra na escola, mais magra que você.

Os olhos de Cassie se arregalaram enquanto o sangue se acumulava na minha mão. Ela pegou a faca e cortou a palma da mão. —Eu aposto que serei mais magra que você.

—Não, não torne isso uma aposta. Vamos ser as mais magras juntas.

—Ok, mas eu serei a mais magra.

Nós esfregamos nossas mãos e misturamos nosso sangue por que era proibido e perigoso. As estrelas giravam acima de nós e os fogos de artifício brilhavam. A lua estava observando *enquanto as gotas de sangue caíam, sementes descuidadas que chiaram na neve.*

flash o primeiro dia na nona série, cortes de cabelo ruins

flash décima série e fotos do baile com veteranos que não podíamos ficar

flash ano passado, a festa do elenco, Cassie, mais bêbada do que sabiam, eu observando de um canto.

Minha mãe bate suavemente e abre a porta. —Está ficando tarde. Eu coloquei lençóis limpos na sua cama, no caso de você querer ficar aqui esta noite.

Eu mantenho meus olhos na tela, os dedos gritando através das teclas para apagar meu histórico. Ela não pode ver o que estou fazendo. Ela se move para a janela e puxa a cortina para o lado.

—Oh, não, — ela diz. —Isso não é bom.

Eu desligo o computador e me junto a ela. Do outro lado da rua, a Sra. Parrish está sentada na calçada, balançando para trás e para frente, os braços em volta de

seu corpo, usando uma camisola fina e chinelos esfarrapados em seus pés.

—Eu vou cuidar dela, — minha mãe diz. —Você deve ir para a cama.

—Eu preciso voltar para meu pai, — eu digo. —Eu não estava planejando passar duas noites. Minhas coisas para a escola estão lá.

Minha mãe sai primeiro, enquanto estou me arrumando. Eu limpo a cozinha e inicio o lava-louças. Antes que eu possa escapar, uma faca de cabo de porcelana da cômoda da boa prataria de Nanna Marrigan desliza para minha bolsa.

Meu carro não morre até eu chegar na entrada da garagem de Jennifer.

◂ **039.00** ▸

Dirigir com as luzes vermelhas piscando no painel faz o motor do meu carro pegar. Motores mortos são caros e é uma coisa ruim ver meu pai louco. Eu sou descuidada/irresponsável/simplesmente estúpida às vezes. Quando ele grita para mim, uma veia sobre sua sobrancelha esquerda aparece e treme. O rugido de seu brado faz Emma correr para o quarto dela, com Kora e Pluto atrás dela. Jennifer tenta arbitrar perguntando ao meu pai se ele quer ir passear com ela, mas ele a expulsa e se enfurece comigo por mais meia hora.

Eu quero dizer a ele que é apenas um carro estúpido, mas pedaços de mim estão espalhados por toda a cidade: no cemitério, na escola, no quarto de Cassie, no motel, em pé na frente da pia da cozinha da minha mãe. É preciso muita energia para rejuntar todos os pedaços, então eu apenas sento lá e observo ele implodir. Não é como se ele pudesse me punir mais. O que ele vai fazer? Me fazer ficar em meu quarto? Retirar meus privilégios de telefone?

Eu terei que pegar o ônibus para a escola a partir de agora.

A temporada de futebol de Emma acabou e a de basquete começará. Eu pratico com ela na calçada. Ela consegue driblar três vezes antes que a bola fuja. É meu trabalho pegá-la de volta.

Ela fala constantemente, sem nunca parar para respirar: as crianças em sua classe, o olho espasmante de seu professor, os espetinhos de peixe no refeitório, o cheiro do banheiro, os ensaios do Concerto de Inverno. Ela quer aprender a esquiar, patinar e praticar snowboard. Pilotar uma motoneve parece divertido, também. Ela quer que eu convença o papai a comprar uma para nós. Ela me pergunta se eu acredito em Papai Noel e se o Papai Noel é primo de Jesus, por que ela acha que eles estão relacionados, mas eles certamente não se parecem. Quando seus dentes começam a bater por causa do frio, eu faço para ela chocolate quente a partir do zero. Eu estou tão forte que nem mesmo preciso que um grão de açúcar caia na minha boca.

Eu preciso gravar a voz dela balbuciando para que eu possa ouvi-la quando ela não estiver por perto.

A Sr[a]. Parrish deixa uma mensagem para mim no telefone residencial todos os dias durante duas semanas. Ela quer/precisa/exige/implora/solicita/merece/daria

qualquer coisa apenas para falar comigo. Por dez minutos. É importante/vital/decisivo/imperativo/necessário/ essencial/ crucial que eu ligue para ela de volta. Uma vez ela diz que minha mãe deveria estar lá também. Na próxima vez ela diz que eu não me preocupe com minha mãe, desde que eu ligue de volta.

As pessoas na escola estão dizendo que Cassie morreu de superdose de heroína. Eu não sei se devo dizer a verdade. É melhor ser conhecida como a garota que morreu com uma agulha no braço, ou como a garota que rasgou a si mesma vomitando demais?

A equipe do anuário está tendo uma grande briga sobre quanto espaço dar ao memorial dela. As pessoas que a conheciam acham que deveria ser uma página inteira. As pessoas que acreditam nos rumores sobre como ela morreu acham que meia página no máximo ou que talvez os pais dela pudessem comprar um quarto de painel, assim a imagem de Cassie poderia estar com a loja de ferragens local, agência de seguros e florista.

Eu deixo uma mensagem para Elijah todos os dias durante duas semanas. Eu digo que encontrei o ferro velho, mas ele não liga de volta. Eu aposto que ele descobriu a bagunça que eu sou, o que é ruim por que eu preciso dele para me falar mais sobre o último dia de Cassie. Isso poderia me ajudar a descobrir como fazê-la ir embora.

Ela não foi embora. Se qualquer coisa, ser enterrada a fez mais forte e irritada.

Cassie abre sua caixa de Pandora toda noite e pega uma carona pro meu quarto. Ela não observa mais das sombras. Ela ataca. Uma vez que as pílulas de dormir prendem meus braços e pernas no colchão, ela abre o meu crânio e arranca a instalação. Ela grita buracos em meu cérebro e vomita sangue em minha garganta.

É mais fácil ignorar o comprimido para dormir, espero até que papai e Jennifer estejam roncando, e passo três ou quatro horas no simulador de escadas. Quando eu finalmente rastejo até a cama, meu travesseiro cheira a açúcar queimado e cravo e gengibre.

Estou com 44.452.

Estou com 43.998.

Eu afio a bonita faca de Nanna Marrigan e a escondo debaixo do meu colchão, só para o caso. Estou com 43.772.

Algumas noites eu não durmo nada. Depois de trabalhar fora, eu tricoto, ponto a ponto, música nos meus fones de ouvido, balançando para frente e para trás. Começou como um lenço no ano passado, mas depois criou asas quando eu não estava prestando atenção e exigiu ser chamado de xale, o que eu fiz, e depois quando estava enterrado na cesta, ele se multiplicou e se transformou em um cobertor de uma centena de cores e de mil histórias. Eu

não uso fio de loja. Eu compro blusas velhas de lojas de consignação, quanto mais velha melhor, e então as desembaraço. Existem países de mulheres nesse lenço/xale/cobertor. Logo estará grande o suficiente para me manter aquecida.

Minha boca e língua e barriga começaram a conspirar contra mim. Eu cochilo no meu quarto e *bam*! Estou em pé de frente da geladeira, a porta aberta, a mão alcançando o creme de queijo. Ou a manteiga. Ou o resto da lasanha.

—Dê uma mordida, — a luz branca dentro da geladeira me diz. —Uma colher de sopa, uma colher de chá. Esquente um prato de lasanha, devagar, a quarenta por cento do poder do micro ondas, e em seguida coloque no forno, em cima do engradado, a quatrocentos graus até que o queijo borbulhe e as bordas fiquem douradas. Sente na cadeira de Jennifer com o garfo folheado a prata e a faca de cabo de porcelana e entalhe um quadrado devagar. Tome uma pílula para retardar a hora de dormir – você vai querer aproveitar isso. Encha a boca com queijo derretido e salsicha e molho de tomate – fresco do verão/curto na margem/molho de tomate dançante – e uma prancha de macarrão tão grossa quanto sua língua. Engula. Acenda as estrelas em seu cérebro, eletrifique o seu corpo, ate seu sorriso, e todo mundo te amará novamente.

Se eu achasse que conseguiria parar depois de uma mordida, duas no máximo, eu faria. Mas, eu estou com

43.545, perto da terra do perigo. Uma mordida de lasanha provocaria uma revolução. Uma mordida, dez mordidas, a bandeja inteira desceria por minha garganta abaixo. E então eu comeria Oreos. E então eu comeria sorvete de baunilha. E Bluberridazzlepops, o resto da caixa. E então, pouco antes de explodir, meu estomago se romperia e toda a comida cairia na cavidade do meu corpo, o sangue me inundaria, e então eu teria que ir para a caixa secreta em meu armário e pegar os laxantes e morrer de humilhação no banheiro.

Eu pego o jarro de picles. Uma lança, e endro de kosher = 5.

Kora e Pluto me seguem escada acima. Eu verifico a caixa secreta – laxantes e diuréticos de emergência – só para o caso. Eu não os uso há meses. É uma boa coisa eu ter verificado por que os suprimentos estão poucos. Devo me lembrar disso.

Quando eu deito na minha cama, os gatos pulam. Eles se enrolam em meus lugares ocos e ronronam tão profundamente que isso ecoa em meus ossos.

040.00

Não. Devo. Comer. Não. Devo.

Comer. Não. Devo. Comer. Não. Devo.

Comer. Não. Devo. Comer. **Não. Devo. Comer.**

041.00

Papai estava se arrastando em seus pés para comprar uma árvore de Natal. Jennifer pegou uma da venda caseira de abetos Douglas de um cara desdentado atrás da camioneta dele. O cara a levará para a casa,mas não a aparafusará no pedestal da árvore até que ela lhe dê outros cinqüenta dólares. Quando papai traz Emma do treino de basquete para casa, ela grita tão alto que metade das agulhas cai.

O basquete está funcionando mais que o futebol. O banco de Jennifer patrocina o time e ela disse ao técnico que se Emma não jogasse o bastante, ela tiraria o patrocínio e pegaria os uniformes de volta. Emma não sabe disto. Ela acha que é a jogadora central por que é muito forte.

Eu estou na zona: um bagel de tamanho médio (75) para o café da manhã, uma maçã (82) para o almoço, e o que quer que eu tenha que comer no jantar (500 – 600) para ficar longe de encrenca. ~~Mamãe~~ Drª. Marrigan manda e-mails para meu pai e diz que estará no hospital desde então até o Natal, mas que depois disso, ela terá uma semana de folga e que eu concordei em ficar com ela. Ela menciona Jennifer e a mim na mensagem. Quando Jennifer me pergunta sobre isto, digo que ainda não me decidi realmente.

Agora, que o Inverno está aqui (isto é oficial, por que há uma árvore derramando agulhas em nossa sala de estar) é mais fácil me esconder debaixo de camadas de roupas íntimas longas e pulôveres, moletons volumosos e colchas fofas. Apenas não olhe para a garota

atrás da cortina. Os joelhos dela estão mais largos que as coxas. Os cotovelos dela estão mais largos que os braços.

Jennifer está suspeitando das balanças. Eu executo a cirurgia na balança Blubber-O-Meter 3000, mexendo nela até que mostre que eu peso 47.400. Ela suspira pesadamente enquanto escreve o número.

—Eu realmente sinto muito, — eu digo. —Tentarei mais fortemente, eu prometo. Só não fique furiosa comigo.

Jennifer informa o novo número a papai. Eu deveria estar no chuveiro, ao invés de espiando na metade da escada.

—Sim, ela perdeu algumas gramas, mas uma vez que você comece seu assado de feriado, ela não resistirá, — ele disse.

—Se ela perder mais um pouco, ela terá que fazer um exame. Mesmo que tenhamos que fazer um grande alarde sobre isso, diremos que o único modo de a deixarmos ficar é se ela o fizer.

—Não precisa chegar a isto. Por que você não faz um bolinho de queijo esse fim de semana, com morangos em cima? Ela costumava adorar.

A adrenalina sobe quando você está morrendo de fome. É isso que ninguém entende. Exceto por estar faminta e fria, na maioria do tempo eu sinto como se pudesse fazer qualquer coisa. Isso me dá poderes sobre humanos de cheirar e ouvir. Eu posso ver o que as pessoas estão pensando, fico dois passos a frente delas. Eu faço bastante lição de casa para ficar fora do radar. Todas as noites eu escalo milhares de degraus até o céu para ficar tão exausta que quando eu deito na cama, não noto Cassie.

Então, de repente é manhã e eu pulo na roda do hamster e tudo começa novamente.

Quinhentas calorias por dia estão funcionando. Verdade = 42.637.

Outra meta de peso. W00t[19].

Eu deveria ser champanhe com brilho de diamante disparando contra as estrelas, mas o auto-falante entre minhas orelhas crepita, no volume máximo, com outra meta: 38.555, 38.555, 38.555.

38.555 estão na zona do perigo. 38.555 são os fogos de artifício de Quatro de Julho em uma pequena caixa de metal.

A segunda vez que me ~~trancafiaram~~ admitiram para meu próprio bem, meu corpo inteiro, incluindo minha pele, meu cabelo, minhas unhas azul-bebê dos dedos do pé, e todos os meus dentes pesavam 38.555: 4.535 quilos de gordura, 34.019 quilos de todo o restante.

Coroas de gordura pus-colorida estavam sufocando minhas coxas, minha bunda, e minha barriga, mas eles não podiam vê-las. Eles disseram que meu cérebro estava encolhendo. Tempestades elétricas estavam iluminando o interior do meu crânio. Meu fígado cansado estava fazendo sua mala. Meus rins estavam perdidos em uma tempestade de areia.

Os 38.555 não estavam preenchendo o suficiente a Lia de papel.

Aos 38.555 a pele estava querendo derramar.

Aos 38.555 cabelos fofos de macaco estavam crescendo por toda parte para me manter aquecida.

[19] expressão que denota felicidade,alegria

Eles disseram que eu tinha que ficar mais gorda.

Eu disse a eles que minha meta era 36.287 e que se eles quisessem meu respeito, era melhor que parassem de mentir para mim.

Quando meu cérebro começou a funcionar novamente, eu conferi a matemática deles. Alguém cometeu um erro porque não perceberam as cobras em minha cabeça e as *grossas sombras se escondendo na gaiola das minhas costelas.*

38.555 são possíveis. Eu estive lá antes, na zona do perigo, doce zumbido acima do ar enfumaçado de gengibre, astuciosas iscas se escondendo debaixo de pontes.

Mas, 38.555 me fazem querer 34.019. Para chegar lá, eu preciso rachar meus ossos com um bastão de prata e cavar para fora minha medula com uma colher de cabo longo.

042.00

Quando o semestre letivo termina, meu pai voa para Nova Iorque para fazer uma pesquisa na sociedade histórica e para fugir de todas as mulheres malucas em sua casa. Jennifer leva Emma para um jogo de basquete. Eu fico em casa para estudar. Eu queimo 858 calorias no simulador de escadas, minhas pernas esfumaçando, meu cabelo em chamas.

Quando elas voltam, eu tenho coberto o cômodo familiar com notas e livros abertos. Elas não percebem, por que Emma está com dor e Jennifer está à beira de um colapso total. Durante o aquecimento antes do jogo, minha ~~meia~~ irmã tropeçou em seus cadarços, caiu na quadra, e quebrou o braço direito. Elas passaram as últimas duas horas no PS[20] e agora o braço está em um gesso rosa-choque, e a máscara de Jennifer está uma bagunça.

Eu abraço o lado bom de Emma e beijo o topo da cabeça dela. —Eu sei como você se sente, Emmakins. Eu quebrei meu braço na primeira série, quando meu pai tirou minhas rodinhas extras. Eu pedalei três centímetros e cai.

[20] pronto socorro

Bati no chão com tanta força que rachei o concreto. Ele vai sarar rápido, não se preocupe.

—Isso é um pouco mais sério, — diz Jennifer. —Ela fraturou a ulna e o rádio.

—É isso que um braço quebrado é, — eu digo cuidadosamente. —A fratura da ulna ou do rádio, ou de ambos. Esses são os nomes técnicos para os ossos do antebraço. Você quer falar com minha mãe sobre isso?

—Ela é cardiologista, o que ela saberia sobre isso?

Eu abro minha boca, mas decido que não vale a pena gastar energia.

—Limpe o sofá, por favor, — Jennifer diz, seu rosto na geladeira. —Ela precisa descansar com o braço levantado.

Eu faço um ninho para Emma com macios cobertores e travesseiros e Elefante, Urso, e Caracol, o círculo inteiro recheado de amigos de pelúcia. Quando Emma deita novamente, o controle remoto na mão boa, Jennifer me dá as chaves do carro e seu cartão de débito. —Eu preciso que você vá na farmácia e pegue o medicamento que o médico passou, — ela diz. —E traga para ela alguns picolés – o tipo com suco de frutas, não o com xarope de milho.

—Eu não quero picolé, eu quero chocolate, — diz a vítima no sofá.

Eu não tenho certeza se eu peso o bastante para pressionar o acelerador. Eu estou com 42.411 e tenho uma deficiência de 1,500 calorias para o dia. Se eu destruir outro carro, eles me trancarão e jogarão a chave fora.

—Hmm, eu estou me sentindo um pouco enjoada. Eu não acho que dirigir seja uma boa ideia.

Jennifer pega a jarra de vidro sobre o balcão, pega um biscoito de aveia passa do tamanho de minha cabeça, e empurra-o para mim. —Podemos tirar os holofotes de você pelo menos por um minuto, Lia? Ponha um pouco de comida na sua boca, pare de choramingar, e vá até a droga da farmácia.

Eu mastigo o biscoito no assento do motorista, o carro ainda seguramente ESTACIONADO. Este biscoito não tem calorias. Ele não é comida. Ele é combustível – é gasolina e óleo assim o motor não pegará. Eu engasgo um quarteirão abaixo e mudo para DIRIGIR.

O cara atrás do balcão da farmácia diz que estão voltando por causa do enjôo estomacal dando voltas e o remédio de Emma demorará outros dez ou quinze minutos. A loja tem muitas decorações de Natal, deixaram um pouco de espaço para a lavagem corporal e pastilhas para tosse. A música está tocando um pouco alto demais. De alguma forma eles descobriram como canalizar o cheiro dos biscoitos de gengibre, também.

Não consigo encontrar os laxantes e diuréticos. Eles mudaram tudo. O Corredor 4 é a Terra dos Brinquedos de Papai Noel. No Corredor 3 tem um montinho de neve no chão. Um monte de neve de verdade.

Eu olho em volta. Pessoas cansadas estão vagando em busca de creme para hemorróidas e analgésicos e anti-séptico bucal. Duas senhoras se rastejam diretamente através da neve, enviando lufadas de neve para o ar sem perceberem. Quando a neve cai, ela não derrete. É um tipo de publicidade cara para uma farmácia, mas as pessoas vêm dizendo que Amoskeag é a nova Boston. Eu acho que é disso que estão falando.

Cassie entra no Corredor 3. A Cassie morta.

—Ei, — ela diz. —Prateleira de baixo. É aí que você vai encontrá-los.

Ela está vestindo uma jaqueta de esquiar cinza por cima do vestido azul e tem o cabelo penteado para trás em um rabo de cavalo molhado, como se tivesse acabado de sair do banho. O cheiro de gengibre e cravo e açúcar queimado está pesado.

—Você não está orgulhosa de mim, por ter descoberto isto, como seguir você?. — A voz dela zumbe como se moscas agonizantes estivessem presas em sua garganta.

Eu me curvo até a prateleira de baixo. Ela está certa. Eu agarro duas caixas de diuréticos e três caixas de laxantes. A qualquer segundo agora, ela desaparecerá por que ela é uma alucinação.

Eu me levanto. Ela está tão perto de mim, eu poderia sentir o cheiro da respiração dela, se ela estivesse respirando.

—Vá embora, — eu sussurro.

—Você está brincando comigo?. — Ela chuta a neve, e a neve enche o corredor, projetando o resto para fora da loja e abafando os cânticos estridentes. Os flocos de neve ficam suspensos no ar, sem subir, sem cair.

—Você não pertence a esse lugar, — eu digo. —Vá embora.

Ela franze a testa, confusa. —Mas, eu quero passear. Levei bastante tempo para descobrir como fazer isso, você sabe. Não é como se fosse fácil ir e voltar.

Eu cubro minhas orelhas. —Pare com isso.

As assombrações noturnas fazem sentido. Eu estou cansada, drogada, e sem açúcar no meu sangue. Mas no Corredor 3 da Farmácia Binney? Jennifer deve ter colocado algo naquele biscoito. Ela está tentando me deixar psicologicamente louca, para então se livrar de mim.

Cassie se inclina contra a prateleira. —Você deveria pegar alguma água sanitária. Você precisará dela para limpar depois a banana bolorenta no vômito na parte de trás de seu armário. É nojento.

—Você não está aqui. Eu não estou falando com você.

Ela balança a cabeça. —Você realmente quis dizer isso, não foi? Você não acredita que está me vendo.

Eu tento passar por ela, mas minhas botas estão congeladas na neve acumulada.

—O que eu tenho que fazer para fazer você acreditar? — ela pergunta.

—Supostamente você não deveria estar no paraíso ou algo assim?

—Isso é um pouco complicado.

—Você é uma invenção da minha imaginação, ou uma alucinação causada pelos meus remédios ou por aquele maldito biscoito. Você não existe.

Os olhos dela chamejam, como a luz do interruptor quando desligada, e então novamente. —Isso realmente machuca meus sentimentos.

—Minha irmã precisa do remédio dela. Eu tenho que ir.

A luz muda, e ela desvanece um pouco. Eu posso ver o contorno das prateleiras atrás dela.

Ela põe a boca perto do meu ouvido. —Você está quase lá, amiga. Permaneça forte.

Eu não consigo me mover. Eu não consigo correr.

—Eu sei como você se sente mal. Presa, — ela diz. — Ficará melhor, eu prometo. Muito melhor.

Ela parece como costumava parecer, quando estava me implorando para ir ao estacionamento com ela, assim ela acidentalmente não correria de propósito até o último cara pelo qual tinha uma paixonite. Eu deveria fechar meus olhos até ela desaparecer. Eu não fechei.

—Sobre o que você está falando? — eu pergunto.

Ela esfrega um floco de neve na minha bochecha. — Você não está morta, mas não está viva, também. Você é uma garota de vidro, Lia – Lia, presa entre os mundos. Você é uma fantasma com um coração que bate. Logo você atravessará a linha e estará comigo. Eu estou tão alimentada. Sinto muito sua falta.

Eu me puxo para trás, tento sacudir as teias de aranha para fora de minha cabeça. —O que há de errado com você? Você não se importa com o que aconteceu?

Ela franze a testa.

—Você não se importa que seus pais estejam no fundo do poço? Você não deveria ter feito isto. Você devia ter pedido ajuda.

A neve corre na direção dela e gira em um redemoinho de vento que chega até o teto.

—Eu tentei. — As chamas em seus olhos queimam minhas bochechas. —Você não atendeu o telefone.

043.00

Isso não aconteceu. Eu não a vi. Tudo está bem.

Bem. Bem. Bem. Bem. Bem.

Eu levo o remédio para casa, para Emma, tomo uma xícara de chá de sopa de tomate feita com água (82) e finjo terminar minha lição de casa. Enquanto as duas assistem a um filme, eu corro para a água escaldante na banheira, me dispo, e entro.

A rodada-fique-feliz está girando muito rápido. Eu quero que pare. Eu quero fechar meus olhos, ou simplesmente piscar. Eu quero escolher o que vejo e o que não vejo. A porcaria que colocamos para fora enquanto estamos acordados todo dia – escola, casa, casa, shopping, mundo – é ruim o bastante. Eu não deveria conseguir pelo menos uma pausa enquanto estou dormindo? Ou, se eu estou condenada a ser assombrada por fantasmas, eles não deveriam trabalhar apenas a noite, e se dissolverem quanto atingidos pela luz solar?

Eu levanto meu braço para fora da água. É um tronco. O coloco de volta para baixo e ele fica maior ainda. As pessoas vêem o tronco e o chamam de galho. Elas gritam

para mim por que eu não consigo ver o que elas vêem. Ninguém consegue me explicar por que meus olhos funcionam diferentes dos delas. Ninguém pode fazer isto parar.

A rodada-fique-feliz gira novamente. Para sair dessa coisa acho que tenho que gritar. Mas eu não consigo. Minha caixa torácica está amarrada tão apertada, que eu mal consigo respirar.

Quando Cassie rastejou para minha cama, naquela noite e envolveu suas mãos em torno de minha garganta, ela não comentou sobre o que não aconteceu na farmácia. Nem eu.

Meu coração ressoou como um sino de fogo, a noite toda.

◄ 044.00 ►

O show deve continuar.

Não há como uma criança com a ulna e o rádio quebrados possa tocar violino no Concerto de Feriado de Inverno da Escola Park Street Elementary, então a banda do diretor está equipando um triângulo de metal que Emma poderá tocar no momento certo. Ela também está encarregada dos sinos de trenó durante —Jingle Bells. — Ela passou toda a noite de Quinta-Feira praticando.

Eu saio da escola mais cedo (cãibras – ha) e passo à tarde de Sexta-Feira cozinhando, por que Emma inscreveu a mãe dela para levar algo para a Venda de Bolos no Feriado, e Jennifer comprou biscoitos baratos com confeitos pegajosos vermelho-e-verde. Eu faço garotas de biscoitos de gengibre, cada uma com um gesso rosa no braço, e um pedaço do pão de noz envelhecido de Nanna Marrigan. As colheres de medição querem fincar açúcar e manteiga e melaço em minha boca. Eu finjo ser alérgica aos ingredientes. Uma provada e meus lábios e língua incharão e eu sufocarei até a morte.

Eu uso os pedaços restantes de pão de gengibre para fazer um biscoito vodu, uma menina resistente com cabelo

loiro-morango, um vestido azul, e um grande buraco negro na boca. Depois que ela esfria, eu a coloco em uma tábua de cortar e a esmago com o rolo até que ela é uma pilha de pó de gengibre.

Quando Emma chega em casa da tutoria, ela cheira os biscoitos e grita tão alto que o resto das agulhas cai da árvore de Natal. Ela joga seu braço e seu gesso ao meu redor e aperta, quase fraturando minhas costelas. Eu a deixo pintar minhas unhas da mesma cor que a das dela para que possamos ser gêmeas.

Jennifer está um pouco atordoada pelos biscoitos. Emma a lembra que ela a inscreveu para trabalhar na venda de bolos e que eu me ofereci para tomar seu lugar, o que surpreende ainda mais.

Nós só temos tempo para sanduíches de peru (230) antes que tenhamos que ir para o concerto.

A Escola Park Street Elementary cheira exatamente do mesmo jeito de quando eu fui lá: corpos quentes suados, molho de tomate barato, canetas, e papel. Há um tributo para Cassie no painel de avisos na sala frontal. A foto foi tirada alguns anos atrás, antes do vômito queimante sair por suas glândulas salivares e elas incharem para o

tamanho de um caroço de noz na parte de trás de sua mandíbula. Ver isso faz meu coração bater, mas eu continuo andando, viro a direita para a biblioteca, à esquerda no final do corredor. A imagem realmente está lá, eu não criei isto, não é uma visão fantasmagórica. O pai dela é o diretor daqui e a mãe dela administra todo o resto. Faz sentido montar um santuário.

Emma sai da área dos bastidores para se alinhar.

—Tem certeza de que não quer entrar e ouvir? — Jennifer pergunta-me. —Nós poderíamos trocar no intervalo.

E eu sento com seiscentos pais superaquecidos todos armados com câmeras de vídeo. —Não, de verdade, pode ir. Fique para a coisa toda.

Ela me abraça, apertando forte o bastante para fazer minhas costelas gemerem. Isso acontece tão rápido que eu não o vejo chegando. Ela se vai, pega meu rosto com as duas mãos e beija meu nariz. —Você consegue ser tão doce, às vezes, você sabe disso? Devo muito a você. —Ela se inclina e sussurra, —Eu não agüento essas mulheres. Elas me fazem gritar.

—Sem problemas, — eu digo, tentando não cambalear sob o peso de seu beijo.

Há quatro mesas do refeitório colocadas no salão de trás para a venda de bolos. As mesas estão povoadas com

pratos de biscoitos com dez tipos de batata frita de chocolate, incluindo trigo -, laticínios -, e ovo grátis. As mães nessa escola assistem muitos programas de culinária. Há trufas de bolo de chocolate, bolachas de canela, chocolate de hortelã. Alguém assou bolinhos com sabores bizarros: romã, chá verde, mirtilo, pistache, e goiaba. (Os bolinhos vêm com rótulos listando os ingredientes para quem for alérgico). Na última mesa, perto da caixa de dinheiro, estão duas baldes cheias de chocolate mergulhado em pretzels enrolados em granulados coloridos, e três casas de pão de gengibre perfeitas que estão ali para o silencioso leilão. Uma delas tem manchadas janelas de vidro feitas de doce derretido.

As mães estão trabalhando, enfiando biscoitos em suas bocas e deixando as migalhas se juntarem em suas blusas.

—Quer um pouco de chocolate? — elas perguntam, olhando para minhas clavículas. —Experimente as barras de sete camadas. Elas estão de morrer.

Eu adoraria uma barra de sete camadas. Eu adoraria pegar um pedaço de chocolate, fofocar sobre o último episódio de qualquer coisa, morder o chocolate, rir, mastigá-lo por que o gosto é bom e isso é tão bom em minha boca, e engolir e ter minha barriga brilhando sem chocolate. Mas, elas não são para mim.

—Não, obrigada, — eu digo.

—Veja como você está magra!, — elas gritam. —Você não tem que se preocupar, como nós!, — elas batem nas coxas, batem em suas bundas, apertam as barrigas. —Pegue um pedaço. Pegue dois!”

Uma mão lá em cima contrai as mãos de minha marionete. Os cantos da minha boca viram e eu bato meus cílios, encolho um pouco os ombros. —Eu tive um grande jantar, — eu digo. —Eu pego alguma coisa mais tarde.

Uma onda de pessoas famintas nos interrompe, e nós vendemos, vendemos, vendemos. Em um momento vejo a Srª. Parrish, vestida como Srª. Noel, a deriva no meio da multidão. Sua peruca inclinada para um lado. Um grupo de crianças corre na direção dela e acenam, lhe pedindo para dizer ao Papai Noel que elas foram muito boas esse ano. Ela passa por elas sem percebê-las, indo direto para a mesa de venda de bolos. Eu me escondo atrás de uma casa de pão de gengibre, até que ela se vai.

Quando o concerto começa, eu falo para as gordas mães irem ouvir suas crianças, eu guardarei a comida e a caixa de dinheiro. Essa coisa não me tenta. Isso me deixa enojada; isso é quão forte eu sou.

As mães me dão uma centena de chances para mudar minha opinião (—Não, eu tenho certeza, de verdade, vocês podem ir, honestamente, de verdade”), então, elas correm

em direção ao auditório armadas com bolos de chocolate emergenciais para o caso de uma queda inesperada de açúcar.

Eu me sento atrás da montanha de marshmallows embalados individualmente para presente. A banda está tocando ou —Silent Night" ou —It Came Upon a Midnight Clear. — Eu escaneio a sala de cima abaixo. Cassie não apareceu, ainda não. Não há nenhuma neve a vista. Aqui cheira a pão de gengibre, mas é por causa da venda de bolos. Eu não acho que ela está vindo, não com o rosto dela estampado no painel de avisos como um pôster de PROCURADA, não com seus pais aqui. Eles a veriam, também, eu sei disso. Todo o inferno seria solto. Ela não se atreveria.

Eu pego meu tricô, seguro as agulhas com força, e laço o fio. Tricoto, tricoto, laço. Tricoto, tricoto, laço. O fio está úmido de suor em minhas mãos. Tricoto, laço, tricoto. Não. Eu volto atrás e desfaço os pontos. Tricoto, tricoto, laço.

~~Meus dedos traidores querem aquele chocolate.~~ Não, eles não querem. ~~Eles querem uma barra de sete camadas e alguns muffins esquisitos e aqueles pretzels.~~ Não, eles não querem. ~~Eles querem esmagar os marshmallows e os enfiá-los em minha boca.~~ Eles não enfiarão.

O tricô afunda no meu colo. As agulhas estão muito pesadas, o fio é de ferro. A cartilagem dos meus dedos e joelhos e cotovelos está diminuindo. O Famintafaminta batalha com o passefomepassefome para frente e para trás através do campo de batalha em minha cabeça.

Tudo dói.

Uma porta se abre e se fecha, e sopra o cheiro de gengibre e cravo e açúcar queimado em meu rosto e cabelo. Até o momento, hoje, eu ingeri 412 calorias. Eu as queimarei e algumas centenas a mais se eu conseguir achar energia para subir no simulador de escadas. Eu poderia comer metade de um bolinho (150), ou um quarto (75). Eu poderia raspar o glacê e só mordiscar o bolo.

Eu não devo. Eu não posso. Eu não mereço isso. Eu sou uma carga pesada e estou desgostando de mim mesma. Eu já ocupo muito espaço. Eu sou uma feia, e desagradável hipócrita. Eu sou um problema. Eu sou um desperdício.

Eu quero ir dormir e não acordar, mas eu não quero morrer. Eu quero comer como uma pessoa normal come, mas eu preciso ver meus ossos ou eu me odiarei ainda mais e eu poderia arrancar meu coração ou pegar cada pílula que foi inventada.

Eu pego o bolinho, garantindo provar o pior: romã. Ele tem glacê rosa e sementes vermelhas em cima. Eu lambo as sementes e mastigo. Elas explodem em minha boca,

sabor vermelho molhado, não como uma baga, não como uma maçã, mas mais sombrio, próximo de vinho. Eu poderia comer um punhado dessas sementes, ou seis punhados, ou eu poderia derramar uma balde delas para dentro de mim.

Não, eu não poderia. Eu apenas como seis sementes: 1.2.3.4.5.6. Elas estão quentes descendo pela minha garganta, não é assustador.

Eu ouço uma porta abrir, mas não posso olhar. As cordas da marionete desse corpo estão cortadas e eu não posso sentir estas mãos, ou fazer pará-las de tirar a embalagem de papel do bolinho e empurrá-lo boca adentro. Essa boca mastiga e engole e se apressa por que aqui vai outro e outro até que todas as sementes vermelhas do bolinho acabam. Cada.Uma. Essas mãos alcançam o próximo bolinho, e então um pedaço de chocolate e um pão de gengibre com uma Emma com um braço rosa. Eu dissolvo com uma rodada de borrão de açúcar até que a porta do auditório é aberta e a sala se enche com aplausos e assobios, e corpos aquecidos.

Eu corro para o banheiro.

Não importa quão fundo eu enfie meu dedo, a fossa não esvaziará. Ao invés, eu esguicho sabão em minha boca e gargarejo até que as bolhas saem de minhas bochechas.

◂ 045.00 ▸

No meio da noite, alguém empurra uma espada em meu intestino. Eu acordo gritando por meus pais, mas Jennifer corre por que meu pai está viajando e minha não mora aqui. Ela me ajuda a me arrastar até o banheiro. Eu não consigo dizer se eu deveria sentar na privada ou enfiar minha cabeça nela.

Eu abaixo minhas gavetas e sento. Jennifer molha um pano com água fria, torce-o, e o coloca na parte de trás do meu pescoço.

—Eu estou bem, — eu murmuro.

—Você não está. — Ela pressiona as costas de sua mão em minha testa. —Sem febre. Pode ser intoxicação alimentar, eu acho. O que você comeu no almoço?

As costelas laminam através de minha barriga novamente e eu engasgo um gemido. —Sopa e bolachas. E todas nós comemos o peru fatiado em nossos sanduíches no jantar.

—Você está enjoada?

Balanço minha cabeça.

—Você comeu alguma coisa na venda de bolos? Antes que eu possa mentir, minha cabeça sobe e desce. — Bolinhos.

—Bolinhos? Você comeu mais de um?

Concordo com a cabeça novamente. —Eles tinham um gosto bom.

—Eu não posso ver como um bolinho te deixou assim. Talvez tenham usado ovo cru no glacê. Você vai ficar bem se eu descer por um minuto? Eu quero ver algo.

—O quê? — eu fricciono meus dentes. —Claro. Quando você voltar, você pode me trazer chá de hortelã?

—Você não deveria comer nada até que seu estômago se acalme"

—Por favor, Jennifer. Eu sei que ajudará.

—Tudo bem, relaxe. Apenas respire. Chá de hortelã, vindo.

Quando ela se foi, eu gemo. Eu sei exatamente o que está errado. Eu sou um fracasso glutônico, devorando. Um desperdício. Meu corpo não está acostumado com muitos carboidratos de açúcar, laçados com feitiçaria. Mal pode lidar com sopa e bolachas.

A lâmina gira novamente. Os laxantes que eu engoli quando chegamos em casa estão incendiando minhas

entranhas. Além disso, meus níveis de fosfato estão fora do normal, por causa do inesperado açúcar. Além do mais, há uma chance de eu ter sido tão bem sucedida passando fome que o fio do balão em meu intestino está mudando de rosa para cinza fantasmagórico enquanto as células morrem de negligência. Ou Cassie fez uma boneca de pão de gengibre vodu de mim no lado dela da sepultura e está a apunhalando em pedaços sangrentos.

Minha cabeça está pesada demais para ser sustentada por meus ombros. Eu me curvo mais e a deixo oscilar entre minhas pernas.

—Lia?

Através da cortina de meu cabelo, eu observo os chinelos de Emma se arrastarem para dentro do banheiro. —Lia, você vai morrer? . Lágrimas estão empoleiradas na borda de sua voz.

Eu me forço a me erguer, e tento ignorar as manchas pretas aparecendo na frente de meus olhos.

—Eu só estou com dor de barriga, querida. Ninguém morre disso. Eu ficarei bem.

Jennifer leva Emma de volta para a cama e escolhe acreditar em minha mentira sobre como estou me sentindo muito melhor e como eu vou ler no banheiro por um tempo, só para o caso. Eu passo a maior parte da noite me arrastando entre minha cama e o banheiro, esvaziando,

esvaziando, esvaziando enquanto os laxantes moem através de mim, e fazem seu trabalho sujo. Eu esfrego o banheiro com o limpador azul depois de cada ida.

Quando eu caio na cama, alguém começa a bater no meu peito com um taco de beisebol. Eu tento checar meu pulso, mas meu coração está martelando muito rápido para contar. Eu estou suando. Meu corpo está comendo a si mesmo, retalhando meus músculos e os jogando no fogo, assim o motor não pegará.

Há metal em minha boca. Eu preciso acordar Jennifer.

Se eu a acordar, ela ficará louca.

Se ela ficar louca, chamará uma ambulância.

Se a ambulância vier, eu estou ferrada.

Eu rolo e peço a Cassie para afagar minhas costas e cantar para mim.

046.00

Quando papai chega em casa de Nova Iorque no Sábado, eu estou cochilando no sofá. Ele sacode meu ombro e eu pulo, sem ter certeza de onde estou ou de quem eu sou ou de quem ele é. Ele não percebe.

—Onde estão Jen e Emma? — ele pergunta.

Eu sento. Lentamente. As piores cólicas da noite passada se foram, mas parece que eu fiz cem mil flexões de cabeça para baixo. —No shopping. Como foi sua viagem?

—Excelente, — diz ele. —Minha editora está estendendo o prazo e ela também está me dando outro adiantamento para pagar uma viagem investigativa a Londres. Eu sou O Cara.

Ele tenta bombear seu punho no ar, como se fosse um jogador profissional de futebol, mas ele parece mais como um chato professor universitário tentando chamar um táxi.

—Isso é ótimo, pai.

O sorriso dele desvanece. —Você está bem? Você não parece muito bem"

—Eu tive uma intoxicação alimentar ontem à noite, devido a um bolinho. — Eu puxo o cobertor em torno de meus ombros. —Vai entender.

—Você ligou para sua mãe?

—Não.

—Ela é médica, você sabe.

—Sim, estou ciente disso. Eu não precisava que ela chegasse aqui carregada com uma ambulância no meio da noite. Jennifer me ajudou. Eu estou bem, apenas cansada.

—Tem certeza?. — Ele coloca a palma de sua mão na minha testa.

—Por que você está fazendo isso?

—É isso que se faz quando suas crianças estão doentes.

—Você não tem jeito, — eu digo.

Ele me dá um abraço rápido. —Do melhor modo possível. Eu trouxe alguns presentes da cidade, pra vocês, garotas, talvez ajude. Pera aí.

Ele sai da sala e volta com um saco plástico. —Dê uma olhada.

Eu esvazio a sacola. Estou supondo que a varinha mágica cheia de brilhos é para Emma, o que significa que os livros são para mim: todas as histórias sobre a agonia que é

o Ensino Médio, escritas para pessoas de doze anos. A menos que os livros sejam para Emma e a varinha para mim. Ela poderia ser útil.

—Você quer morango, uva, ou mel?. — Papai pergunta enquanto vai até a cozinha.

—O quê?

—Morango, uva, ou mel? É quase hora do almoço – Eu farei para nós sanduíches de manteiga de amendoim.

Eu guardo a varinha debaixo de meu braço, e o sigo, o cobertor se arrastando atrás de mim como uma capa. — Eu não estou com fome. Meu estômago ainda está mal.

—Então farei chá e torradas, ao invés. Você tomou seus remédios?

Minha cabeça balança —não” antes que eu possa pará-la.

—Isto resolve. Você precisa ter algo em seu estômago e aí você pode tomar seu medicamento. Sente-se, querida.

Enquanto o pão para mim está assando (2 fatias = 154), ele faz dois sanduíches para ele, ambos com crocante manteiga de amendoim e uva. Ele enfia uma caneca no micro ondas para o chá e distraidamente dá uma mordida em um dos sanduíches. Ele pega um prato para minha torrada e dá uma segunda mordida. Ele apenas come e fala sobre seu negócio, pondo manteiga na torrada (100) sem me

perguntar, tirando o leite da geladeira e levando-o para a mesa com o prato e o chá. Metade de seu primeiro sanduíche já se foi.

Como ele fez isso?

Eu não consigo me lembrar do que é comer sem planejá-lo, contando as calorias e o tanto de gordura, e medindo meus quadris e coxas para ver se eu mereço e comumente decidindo que não, eu não o mereço, então eu mordo minha língua até sangrar e flexiono minha mandíbula fechada com mentiras e desculpas, enquanto uma tênia cega se envolve em torno de minha traquéia, fungando e cutucando por uma abertura molhada para meu cérebro.

Estou tão cansada. Eu me esqueci como dormir, também.

Meu pai tagarela sobre um monte de cartas mofadas nos arquivos de Londres, e como se nós conseguirmos um bom negócio nos tíquetes, nós todos poderemos ir à Inglaterra, o que nunca vai acontecer. Eu engulo meus comprimidos e bebo meu chá. Assim que eu chego na metade de uma fatia de pão (38) + uma colher de sopa de manteiga (25) = 63, o telefone toca.

Eu começo a me levantar.

—Não, — diz ele. —Deixe a secretária responder.

Depois do bipe, a voz da Srª. Parrish crepita no alto falante. —Lia? Lia, por favor, me ligue de volta. Eu não estou brava, prometo. Nós procuramos em todos os lugares, mas não conseguimos encontrar o colar de Cassie, aquele com o sino de prata. Eu pensei que se talvez eu o usasse... Você pode me ajudar? A voz dela para e ela soluça uma vez, depois funga. —Eu só quero que você me ligue, Lia. Eu não posso... Eu preciso de você para ajudar.

Depois que ela desliga, papai apaga a mensagem. —Ela deveria estar falando com a terapeuta, ao invés de chatear você.

Eu estudo as rachaduras no reboco entre os azulejos do piso. Se eu pudesse me transformar em uma nuvem de fumaça, eu poderia passar por eles e desaparecer.

—Está tudo bem, — eu minto. —Ela está presa. É triste.

—É assim que você se sente também? — Ele bebe o leite. —Presa e triste?

Eu deveria ter fingindo continuar dormindo quando ele chegou. —Não.

—Isso é o que parece para nós.

—Quem é 'nós'?

A manteiga de amendoim tenta colar sua boca fechada, mas não é forte o suficiente. —Tive uma longa conversa com sua mãe na noite passada.

—Você falou com minha mãe duas vezes em um ano?

—Sem sarcasmo, por favor. – Ele come outro pedaço de seu sanduíche e mastiga. —Chloe acha que você deveria ser avaliada.

—Avaliada?

—Jennifer também acha.

—Avaliada para quê?

Ele para de comer. —Para ver se você deve voltar ao hospital como uma paciente internada.

As rachaduras no piso se abrem mais. —Você quer me trancar de novo?

—Chloe disse que ia ligar esta manhã e falar com você sobre isso.

—Ela não ligou. – Eu tremo. O frio está entrando através das janelas. —Você acha que eu devo voltar?

—Honestamente? Parece um pouco exagerado. Suas notas poderiam estar melhores, mas você vai para a escola. Você não se esgueira durante a noite e entra em confusão. Eu gostaria que você ganhasse mais um pouco de peso. Eu

disse a sua mãe para voltar na nutricionista para algumas visitas, provavelmente seria suficiente.

—Mas, minha mãe quer me trancar.

—A avaliação poderia provar que ela está errada – pense nisso desse jeito.

—Ela já agendou o compromisso, não é?

Ele pega a varinha mágica e a inclina para que os brilhos corram para dentro, perfeitamente selados em plástico. —Dez horas. Dois dias depois do Natal.

As rachaduras no piso se alargam, cânions de pedra sem fundo. Eu oscilo na beira.

—Agradável, — eu digo. —Eu serei capaz de escrever um ensaio sobre minhas férias de Natal na fazenda de alimentação, onde enfiam tubos em meu nariz e me fazem comer manteiga e me dão pequenas pílulas, e em seguida aspiram meu cérebro e me transformam em um zumbi gordo. Que divertido.

—Você não será admitida, a menos que necessite ser. Você não quer ser saudável, se sentir melhor?

—Você apenas está tentando se livrar de mim.

—Eu estou preocupado com você. Eu quero minha garotinha de volta.

Eu me levanto e ando entre a mesa e o fogão. —Eu tentei o hospital. Duas vezes. — A capa desliza dos meus ombros. —Você disse que aquela seria a última vez por que eu gastei todo o seguro.

—Se você tiver que ser internada, sua mãe venderá algum estoque e eu refinanciarei a casa. Mas, isso não tem que chegar a esse ponto. Se você apenas comesse –"

—Eu não preciso comer como você.

—Merda, Lia!, — ele grita. —Isso não é verdade e você sabe disso. Nós devemos deixar você se matar de fome?

Aquela voz-papai-gritando costumava me assustar. Agora, só me deixa feroz. —Sua esposa me observa subir na estúpida balança toda semana.

—E seu peso está caindo. Esta semana foi o quê, 47? Você jurou para mim que ficaria nos 50.

—Eu tenho uma estrutura pequena e um metabolismo rápido.

—Especulando de novo!. — Ele borrifa saliva de sanduíche do outro lado da mesa. —Você me pediu para se mudar. Você não podia viver mais um minuto com a sua mãe. Você disse que ela era o problema e eu acreditei em você, da mesma forma que eu acreditei, quando você prometeu que seria honesta.

Eu tento abaixar minha voz. Quanto mais ele perde o controle, mas eu tenho que segurá-lo. —Você suga promessas, também. Todos os fins de semana cancelados, as viagens que faríamos; a casa que você disse que ia comprar em um lago.

Ele olha para mim. —Não mude de assunto.

—Eu preciso de tempo, pai, — eu digo. —Eu não posso simplesmente pregar comida em minha boca. Eu tenho que começar minha vida inteira de novo.

—Quando isso vai acontecer, exatamente?. — Sua voz se torna tanto feia quanto alta, a voz que costumava brigar com minha mãe, quando eu deveria estar dormindo. —Algum momento neste ano? Neste século?

—Estou trabalhando nisso, — eu digo.

—Não, você não está. Você está aqui já faz seis meses, e você não desempacotou suas malditas caixas.

—Oh, você finalmente percebeu? — eu rosno de volta.

—O que isso significa? — ele pergunta.

—Você nunca está por perto. Jennifer cuida de tudo, assim você pode ir a suas reuniões e a biblioteca e a seus jogos de squash e a seus jantares extravagantes. Oh, espere um minuto – quando eu vi isso antes? Tem outra namorada, papai? Pronto para a segunda rodada na corte

de divórcio? Não se esqueça de arranjar um bom psiquiatra pra Emma; ela acha que você é um deus.

O rosto dele está da cor de um ataque cardíaco. Os músculos de sua mandíbula estão apertados tão fortemente que seus dentes podem quebrar. A qualquer momento, ele vai me pegar e me jogar pela janela, e eu não tocarei no terreno por uns mil e seiscentos metros, aproximadamente.

Ele pega a jarra de leite e despeja mais em seu copo. Ele toma um gole de leite e muito deliberadamente coloca o copo na parte de trás da mesa. —Pare de transformar isso em um exame de meus defeitos. Nós estamos falando sobre você, Lia.

As linhas em seu rosto caem com a decepção. Seus olhos estão avermelhados com longas noites e muitos erros e uma filha defeituosa. É mais fácil brigar de volta quando ele grita.

—Eu gostaria de entender o que se passa dentro de você. — Ele inclina a varinha mágica novamente, mas não olha para os brilhos. —Por que você tem tanto medo.

A rodada-feliz gira dentro de minha cabeça, gira tão rápido que tudo que eu posso ver são salpicos de mel-amarelo, morango-vermelho, uva-roxa passando por meus olhos. Eu não deveria nunca ter vindo para esta casa, mas eu não tenho para onde ir.

—Por favor, Lia. — A voz dele caiu para um sussurro. —Por favor, coma.

A rodada-feliz estala e estilhaça e pedaços de cor voam através de minha cabeça.

Eu pego o sanduíche no prato dele e o enfio na boca.

—É isso que você quer? — eu grito. —Olhe – Lia está comendo! Lia está comendo!. — A cada mastigada, eu abro mais minha boca para que o pão e a geléia e a manteiga de amendoim e a saliva caiam nos cânions abaixo de nós. — Você está feliz agora?

Ele chama meu nome enquanto eu corro para fora do cômodo.

Ele não me segue.

◂ 047.00 ▸

Eu ligo o aquecedor em meu quarto na configuração máxima e aciono o volume em meus alto falantes até o mais alto que eles vão. A música liquefaz o ar e sopra os papeis da minha mesa. Eu rastejo para minha cama, mas o colchão está cheio de pedras e conchas e eu não consigo ficar confortável. Eu abro livros, mas as histórias estão todas trancadas e eu não sei as palavras mágicas.

DequêPorquêQuandoComoQuem?

DequêPorquêQuandoComoQuem?

DequêPorquêQuandoComoQuem?

De quê eu tenho medo? Por quê eu não consigo querer ficar melhor? Quando eu sou eu e como eu sei que eu sou eu e quem eu seria se eu fizesse o que eles querem?

Como eu fiquei assim?

Talvez minha mãe usasse drogas quando estava grávida de mim. Ela começou sua residência naquele ano – ela provavelmente ficou todos os nove meses sem dormir e eu nasci com uma síndrome de feto com excesso de cafeína. Ou o Professor Overbrook fumava maconha misturada com

uma química experimental e colidiu minha mãe com esperma mutante.

O que quer que seja.

Eu limpo minhas prateleiras e os parapeitos das janelas e desço as escadas para pegar o aspirador de pó, um copo de cubos de gelo (o professor Overbrook tenta falar comigo, uma pena que ele não exista, eu não tenho pai ou mãe, eu só tenho espaços brancos sem paredes), e a caixa de sacos de lixo. Uma vez que o carpete está limpo, eu rasgo uma das caixas de papelão cheias de porcarias da minha mãe e enfio tudo dentro de um saco de lixo. Nem sequer olho. Não ouço meus dedos dizendo-me que é uma boneca, um colar, uma brochura Jane Yolen, uma coleção de moedas. Eu esmago o gelo entre meus dentes e engulo as lascas. Tudo é lixo.

O professor Overbrook entra quando eu estou amarrando a terceira sacola. Eu observo o movimento de sua boca. Ele me entrega uma caneca de chá de hortelã fresco e um prato de biscoitos congelados que Jennifer comprou para a venda de bolos. Ele está indo a seu escritório pegar algum material de fonte que ele esqueceu.

Depois que ele se foi, eu derrubo os biscoitos na privada e dou descarga. Eu deslizo alguns loucos doces extras em minha boca e os lavo para dentro de mim com

água com gelo, e em seguida, me esforço através de quinhentas mastigações de –

::Estúpida/feia/estúpida/vadia/estúpida/gorda/

Estúpida/bebê/estúpida/perdedora/estúpida/perdida::

- mesmo que isso machuque minha barriga. Especialmente por que isso machuca.

Lia, a Repulsiva liga para a recepção do Gateway. Lia, a Repulsiva diz a Charlie quem atendeu ao telefone, que se ele não passar o telefone para Elijah nesse minuto, ela ligará para a polícia e relatará que Charlie a assediou sexualmente.

Ele diz, —Espere.

Enquanto estou esperando, eu raspo o esmalte das minhas unhas. Drª. EstúpidaParker diz que quando eu estou triste na verdade significa que estou zangada e quando estou zangada na verdade significa que eu estou com medo. Eu não consigo acreditar que ela é paga para sonhar com porcaria como essa. Eu sinto como se tivesse começado uma guerra ou explodido um prédio ou quebrado todas as janelas desta casa. Eu me pergunto o que ela diria o que isso realmente significa.

Elijah, finalmente pega o telefone: —Ei, você. O que está acontecendo?

Lia: Eu tenho que falar com você.

Elijah: Você é Emma ou Lia hoje?

Lia: Você mente o tempo todo.

Elijah: É um hábito ruim.

Lia: Eu sinto muito. Peço desculpas.

Elijah: Certo. Não se preocupe.

Lia: Então, somos amigos de novo?

Elijah: Acho que sim.

Lia: Bom. Como está o seu carro?

Elijah: Estará pronto no momento em que Charlie fechar para o Inverno.

Lia: Aonde você vai?

Elijah: Oxford, Mississipi, talvez. Ou eu poderia dirigir de volta para o México. Eu gostava de lá. *(Ele cobre o bocal do telefone, e fala com Charlie)*. Eu tenho que ir. O chefe tem essa idéia estranha de que eu realmente deveria trabalhar enquanto ele me paga.

Lia: Não, espere, eu tenho uma pergunta.

Elijah: Diga.

Lia: Você disse que a primeira vez que viu Cassie foi quando encontrou o corpo dela.

Elijah: Isso não é uma pergunta, mas sim.

Lia: No cemitério você perguntou por que eu não respondi quando ela me ligou naquela noite. Como você sabe que ela me ligou?

Elijah, o Silencioso:

Lia: Você ainda está aí?

Elijah: Podemos falar sobre isso depois?

Lia: Não. Você tem que me dizer. Ela queria.

Elijah, depois de uma profunda respiração: Ela se registrou na noite de Quinta. Mas, eu não a encontrei até Sábado. Ela me convidou para sair, então eu fui para o quarto dela depois do trabalho. Ela bebeu – bastante. Eu comi alguns biscoitos e decidi que as coisas não estavam legais. Me retirei.

Lia: Como você sabe que ela me ligou?

Elijah: Eu joguei cartas com Charlie até a meia-noite e decidi ir para o centro. Cassie me viu andando e abriu a porta, chorando e tagarelando sobre Lia estar brava com ela, Lia não respondia. Eu disse para ela ir dormir. Ela não me deixou em paz até que eu anotei o número do seu telefone e prometi passar sua mensagem. Saí de lá o mais rápido que pude.

Lia: O que ela disse?

Elijah: Eu disse isso tudo para os policiais, você sabe. Eles assistiram às fitas de segurança; a paranóia de Charlie é uma coisa boa. Eu nunca a toquei. Eu nem mesmo peguei a bolsa dela, mesmo que eu pudesse. Ela apareceu na fita, algumas horas depois que eu saí, cambaleando pelo estacionamento e cantando para a lua. Em seguida, voltou para dentro.

Lia: Qual era a mensagem?

Elijah: Nada, de verdade. Lembre-se ela estava arrasada.

Lia: Diga-me.

Elijah: Ela disse, —Diga a Lia que ela venceu. Eu perdi e ela ganhou. — Essa é a citação. Isso parecia realmente importante na época, mas agora soa meio bobo, eu acho. Vocês tinham feito uma aposta? O que você ganhou?

Desligo o telefone sem dizer adeus.

Eu ganhei a viagem da garota de vidro sobre a fronteira na terra do perigo.

◂ 048.00 ▸

Eu volto à música para ESTILHAÇAR e caminho para o banheiro para escovar o telefonema e o pó e o sanduíche da minha boca.

1.2.3.4.5.6.7.8.9.10.11.12.13.14.15.16.17.18.19.

20.21.22.23.24.25.26.27.28.29.30.31.32.33.

Eu não venci. Eu não acredito que ela disse isso. A típica porcaria de Cassie, melodramática e acima do topo. Não é minha culpa ela ter surtado tão rápido ou que seus pais nunca a deram atenção. Não é minha culpa que ela vomitava, ou que vomitar fosse a única coisa que a fazia se sentir melhor.

ela me ligou.

Eu escovo até minhas gengivas sangrarem, e então esfrego com mais força. Suco vermelho de Lia goteja pelo meu queixo, transformando-me em uma vampira faminta pronta para sugar a vida de quem me irritar. Talvez esse seja meu problema. Talvez eu seja uma dos mortos-vivos. Vampiros são pálidos, frios, e magros como eu. Eles secretamente odeiam o gosto de sangue, odeiam fazer as pessoas chorarem, odeiam cemitérios e caixões, e a besta

que os impulsiona. Eles mentirão sobre odiar isso até que alguém crave uma estaca nos seus corações.

... corpo só...

Eu ponho minha boca sob a torneira, enxáguo e cuspo.

A balança se mostra no chão, a boa, a que não mente. Eu me dispo, subo nela, para pesar minhas culpas e medir meus pecados.

40.370.

Eu poderia dizer que estou animada, mas isso seria uma mentira. O número não importa. Se eu chegasse a 31.700, eu quereria 24.200. Se eu pesasse 4.500, eu não estaria feliz até chegar aos 2. O único número que seria o bastante é 0. Zero quilos, vida zero, tamanho zero, duplo-zero, ponto zero. Zero em tênis é amor. Eu finalmente conseguiria.

Eu abro a janela e jogo a balança no jardim da frente. Ligo o chuveiro; apenas água quente, olho para o espelho. Os buracos em meu rosto estão cheios de areia e pus. Os brancos de meus olhos são poças de limonada espalhadas sobre com sombras roxas deitadas embaixo delas. Meu nariz está peludo e melequento, meus ouvidos são cera de vela, minha boca é um esgoto. Eu estou trancada no espelho e não há nenhuma porta.

::Estúpida/feia/estúpida/vadia/estúpida/gorda/

Estúpida/bebê/estúpida/perdedora/estúpida/perdida::

A faca de cabo de porcelana de Nanna Marrigan desliza de debaixo de meu colchão, desliza para dentro do banheiro, e descansa a esquerda da pia, a lâmina de frente para a parede de vidro.

Os comprimidos que eu tomei uma hora atrás batem contra minhas veias como latas de lixo de metal voando pela rua. As cobras em minha cabeça acordam, deslizam para meu tronco cerebral, e desabam nos abutres que cochilam. Os pássaros batem suas asas noturnas uma vez, duas vezes, três vezes, e circulam alto no ar. Suas sombras apagam o sol.

Eu uso minha camiseta para limpar o vapor do espelho. Há enfeites nos meus braços, também, pérolas em minha penugem lanugem, os pequenos pelos brancos que eu comecei a deixar crescer para me manter aquecida.

Corpo estúpido. Qual é o ponto em deixar crescer pelos e deixar o cabelo de minha cabeça cair?

—Você não gostaria de saber? — o estúpido corpo responde.

—Você ganhou, — acrescenta Cassie.

Eu ganhei por que sou mais magra. Eu sou duplo-zero. Eu permaneci forte e não tentei ter bolo e comê-lo,

também. Eu não dei nem mesmo uma mordida. Eu pressiono meus dedos em minhas maçãs do rosto. Se eu golpear minha cabeça em uma parede de pedra, eu aposto que poderia quebrar todos os ossos de meu rosto. Os dedos vagueiam sobre meu queixo, descem por minha garganta, passando pelas asas de borboleta em minha tireóide, descendo para onde minhas clavículas se ligam em meu esterno como a fúrcula de um pássaro.

Os gatos de Emma estão na sala, arranhando o fundo da porta para entrarem.

Minhas mãos lêem um mapa em braile cortado a partir de ossos, começando por meus seios ocos alinhados com rios de veias azuis espessos como gelo. Eu conto minhas costelas como contas de um rosário, murmurando encantamentos, os dedos ondulando sob a gaiola óssea. Eles quase podem tocar o que está escondido dentro.

Minha pele se inclina para baixo sobre a barriga vazia, e então, em torno de dentro da acentuada curva dos ossos do meu quadril, tigelas esculpidas em pedra e pintadas com rosas cicatrizes de navalha desaparecendo. Eu viro no vidro. Minhas vértebras estão empilhadas em bolinhas molhadas, uma em cima da outra. Minhas omoplatas aladas parecem prontas para penas desabrocharem.

Eu pego a faca.

Os tendões sobre a palma de minha mão tencionam, cordas mantendo uma tenda enquanto o vento sopra. Finas cicatrizes se entalham no interior de meu pulso, se alargando para a dobra de meu cotovelo, onde eu cortei profundamente na nona série.

Eu venci, eu ganhei.

Eu estou perdida.

A música do meu quarto grita tão alto contra o espelho, que isso faz meus ouvidos ressoarem. Eu fico olhando para a garota fantasma do outro lado, seu espartilho de ossos esperando para ser laçado mais apertado, assim ela poderá dobrar nela mesma de novo e de novo até que ela desapareça além de zero.

Eu corto.

A primeira incisão é feita a partir de meu pescoço até logo abaixo de meu coração, fundo o bastante para que eu finalmente possa sentir alguma coisa, não o suficiente para me esfolar. A dor flui como lava e tira meu fôlego.

A faca esculpe um caminho na carne entre duas costelas, em seguida, entre as duas costelas abaixo daquelas. Gordurosas gotas de sangue respigam no balcão, sementes vermelhas maduras. Eu sou muito, muito forte, tão feita de ossos de ferro e mágica que a faca desenha uma terceira linha entre duas costelas, em linha reta e

verdadeira. Poças de sangue de sangue nas tigelas de meus quadris e escorrem para o piso.

Buracos negros abertos na frente de meus olhos, e o pássaro selvagem preso em meu coração bate suas asas freneticamente. Eu estou suando, finalmente aquecida.

A música pa –

◂ 049.00 ▸

A porta do banheiro balança aberta.

Emma vê a pintura de sangue em minha pele e os rios vermelhos esculpidos em meu corpo. Emma vê a faca molhada, prata e porcelana.

Os gritos de minha irmãzinha quebram os espelhos.

◂ 050.00 ▸

A sala de emergência está cheia com nevoeiro. Irritadas sombras voam para cima e para baixo das paredes e através do teto.

Cassie segura minha mão e sussurra os números. —Seu coração tinha trinta e três batidas por minuto na ambulância. Terrível bradicardia. O ECG foi estranho, provavelmente por causa da desidratação e perda de sangue. Você está respirando okay, mas você tem a pressão arterial e temperatura de sujeira.

Eu fecho meus olhos.

Quando eles abrem, ela tem os resultados laboratoriais.

—Anemia, — ela diz. —Além disso, açúcar no sangue baixo, fosfato baixo, cálcio baixo, T3 baixo – não sei o que isso significa – glóbulos brancos em alta, plaquetas baixas. Te costuraram com fio preto, trinta e três pontos, não é esquisito? Ah, e você tem cetonas na urina. Continue assim e nós passaremos o Ano Novo juntas. Permaneça forte, querida.

—Onde Emma está? — eu pergunto.

Uma enfermeira me envolve em colares de tubos plásticos e fios verdes, e decora o quarto com sacos plásticos cheios de água e sangue. Ela me pica com uma agulha. Eu me deito em um caixão de vidro e sonho onde roseiras escalam as paredes para me tecer uma fortaleza espinhosa.

051. 00

Dois dias depois, dois dias antes do Natal, eu sou considerada gorda e sã o bastante para ser expulsa do hospital. O plano para me enviar de volta a New Seasons não funcionou. Não há um quarto na pousada para uma Lia com pele de couro rechonchuda cheia de coisas confusas. Ainda não. O diretor prometeu a minha ~~mãe~~ Drª. Marrigan que ele terá uma cama para mim na próxima semana.

Estou estável o suficiente para voltar para casa até então. Todos eles dizem que eu estou estável.

Eu falhei em comer, falhei em beber, falhei em não me cortar em pedaços. Falhei na amizade. Falhei na irmandade e na filhandade. Falhei em espelhos e em balanças e em telefonemas. Ainda bem que eu estou estável.

Papai me pega no hospital. Ele me visitou todos os dias sem Jennifer (certifiquei-me de que ele nunca correu para mamãe) e ele chorou com a cabeça em meu colchão, mas ele não disse muito, nem mesmo quando ele me ajudou a entrar no carro.

Nevou enquanto eu estava ligada aos tubos. Os campos brancos refletem o sol e o tornam quase brilhante demais para se olhar. Eu viro o visor para baixo e alguma menina olha de volta para mim de dentro do espelho. Parte de meu cérebro – a hidratada, a parte alimentada com glicogênio – sabe que eu estou olhando para mim. Mas a maior parte duvida. Eu não sei mais o que eu deveria parecer. Mesmo o nome na pulseira no hospital parecia estranho, como se as letras estivessem em ordem errada, ou como se parte do nome estivesse faltando.

Eu viro o visor de volta e espero que meu pai não tenha visto eu me retrair.

Os médicos me amarraram junto com barbante. Eu mantenho-me esquecendo dos pontos até que eu me movo muito rápido e a dor irrompe. Eles me bombearam inteira com água com açúcar, também, e refeições servidas em bandejas de plástico, divididas em cinco retângulos. Este cérebro estava com um medicamento e este corpo estava com outro; esta mão empurrou comida em minha boca, muito rápido para contar as mordidas. Eles me amarraram novamente, mas não usaram nós duplos. Minhas entranhas estão drenando para fora as linhas de culpa em minha pele, eu posso sentir, mas toda vez que verifico as bandagens, elas estão secas.

Eu me puxo de volta para o corpo no banco do passageiro no carro de meu pai.

—Onde está Emma? — eu pergunto. —As férias de inverno, não começam hoje?

Papai soca um botão no painel. O som muito alto de um trompete de jazz nos bate. Eu alcanço o botão do volume, o contraio, e o giro para baixo.

Ele dirige por 24 quilômetros sem dizer uma palavra.

Quando ele sai da estrada, não vira à direita. Ele vira à esquerda, norte, em direção a linha sombria de nuvens de tempestade que trazem mais neve do topo do mundo.

—Aonde vamos?

—Estou te levando para casa.

—Esse não é o caminho.

Os dedos dele apertam o volante. —Você vai ficar com sua mãe até que seja internada.

—Não, papai, por favor! E quanto a Emma? Ela precisa de mim para fazer mais biscoitos de gengibre com ela e ela precisa de ajuda para embalar seus presentes e nós vamos cantar canções de Natal na igreja. E eu prometi andar de trenó com ela e fazer anjos de neve.

Ele vai para a pista de passagem sem verificar os retrovisores. —Você não verá Emma até que você esteja melhor. Talvez isso lhe dê algum incentivo. Se você não quer tentar por você, tente por ela.

Sua voz quebra. Ele funga, engole duramente, e empurra o acelerador até que a agulha do velocímetro sobe até a zona vermelha. Eu não conheço esse homem. Aperto a maçaneta da porta, sem ter certeza se vamos fazer isso.

Ele ainda tem uma chave da casa dela no chaveiro com o restante: do escritório, da academia, da casa de Jennifer, e de três carros. Ele abre a porta, entra, e espera que eu o siga.

~~Mamãe~~ Drª. Marrigan está na biblioteca ditando lembretes para seu computador. Quando entramos, ela ergue um dedo para que assim possa terminar de recitar detalhes sobre seu mais recente desvio quádruplo em um cara que passou os últimos quarenta anos comendo cheeseburgers.

Papai carrega minhas malas até o ~~quarto de hóspedes~~ meu quarto. Quando ele desce, demora mais ou menos um minuto até que ~~mamãe~~ Drª. Marrigan o trata como um manobrista ou um mensageiro.

—Você providenciou a ida dela a Drª. Parker amanhã? — pergunta ela.

—Jennifer virá buscá-la uma hora, e a trará de volta após a sessão. — Papai fecha sua jaqueta e puxa suas luvas. —Você já cuidou da manhã?

—Por que Jennifer tem que dirigir por mim? — eu pergunto. —Eu posso dirigir, se me emprestarem um carro.

Eles nem sequer olham para mim. Eu não estou no cômodo, aparentemente.

~~Mamãe~~ Drª. Marrigan acena com a cabeça para o ~~papai~~ Professor Overbrook."Uma de minhas enfermeiras, Melissa, estará aqui desde o momento que eu sair e até que Jennifer chegue. Ela pode ajudar depois do Natal, também, sempre que não estiver em serviço. Quinze dólares por hora, dinheiro.

—Bom, — ele diz.

—Você chamou uma babá pra mim? — eu pergunto.

Eles não reagem. Eu ainda não estou aqui.

—Que horas ela volta? — mamãe pergunta.

—É uma sessão de duas horas, portanto, com a condução, talvez quatro horas, quatro horas e meia, — papai diz. —Você já estará em casa, certo?

~~Mamãe~~ Drª. Marrigan endireita a pilha de revistas médicas sobre a mesa do café. —Estarei fora até as sete. Amanhã é véspera de Natal; Melissa irá visitar seu irmão quando Lia sair as uma. Não vou pedir a ela para voltar.

Ele franze a testa. —Acho que Jennifer poderia ficar.

—Se as coisas estiverem tranqüilas, sairei mais cedo, — ela diz.

—Isso seria o melhor.

O beijo dele de adeus em minha bochecha é tão leve, que eu não consigo senti-lo.

Ele sai pela porta da frente e leva um tempo para fechá-la atrás dele.

—O cobertor no sofá está ligado e aquecido, — ~~mamãe~~ Drª. Marrigan diz. —Há uma tigela de sopa lá, também, carne de boi cevada. Enquanto você os faz desaparecer, eu explicarei como as coisas serão.

—Você está falando comigo agora, certo? — eu pergunto.

—Estarei lá em um minuto, assim que eu terminar isso.

Depois de mais dez minutos ditando, ela vem e senta na ponta do outro sofá, sentada em linha reta como se estivesse equilibrando uma coroa na cabeça. Ela espera que eu faça o primeiro movimento.

—Quero voltar para meu pai e Jennifer.

Ela se afasta para a esquerda para acender uma luz. O sol se põe precocemente no final do ano. —Todos nós concordamos que você deveria ficar aqui, — ela diz. — New Seasons ligou para confirmar sua data de admissão na semana que vem. — Ela limpa poeira do abajur. —Eles têm seus prontuários hospitalares e terão uma áudioconferência com a Drª. Parker após você vê-la amanhã.

—Eu tenho dezoito anos. O que eu digo para ela é privado.

—Não, se um tribunal decide que você é um perigo para si mesma e outros.

—Quando isso aconteceu?

—Eu operei metade dos juízes neste conselho, Lia. Se isso precisar acontecer, irá.

Eu não tenho dezoito anos, eu tenho doze, presa em sapatos, dançando o *pas de* mamãe novamente, com ela em pé nas asas, me dizendo o que estou fazendo de errado.

Vapor se enrosca na superfície da sopa. —Esse lugar não me ajudou antes. É inútil me mandar de volta.

—Isso foi o que seu pai disse.

—Ele disse?

—Ele mudou de idéia sobre algumas coisas, depois do que você fez. Ele finalmente está admitindo o quão desesperadas as coisas estão, mas ele não acha que o tratamento vai funcionar.

Eu não consigo me controlar. —Por que não?

—Você não quer ficar melhor. Ele diz que nada vai funcionar até que você queira ser saudável e ter uma vida de verdade. Eu quase concordo com ele.

—Então, por que me fazer ir? — eu pergunto. —Por que desperdiçar dinheiro?

—Por que se você não for, você vai morrer.

—Você está exagerando. — Eu ponho minhas mãos ao redor da tigela de sopa e me inclino para o vapor, com fome agora para os puxões queimando dos pontos. Eu pego a colher e mexo. O movimento traz para cima legumes e cevada do fundo. Nanna costumava fazer isso, mas eu não posso me deixar provar. O primeiro gole derreteria através do lençol de gelo que está me mantendo suspensa sobre um buraco aberto.

Eu deixo a colher cair e escondo minhas mãos sob o cobertor. —Por que você mantém aqui tão frio?. — As palavras saem muito altas, como se meu botão de volume estivesse quebrado.

—Você não tem gordura corporal suficiente para manter sua temperatura. A solução é comer algo nutritivo de 3 em 3 horas. Muito simples.

—Eu não preciso comer de três em três horas. Eu tenho um metabolismo lento.

—Seu metabolismo diminuiu por que seu corpo pensa que você está presa em uma inanição. Ele está segurando cada grama que pode para mantê-la viva.

Meus punhos apertam onde ela não pode vê-los. —Você está tornando meus problemas fora de proporção, para que você não possa olhar para quão miserável você é.

—Pare de mudar de assunto.

—Pare de me ameaçar. É a minha vida. Eu posso fazer o que eu quiser.

Minha mãe estapeia a mão sobre a mesa de café. —Não se você está se matando!"

O vento grita através das portas francesas e sopra entre nós, fazendo-me tremer. Ela se levanta e anda. Eu fixo meus olhos em um ponto de tinta desbotada na parede.

—Qual o ponto desse comportamento irracional? — ela pergunta, de costas para mim. —O que você está tentando provar?

—Você acha que eu gosto de assustar Emma e deixar vocês tão loucos que nem sequer olham para mim?

Ela se vira. —Eu não sei. Eu não entendo nada do que você faz. Beba a sopa.

Eu puxo o cobertor até o queixo. —Você não pode me forçar.

Ela fecha as cortinas pesadas. Isso reduz as correntes de ar e põe-me nas sombras. Ela acende mais duas luzes antes de tomar uma profunda respiração e sentar-se novamente.

—Seu corpo quer viver, Lia, mesmo que sua cabeça não, — ela diz. —Seus números recuperaram-se rapidamente no hospital; as

funções do fígado melhoraram, o intervalo QT melhorou, os níveis de fosfato e cálcio estão melhores. Você é resistente e eu quero dizer isso da melhor maneira possível, medicamente falando.

Couro resistente, mancha teimosa, aço que enferruja e desintegra o edifício.

—Se você não comer, eu não vou empurrar comida pela sua garganta, mesmo sendo tentador. Mas, você deve manter-se hidratada. Se você restringir líquidos, você será colocada em uma ala psiquiátrica. Instantaneamente. Eu já trabalhei com a Drª. Parker e consultei o procurador do distrito sobre a papelada.

—Eu te odiarei para sempre se você me jogar em um manicômio.

—Você tem que tomar seus remédios, também, todos eles. —Ela pega fiapos do afegão. —Melissa ou eu observaremos você durante uma hora depois que você tomá-los para se certificar de que eles entrem no seu sistema. Também mediremos quantas gramas você bebe e quantas você excreta.

—Você vai medir o meu xixi?

—É o melhor modo de garantir que você esteja hidratada. Há um recipiente de plástico no banheiro do andar de baixo para coleta de urina."

—Isso é ridículo. Eu não estou tão doente.

—A incapacidade de avaliar racionalmente a sua situação é um resultado de má nutrição e química do cérebro perturbada.

—Eu odeio quando você fala como um livro didático.

Ela se inclina para frente. —Eu odeio quando você passa fome. Eu odeio quando você corta sua pele, e eu odeio quando você nos afasta.

O vento empurra as portas de vidro tão duramente que as cortinas balançam.

—Eu odeio isso, também, — eu sussurro. —Mas, eu não consigo parar.

—Você não quer parar.

O veneno na voz dela choca nós duas.

Ela fica em pé novamente e rapidamente recolhe o afegão, fungando muito e engolindo as lágrimas. No começo eu pensei que ela ia sair, talvez colocar o afegão no armário ou na máquina de lavar. Mas não. Ela o espalhou em cima do cobertor elétrico onde estou me escondendo debaixo, dobrando-o em torno de meus ombros e quadris.

—Sinto muito, — ela diz. —Isso foi cruel.

—Isso foi honesto, — eu digo. O peso do cobertor é doce. — A Drª. Parker aprovaria.

Por um momento, o vento para. A casa está em silêncio, esperando que eu fale para ela.

Eu poderia tentar. Talvez não tudo. Talvez apenas os nomes, os nomes ruins

:: estúpida/feia/estúpida/vadia/estúpida/gorda/ ::

:: estúpida/bebê/estúpida/estúpida/estúpida/estúpida ::

que me apunhalam quando eu penso em comer um pão de canela ou uma tigela de Bluberridazzlepops. E depois, há o fato de ficar presa entre os mundos, sem bússola, sem mapa.

Ela alisa minha bochecha com as costas da mão e se inclina para frente, mas não me beija. Ela cheira minha cabeça, uma, duas, três vezes.

—O quê você está fazendo? — eu pergunto.

Ela se senta ao meu lado. —Na escola de medicina, nós lemos sobre um estudo, no qual as mães poderiam identificar seus bebês pelo cheiro, um dia depois que eles nascem. Eu pensei que era bobagem.

—É verdade?

—Eu conheci você por seu cheiro dentro de horas. Ele me confortava, como uma droga, quase. Eu adorava o cheiro de minha filha. Eu costumava cheirar sua cabeça o tempo todo quando você era bebê .

—Mãe, isso é estranho. E se eu acho que é estranho, você realmente está em apuros.

—Eu dormi com seu travesseiro durante meses quando você se mudou, fingindo que eu ainda podia sentir seu cheiro. Estúpido, hein?

Eu engulo em seco. —Na verdade, não.

—Isso quase me matou quando você se foi.

—Eu tinha que ir.

—Eu sei. — Ela olha para suas mãos mágicas. —Minha única filha estava morrendo de fome e eu não podia ajudá-la. Que tipo de

mãe isso me tornou? Eu estava uma bagunça. — Ela toma uma respiração profunda. —Eu queria você aqui, mas você não queria estar aqui. Eu queria você longe de Cassie, por que ela era guiada para o problema. Você estava determinada a ficar com ela. Cindy me disse quando Cassie rompeu a amizade de vocês. Eu estava tão feliz que quase dancei na rua – ”

—Eu cheiro como biscoitos? — eu interrompo.

—O quê?

Eu limpo a aspereza de minha garganta. —Eu cheiro como biscoitos? Minha cabeça, eu quero dizer. Como gengibre e cravo e açúcar?

Seu sorriso é caloroso e verdadeiro. —Não, não de todo. Eu sempre pensei que você tinha cheiro de morangos frescos. Isso é estranho, também?

Nenhuma de nós se atreve a respirar, por que ambas estamos aqui no mesmo espaço e ao mesmo tempo, mamãe e Lia, sem telefones, sem bisturis, ou palavras ardentes. Nenhuma de nós duas quer quebrar o feitiço.

Se eu contar a ela sobre toda a minha feiúra agora, esta frágil ponte irá desmoronar sob o peso disto.

—Não, — eu digo. —Não é estranho, é doce.

Para o jantar eu bebo fluído eletrólito-substituto, que tem gosto, como o cheiro de banheiro de hospital. (= ? Mamãe leva a etiqueta e faz os cabos de força do computador desaparecerem, por isso não posso checar os números). Eu como uma banana pequena (90), também. Tem gosto de banana.

Mamãe come uma salada de frango Caesar com pingos de molho e dois pedaços de pão de centeio integral. Ela assiste a um documentário sobre a Coreia do Norte, enquanto eu finjo ler. Quando acaba, ela verifica meus pontos, pulso, pressão arterial, e me dá meus remédios, mesmo o meu comprimido para dormir.

Aposto que ela toma um, também. De que outra forma ela consegue adormecer sem ver todos os corpos cortados abertos e os corações contraídos?

Eu caio no sono antes de estar pronta e acordo no meio da noite, confusa novamente sobre onde estou e por que e quem. Mil dedos estão me alcançando através do meu colchão, cutucando através de minha pele para arranhar meus ossos. Eu pulo para fora da cama e ando para sacudir o sentimento. Do outro lado da rua, na casa de Cassie, uma matilha de lobos está cavando nas roseiras, a procura de corpos para comer e ossos para triturar. Eu não consigo mais dizer quando estou dormindo ou quando estou acordada, ou qual é pior.

052. 00

Os altos e baixos mudaram durante a noite. Ao invés de soprar para o mar, a tempestade de inverno está presa sobre o coração da Nova Inglaterra. Nós deveríamos ter, pelo menos, menos de um metro de neve, hoje. Eu gostaria de saber se poderia chamar alguém para levar Emma para andar de trenó. Mira, talvez. Ou Sasha. Será que elas responderiam o telefone, se elas soubessem que sou eu ligando?

Pensar em Emma me faz querer puxar meus pontos com um par de alicates. Eles deveriam me queimar na estaca pelo que eu fiz a ela. Por me a deriva de um bloco de gelo. Eu queria que houvesse uma maneira de fazê-la esquecer o que viu, para esfregar/limpar aquela memória. Não há sabão suficiente e água sanitária no mundo.

Eu não teria que usar um alicate. Eu poderia cortar os pontos com um cortador de unhas e puxar até que este corpo se desfizesse.

Minha mãe me chama. Eu desço as escadas.

~~O cão de guarda~~ A enfermeira Melissa chega quando estamos comendo café da manhã (meia toranja = 37, torradas = 77), uma caneca gigante de bebida eletrolítica (= ?) e comprimidos (= lençóis de veludo branco enrolados em volta de meu cérebro). Ela é apenas alguns anos mais velha que eu, mas já tem as linhas da testa — nemmesmotenteisso” que as boas enfermeiras conseguem por constantemente franzir a testa.

Uma hora depois, eu faço quinhentos mililitros de xixi de água amarela. Melissa fica no banheiro e me observa.

—Você não está sendo paga o suficiente para isso, — eu digo.

Ela está no telefonema-relatório-de-fluídos no escritório de ~~mamãe~~ Drª. Marrigan.

Eu estou morrendo para saber quanto estou pesando. Não há balanças aqui e não me diriam no hospital. Eles pregaram tanta substância pegajosa em mim, que eu aposto que ganhei quatro quilos e meio. Minha pele coça por causa da nova gordura. Ela vai se dividir e descolar. Melissa me dá creme de pele e observa enquanto eu o esfrego em meus braços e pernas.

Eu durmo sob uma montanha de cobertores pelo resto da manhã.

Jennifer me leva ao consultório da Drª. Parker sem dizer uma palavra. Eu não a culpo. Eu não falaria comigo, também, se eu fosse ela. Eu aposto que ela está com medo de que se ela abrir a boca, ela não parará de gritar comigo por dias e isso faria uma confusão no Natal, acima de todo o resto.

Ficamos atrás de um arado o caminho todo, os para brisas ligados em ALTO, as mãos dela seguram tão fortemente no volante que as juntas ficaram brancas. A neve faz com que seja difícil de dizer se tem algo de baixo ou ver qualquer coisa até que estamos perto o suficiente para uma colisão.

Ela finalmente dirige para o parque de escritórios e puxa para cima, próximo ao meio-fio.

—Então, — eu tento. —Quatro horas, certo?

Ela acena com a cabeça uma vez, os olhos olhando para a tempestade.

—E, er, eu virei na manhã de Natal? Então, poderemos abrir presentes?

—Sua mãe tem que me ligar. — Ela liga o ventilador para soprar o calor.

—Certo. — Eu abro a porta.

—Espere. — Jennifer agarra meu braço. Pela primeira vez desde que me amarraram na maca, ela me olha no olho. —David não quer que eu diga isso pra você, mas é muito ruim. Eu amo você, Lia. Quando me casei com seu pai, eu jurei amar você como se você fosse minha. Mas, você feriu a minha menininha.

Ela está tremendo de raiva.

—Você a machucou por morrer de fome, você a machucou com as suas mentiras, e por brigar com todo mundo que tentava te ajudar. Emma só pode dormir algumas horas por noite, agora. Ela é assombrada por pesadelos com monstros que comem a nossa família inteira. Eles nos comem lentamente, ela diz, para que possamos sentir seus dentes afiados.

Meu coração muda de marcha lenta para quarta marcha, acelerando como um carro de corrida derrapando ao redor da pista.

—Eu estou – ”

Ela solta meu braço e cobre minha boca com sua mão. —Shhh. Você vai lá e dirá a verdade a essa mulher. Diga a ela o que está em sua cabeça e por que você faz essas coisas. Diga a ela que há uma boa chance de que você não pode viver mais na casa de seu pai, então é melhor você descobrir como se dar bem com sua mãe.

—Eu não posso voltar?

—Eu não posso deixar você destruir Emma, também. Eu não vou.

Ela volta para seu assento, com a máscara madrasta-suburbana aparafusada firmemente no lugar. —Quatro horas. Talvez um pouco mais tarde, dependendo das estradas.

053.00

A recepcionista, Sheila, não está em sua mesa. Provavelmente, saiu mais cedo para cozinhar para o Natal. Eu ponho minha orelha na porta fechada do gabinete interior da Drª. Parker; alguém está chorando do outro lado. A voz de Parker murmura, em seguida soa o chato *dim-dom* do relógio da sessão.

Eu mantenho meus olhos no chão enquanto o paciente chorando atravessa a sala de espera e abre a porta para a tempestade lá fora, ainda fungando e soluçando.

A Drª. Parker sempre vai ao banheiro entre as sessões e às vezes faz uma pausa para meditar. Serão pelo menos cinco minutos até que ela me chame para entrar. Eu vim preparada, armada com meu tricô. Eu preciso terminar esta coisa cachecol/xale/cobertor para que possa começar algo para Emma – um chapéu, talvez, ou um suéter para seu elefante de pelúcia.

Eu olho pela janela. Um carro está emperrado no estacionamento. O motor acelera enquanto a motorista gira seus pneus, empurrando o acelerador, mas indo para lugar nenhum. Arado de madeira, correntes tilintando, lâminas enviando faíscas enquanto raspam o gelo da estrada. Tudo está enterrado na neve. Parece um mundo diferente.

—É uma merda, não é? — Cassie diz.

Meu coração bate contra minhas costelas.

Ela está sentada do outro lado da sala, os pés apoiados na mesa de café, a revista em seu colo, dobrada aberta em palavras cruzadas. Ela está vestida para o tempo: o vestido azul do caixão, jaqueta de esqui cinza, gorro com luvas combinando, na cadeira ao lado dela, botas úmidas forradas de pele.

—Eles nunca lhe dão uma pausa. É sempre ' fale com o psiquiatra, fale com sua mãe, faça o que você disse, por que você não cresce? '. — Ela preenche alguns espaços na cruzadinha, depois, os apaga. —Treze para baixo. Você sabe uma palavra de quatro letras para 'contrato' ?

—Por que você não me deixa em paz?

—Eu sinto sua falta.

O fundo da minha garganta soa como se eu pudesse sair. Eu me encosto contra a mesa de Sheila e aperto um dos cortes entre minhas costelas. A dor me ilumina como uma arma de eletrochoque. —Você sabe o que Emma viu, não é?

Cassie escreve uma palavra na cruzadinha. —Laço cabe. Talvez.

—Eu não acredito que fiz aquilo para ela.

—Você não merece viver. — Ela diz isso como se estivesse me dizendo qual par de calças jeans fica melhor. —Use uma faca maior da próxima vez. Corte mais fundo. Acabe com isso.

—Eu acho que não quero morrer.

Ela bufa. —Sim, certo. Você nem mesmo pode comer uma tigela de cereal sem ter um colapso. Honestamente, você acha que fará algo mais difícil, como, por exemplo, ir para a faculdade? Ou

conseguir um emprego, talvez viver por si mesma? E o que dizer sobre as compras em supermercados? Ooooh – assustador!"

A privada dá descarga no escritório da Drª. Parker.

Eu avanço devagar em direção a porta. —Por que você está sendo tão cruel?

—Amigas dizem as amigas a verdade.

—Sim, mas não para machucar. Para ajudar.

Em um instante ela está na cadeira junto à janela. No próximo, ela está em pé na minha frente, bem na minha cara, fazendo a temperatura cair abaixo de zero. Sua pele é áspera como uma estátua de cemitério. Seu cheiro é sufocante.

—Você quer que eu te ajude, Lia - Lia?

Pode-se matar uma fantasma enfiando uma agulha de tricô através de seu coração? Ou pelo menos colocá-la de volta no chão onde ela pertence?

—Te ajudar como você me ajudou?. — Ela estende a última palavra até que ela se agita em sua garganta. —Como é isso, então? Você não é magra. Você é uma baleia cheia de pus. Sua mãe queria ter te dado para a adoção. Seu pai secretamente acha que não é realmente filha dele. As pessoas riem de você quando suas banhas sacolejam. Você é feia. Você é estúpida. Você é chata. A única coisa em que você é boa é em passar fome, mas você nem mesmo consegue fazer direito. Você é um desperdício."

Ela pisca. —E é por isso que eu te amo. Apresse-se, ok?

A Drª. Parker abre a porta. —Pronta?

054.00

Ela liga o aquecedor e me dá um cobertor de emergência para colocar em cima do feio afegão de cabelo. —Desculpe, está tão frio. Realmente é necessário substituir essas janelas.

Eu me enrolo em uma bola no sofá, segurando meu tricô contra meu estômago.

Ela assume sua posição atrás da mesa. —Você teve um tempo ruim. Estou muito feliz por você estar aqui. Acho que esses pontos estão machucando.

Aqui é onde eu mantenho minha boca fechada por quinze minutos, arranco a penugem branca em meus braços. Mas, meu coração está cheio de veneno e está inchando, jogando-se contra a gaiola de osso tão fortemente que meus dentes estão chacoalhando e meus pontos querem estourar.

—Parece que bombearam um oceano inteiro dentro de mim, — meus lábios dizem.

—Por causa dos fluídos IV? — ela pergunta.

—Eu pingo toda vez que me movo.

—Você estava muito desidratada. Você parou de beber, também, mesmo água?. —

Eu tiro o tricô para fora da bolsa. Tricoto, tricoto, laço. —Eu não me lembro. Talvez.

—Como estão os cortes?

—Os pontos doem mais que os cortes. O médico colocou muitos. Eu mal posso me mexer sem abri-los.

Ela permite que um quieto minuto flua, e então pergunta, —Posso ver os pontos?

—Não. —Eu digo. —Ainda não.

Ela acena. —O que mais está incomodando?

—Aquele cheiro está me enlouquecendo. — *Merda*. Eu não ia dizer isso.

—Que cheiro?

Eu ponho as agulhas em meu colo e observo como os fios se enrolam ao redor de minhas mãos. —Você não o sente, não é?

Ela balança sua cabeça vagarosamente, com medo de assustar esta estranha garota falante que está coberta de pele. —Você consegue descrevê-lo?

—No começo, eu pensei que era biscoitos, biscoitos de Natal, e que eu estava sentindo-o porquê meu estúpido cérebro estava tentando me enganar a fazer-me comer. Mas, não é isso. É Cassie. Quando eu sinto o cheiro, ela está por perto.

—Cassie, sua amiga que morreu no mês passado.

—Gengibre, cravo, e açúcar, como biscoitos queimados. Na primeira vez foi bom. Fez-me lembrar dela. Agora, isso me assusta.

—Eu não consigo entender completamente.

Oh, Deus. Oh, Deus. Eu estou no topo da montanha mais alta. O solo gelado está tremendo, um terremoto, o mundo se abrindo

debaixo de mim com fogo, braços de aço prontos para me puxar para baixo.

Eu tenho que me mexer. Eu não posso mais ficar aqui.

Eu me jogo para baixo da montanha e abro minha boca.

Eu falo sobre o funeral de Nanna Marrigan e as sombras que pairavam sobre as extremidades de coisas desde sempre. Eu digo a ela sobre ver fantasmas em vitrines e em espelhos antigos e como a maioria deles são agradáveis, mas não todos.

Quando meus lábios se mexem, o cômodo se alonga e se estreita, como as paredes de borracha vermelha estão sendo puxadas por mãos gigantes. A voz da Drª. Parker diminui enquanto sua mesa fica cada vez mais longe e longe de mim.

—Os fantasmas te assustam?

—Cassie, sim.

O fio aperta ao redor de minhas mãos até que meus dedos estão roxos.

—Você pode me falar sobre isso?

Eu digo a ela. Eu conto a ela todaahistóriaassustadorasobreCassie, como ela sentou-se no caixão, como ela me observou durante a noite, como ela entrou em minha mente, assombrando cada passo, fazendo nevar na farmácia. Como eu parei de tomar meus comprimidos, tomei comprimidos extras, trabalhei por horas a noite, parei de comer, parei de beber, cortei e cortei para fazê-la ir embora, para fazer tudo ir embora. Como nada funciona. Chuva, chuva, chuva escorre pelo meu rosto, quase me afogando.

A Drª. Parker mantém seus pequenos olhos de aranha presos nos meus, persuadindo as palavras sentadas imóveis no centro de sua teia, mal respirando. Eu falo até que minha garganta está vazia e eu não tenho nenhuma sensibilidade em minhas mãos.

Ela vem de trás de sua mesa e delicadamente desenrola o fio. O sangue queima de volta para meus dedos. Ela enxuga minhas lágrimas com um lenço macio e se senta ao meu lado.

—Quem mais sabe sobre isso?

—Ninguém. Não, espere, isso não é verdade. Cassie sabe.

—Você nunca disse a seus pais sobre ver fantasmas? Nem mesmo quando era mais nova?

—De jeito nenhum. Minha mãe teria me dito para diminuir o drama. Papai teria sugerido que eu pensasse em me formar em poesia, talvez planejar um PhD em estilo gótico. Eles nunca me ouviram; eles mal podem me ver. Eu sou uma boneca que eles largaram.

A Drª. Parker puxa uma pastilha de cereja para tosse do bolso de seu casaco, desembrulha-a e a põe na boca. Ela a bate contra os dentes por um minuto. Lá fora, a neve se empilha mais e mais alta.

Finalmente, ela fala. —Por que você está me dizendo isso hoje?

Eu engulo, rígida. Eu já estou sobre minha cabeça. Posso muito bem lhe dizer tudo.

—Cassie está tentando me matar. Ela diz que eu estou presa entre os vivos e os mortos, e que ela me quer em seu time. Ela está na sua sala de espera, agora, trabalhando em palavras cruzadas.

—Você a viu lá?. — A Drª. Parker esfrega as costas de minha mão com as pontas de seus dedos.

—Eu a disse para me deixar em paz. Ela não quer.

Dim-dom! O relógio cale-a-boca-agora me interrompe.

Ela aperta os lábios e se levanta, lentamente, alongando os músculos das pernas e costas. —Você consegue ver Cassie agora?

—Não, ela não está aqui, ela está do outro lado da porta. Ou estava. Vá verificar o jogo de palavras cruzadas. Ela fez treze para baixo errado. Ela escreveu 'laço'. Deveria ter sido 'jura'.

Enquanto explico, a Drª. Parker coloca água em um copo de isopor e o finca no micro-ondas.

—Você pode verificar a revista. — Eu enfio meu fio na bolsa. —Eu não estou inventando isso; não estou alucinando. É tão real quanto o sangue em minhas ataduras, ou a pastilha para tosse em sua boca.

—Não há como provar quem fez a cruzadinha, — ela diz.

—Mas, eu disse a você sobre o erro que ela cometeu.

Ela pega o copo do micro-ondas e enfia um saquinho de chá dentro, adiciona um pacotinho de açúcar, e mexe com um graveto de plástico. —Você poderia ter visto isso quando você passava as páginas ou você mesma cometeu o erro.

—Eu suponho.

Há vozes na sala de espera, o próximo paciente está desesperado o bastante para vir no dia da Véspera de Natal em uma tempestade de neve.

A Drª. Parker me entrega o copo. —Chá, — diz ela. —Sempre ajuda.

Eu tomo um gole. Tem gosto de aparas de lápis açucarados.

Ela se senta novamente em sua mesa e pega a caneta. —Eu realmente estou orgulhosa de você, Lia. Você fez mais hoje que nos últimos dois anos. — Ela faz uma nota em bloco de papel amarelo. —Eu tenho sua permissão para discutir essa sessão?

Eu limpo meu nariz. —Claro, por que não?

—Obrigada. Eu quero falar sobre isso com o diretor de New Seasons. Poderemos querer desenvolver um plano de tratamento diferente. Sua instalação pode não ser o melhor lugar para você.

Eu limpo meu nariz. —Eu posso ficar em casa e ser tratada como paciente não internada?

Ela escreve uma outra nota antes de falar. —Não. Isso não foi o que eu disse.

Algo em sua voz me congela, minha mão no ar, pegando outro lenço. —Eu não entendo.

—Eu acho que devemos considerar as facilidades de uma clínica psiquiátrica.

Há um estrondoso ruído crescendo lá fora, um trovão no meio da neve. As janelas tremem. Ela continua falando como se fosse uma coisa cotidiana, como se ela estivesse acostumada a jogar assustadas garotinhas em manicômios.

—Você merece o melhor, — continua ela. —Pessoas qualificadas que sabem como trazer de volta sua mente ao equilíbrio. Quando as alucinações e os delírios estão sob controle,

será mais fácil para você trabalhar nas questões de sua auto-imagem e os relacionamentos que lhe causam tanta dor.

—Você acha que eu inventei, — eu digo. —Você não acredita que eu vejo fantasmas.

—Eu acredito que você tenha criado um universo metafórico, no qual você pode expressar seus medos mais obscuros. Em um aspecto, sim, eu acredito em fantasmas, mas nós os criamos. Nós nos assombramos, e às vezes fazemos um trabalho tão bom, que perdemos o controle da realidade. — Ela se levanta. —Eu odeio parar agora, mas eu tenho outro paciente esperando. Você realmente deveria estar orgulhosa de si mesma, Lia. Você fez uma descoberta hoje. Como você vai para casa?

—Jennifer.

Ela puxa a cortina para um lado e olha para o estacionamento. —SUV preta, certo? Eu não vejo uma lá fora.

—Ela odeia dirigir em tempo ruim.

—Tenho certeza de que ela estará aqui em breve.

~~Perdão, mas você disse dois minutos atrás que estaria recomendando que eu vá para um manicômio lotado, de pessoas loucas, só por que eu finalmente disse a verdade?~~ —Antes tarde do que nunca.

Eu a sigo para a sala de espera, onde uma mãe muito zangada está gritando em sussurros para a filha, cujos olhos parecem como assassinos. A Drª. Parker as acena para sua sala.

—Tenha cuidado, Lia, — ela me diz. —Eu te ligo amanhã.

1055.00

Cassie desapareceu.

Eu abro a revista de palavras cruzadas. Treze para baixo – *laço*. Quinze de um lado a outro – *Cassandra*. Sete para baixo – *Lia*. Nossos nomes não são as respostas para as dicas, mas eles se encaixam nos quadrados.

A Drª. Parker gostaria disto. Ela me quer em um quadrado do tamanho de um diagnóstico. Ela me colocará lá, assim pessoas poderão olhar para mim e enfiar seus dedos por entre as barras.

Eu conheci três meninas em New Seasons que haviam sido trancadas em uma ala psiquiátrica: Kerry, Alvina, e Nicole. Elas contaram história de terror enquanto nos apertávamos nos banheiros, e fazíamos flexões e polichinelos às três horas da manhã a luz da lua. As paredes acolchoadas eram reais, elas disseram. E as camisas de força acolchoadas para amarrar as pessoas que sempre estavam no limite. Nevoeiros de remédios tão espessos que esqueciam seus nomes, gritavam no corredor, luzes que nunca eram desligadas. Nunca era manhã nem noite, Kerry disse. Nunca.

Isso seria pior que as mulheres adultas que viviam em nossa sala, mas que não falavam muito conosco? Garotas de vidro que

tinham vinte e cinco, trinta, cinqüenta e sete anos, andando ao redor em suas gaiolas ósseas de onze anos de idade, cavernas vazias com olhos sangrando se arrastando de um tratamento para outro, sempre sendo pesadas, nunca tendo o suficiente. Um dia o vento irá levá-las. Ninguém vai perceber.

Um carro rola no estacionamento. Não é Jennifer. Seria mais rápido ir andando, só que eu já estou meio congelada e cansada.

Eu estudo os diplomas na parede. Eu assustei a Drª. Parker. Ela não consegue admitir que meus fantasmas existem. Se ela admitisse, isso seria destruir sua idéia de realidade. Se eu estou certa, então as idéias dela sobre trauma e modificação comportamental e auto-conversa e encerramento emocional são fingidas. Ficção. Histórias para dormir contadas para pacientes exigentes que precisam de uma soneca.

Nós duas estamos certas.

Os mortos andam e assombram e rastejam para sua cama durante a noite. Fantasmas se esgueiram para sua cabeça quando você não está olhando. Estrelas se alinham e pedaços de vidro que podem prever o futuro nascem de vulcões. Bagas de veneno tornam as meninas mais fortes, mas às vezes as matam. Se você uivar para a lua e jurar por seu sangue, qualquer coisa que você desejar será sua. Cuidado com o que você deseja. Sempre há um porém.

A Drª. Parker e todos os meus pais vivem em um mundo de papel mâché. Eles remendam os problemas com tiras de jornal e um pouco de cola.

Eu vivo na fronteira. A palavra *fantasma* soa como uma *memória*. A palavra *terapia* significa *exorcismo*. Minhas visões ecoam e

se multiplicammultiplicam. Eu não sei como descobrir o que elas significam. Eu não posso dizer onde começam ou se vão acabar.

Mas, eu sei disso. Se encolherem minha cabeça um pouco mais, ou fizerem-me flutuar em um oceano de comprimidos, eu nunca vou voltar.

056.00

Eu disco o telefone na mesa da recepcionista. O celular de Jennifer vai direto para o correio de voz. O mesmo acontece com o de papai. Drª. Marrigan ainda está no hospital, não vale nem a pena tentar.

A neve está caindo tão rapidamente que é difícil ver as luzes da rua. Sombras de corcovas de carros rastejam junto, pequenas montanhas em seus telhados. Jennifer entra em pânico na neve, sempre acha que as rodas estão escorregando e que a parte final é derrapar. Mas, ela prometeu. Ela vai aparecer, me levará para a casa de minha mãe, a única sem uma árvore de Natal por que é um incômodo. Eu ingerirei líquidos e os excretarei em um recipiente de plástico. Mamãe fará e receberá telefonemas, e fará o que ela tem que fazer para me manter presa no calabouço de ferro.

A neve está caindo rápido o suficiente para nos sufocar.

Eu chamo um táxi. Eu ofereço pagar o dobro do preço por causa do tempo.

O cara aparece em dois minutos. Ainda sem Jennifer. Eu entro, digo a ele o que eu quero. Ele pede desculpas por seu aquecedor não está funcionando. Eu digo que não importa.

O carro para no banco. Eles me deixam entrar, mesmo que só falte um minuto para fechar.

O carro para em uma pizzaria. Elas nunca fecham.

Ele não quer dirigir até o Gateway. Diz que não há como ter passagem de volta para a cidade e o que acontece se ele ficar preso?

Eu aceno três notas de vinte dólares na cara dele e peço para ele se apressar.

Há um carro do tamanho de uma corcova no estacionamento do motel, um El Camino. O motorista do táxi se recusa a ir para dentro, por que lá não foi arado. Eu entrego seu dinheiro, pego minha bolsa, pego minha bolsa de tricô, e a pizza, e caminho com dificuldade para a neve.

Elijah abre a porta do quarto 115, ainda com a corrente.

O vento sopra meu capuz. —Por favor.

057.00

Eu arrasto a tempestade em minhas botas, falando desesperadamente rápido. —Ok, escute. Meu pai me expulsou e as regras da minha mãe são insanas.

Ele apenas olha. Empurro a caixa de pizza para ele.

—Dê-me um 'por exemplo', — ele diz.

—Ela me faz fazer xixi em um copo de plástico toda vez que eu vou ao banheiro, para que ela possa medi-lo.

Ele coloca a caixa sobre a cama. —Por quê?

—Ela está obcecada com meu corpo. Sempre foi. Fazia-me comer tofu quando eu era pequena ao invés de comida normal de bebê. Ela me aprisionou em aulas de balé quando eu tinha três anos. Quem faz isso?

—Então, você veio aqui para passar uma noite? Tipo férias sem pais?

Eu tiro minhas luvas. —Não é bem isso. Quando você vai embora?

Ele pega minhas luvas e as leva para o banheiro. —Amanhã, se limparem as estradas. Dê-me seu casaco. Vou pendurá-lo sobre a banheira.

Eu desabotôo o casaco e o tiro. —Tão rápido?

—Ninguém reservou um quarto para o Natal. — Ele carrega o casaco para o banheiro, pegando um gancho quando passa pelo armário. —Charlie foi para a irmã dele em Rhode Island antes da tempestade chegar. Eu só tenho que fechar as coisas, cavar como um condenado, e me dirigir para o sul.

Eu levo um minuto para respirar e olhar em torno do cômodo. As páginas e os pedaços de fita foram cuidadosamente descolados das paredes. As roupas dos armários e gavetas foram esvaziadas, em sacos de lixo preto perto da porta. A pilha de cadernos está no espancado engradado de leite.

—Deixe-me ir com você. —Eu tremo. —Eu já esvaziei minha conta bancária. Eu tenho dinheiro de uma vida toda como babá comigo, em espécie. Eu posso pagar pela gasolina e posso ajudar a dirigir.

—Eu não sei, — ele diz. —Estou acostumado a viajar sozinho.

Ele diz mais, mas meus ouvidos não estão funcionando. Pontos negros estão ameaçando me mandar para o chão. Eu não posso desmaiar. Esta é minha única opção.

—Eu acho que você não me ouviu, — eu digo. —Tenho quase mil dólares e um cartão de crédito, que podemos usar até meu pai cancelá-lo. Você quer - ”

:: tontura/gravidade/chão/escuridão ::

◂ 058.00 ▸

Eu acordei em sua cama. Com todas as minhas roupas. Debaixo dos cobertores, meus pés estão apoiados tão alto nos travesseiros, que eu não posso ver além deles.

Elijah se inclina sobre mim: —Você está bem? Que diabos aconteceu?

Eu toco em um caroço na minha testa. —Devo ter desmaiado. Você não chamou uma ambulância, não é?

—Eu devo?

—Não. — Eu esforço-me para sentar.

—Você está doente?

—Um pouco. — Os pontos pretos dançam na frente dos meus olhos novamente. Deito-me. —Eu estive no hospital durante alguns dias, por que eu estava desidratada. Eu ainda estou um pouco fraca, mas não é grande coisa.

Seus olhos se perturbam. —Você está brincando comigo? É grande coisa, sim. Você não pode vir comigo – Você nem mesmo pode estar aqui. Se eu me enrolar com outra garota morta, a polícia não se importará se eu tiver um vídeo de álibi. Você tem que ir.

—Eu não posso ir para casa.

—Eu não me importo aonde você vai. Você simplesmente não pode ficar comigo.

Eu aponto para fora da janela. —Você vê aquela tempestade? A polícia não tem pessoas suficientes para lidar com todos os

acidentes; metade das estradas estão fechadas por causa dos engavetamentos. Eu tenho dezoito anos, eu estou sóbria, eu não tenho nenhum mandado. Eles não virão procurar, eu prometo.

—Talvez não, mas seus pais vão.

—Eles não tem idéia de que eu já estive aqui. Eu não lhes disse aonde você trabalhava ou como conheci você.

Ele pega o baralho de cartas em cima da televisão e os deixa cair, um por um, de volta para a pilha. Alguns deslizam para fora e pousam no chão, ao acaso. —Eu não tenho um bom pressentimento sobre isso.

Ele vai me expulsar e eu vou ter que chamá-los e eles fingirão que estavam preocupados por tempo suficiente para conseguir um carro, e eles me levarão para um hospital psiquiátrico, onde as janelas são pintadas e eu nunca vou saber se é dia ou noite,e eles me manterão lá até que eu esqueça o meu nome porque depois disso, nada importará.

Chuva cai no meu rosto novamente. —Por favor.

—Não, não. Não chore. Pare. Eu odeio quando meninas choram. — Ele entra no banheiro e sai com um rolo de papel higiênico. —Aqui.

Eu puxo um pedaço, enxugo os olhos e assoo o nariz, mas as lágrimas continuam vazando.

—O quê aconteceu?. — Ele se ajoelha ao lado da cama, assim estamos no mesmo nível. —Que diabos está acontecendo?

—Eu fiz uma besteira, — eu sussurro. —Grande. Realmente grande.

—Você está grávida? Usando craque? Roubou um banco? Atirou em alguém?

—Eu vou te mostrar.

Novamente, sento-me, devagar, e retiro meu suéter de gola alta, e a grande blusa de baixo. Quando eu chego na última camada, ele levanta as mãos.

—Não. Espere. Nós não vamos fazer isso. Isso já não está funcionando. Ao todo. Espere, isso é sangue?

Eu retiro minha blusa, estremecendo. —Ajude-me.

Ele deixa-me eu me apoiar em seu braço. Eu me levanto, contando até dez para me certificar de que não vou desmaiar novamente, então, eu retiro as ataduras, e deixo a gaze cair no chão.

Seus olhos vagueiam sobre os cortes e pontos, linhas pretas cutucando-se como fio quebrado. As contusões vêm à tona, as cores do pôr do sol espichadas sobre ossos apertados. Ele não vê meus seios ou minha cintura ou meus quadris. Ele só vê o pesadelo.

—O quê aconteceu? — ele sussurra.

—Eu caí para fora da borda do mapa. — Eu pego a blusa e a puxo novamente. Ela é mais suave que as bandagens. —Minha irmã me viu fazer isso. O nome dela é Emma. Ela é aquela que joga futebol, mesmo que odeie. Ela tem nove anos e me ama muito e" – eu espero até que minha voz volte – —e eu a baguncei pelo resto de sua vida. Eu não posso ficar aqui. Machuquei muitas pessoas .

A neve flutua para baixo, cada floco sem peso descansando em cima de outro, até que eles estão pesados o suficiente para esmagar um telhado.

—Posso tocar no seu braço? — ele finalmente pergunta.

—Claro.

Ele pega minha mão direita na sua e empurra seu dedo pelo antebraço até a entrada da ulna e do rádio. Ele enrola seus dedos sobre o botão de meu cotovelo e faz um círculo com o polegar e o primeiro dedo que deslizam facilmente sobre meu bíceps.

—Quanto você pesa? — pergunta ele.

—Não o suficiente. — Eu fungo. —Bastante. — Um soluço escapa. —Eu não posso dizer..

—Se vista. — Ele entrega minha blusa. —Você pode vir comigo com duas condições..

—Quais?. — Eu cutuco minha cabeça e braços completamente, puxo a blusa para baixo, e pego a gola alta.

—Você tem que comer o suficiente para não desmaiar ou morrer.

—Bem justo.

—Segundo. Você vai ter que ligar para seus pais e dizer que está bem.

—Não. Eu não posso falar com eles.

—Se você não ligar para eles, você não pode vir.

—Quantas vezes você liga para sua família?

Seu rosto se retorce. —Eu não tenho uma família.

—Você disse que seu pai era um idiota, mas que amava sua mãe.

—Eu menti. Eu estava chocado. Levantou-me.

O vento sopra a tempestade contra o motel.

—Você disse que não ia mentir novamente, — eu digo.

Ele olha através de mim para as paredes vazias. —Você quer a verdade?

—Sim.

Elijah pega meu suéter, seu polegar esfregando contra o interior macio do tecido. —Minha mãe está morta. Ela morreu quando eu tinha quinze anos. Meu pai me bateu pela última vez, uma semana depois. Ele me expulsou por que eu briguei de volta. A melhor coisa que ele fez por mim.

Ele me entrega o suéter.

—Oh, — é a única coisa que consigo dizer.

—Eu não estou blefando, — ele diz, os olhos em pedra. —Se você não ligar para eles agora mesmo, eu estarei no telefone com os tiras e relatando-a com uma intrusa.

Eu deixo uma mensagem na secretária eletrônica na casa da minha mãe, por isso vai demorar um pouco até que ela ouça. Eu digo-lhe que estou bem, que estou com um amigo, e que ligarei depois.

Elijah encontra um filme de Natal na televisão. Nós assistimos em silêncio. Ele come algumas fatias de pizza e aponta para mim. Eu como algumas crostas.

Duas horas e duas pílulas para dormir depois, eu adormeço. Sem Cassie na minha cabeça. Sem fedor de Cassie no meu nariz. Sem facas, sem cadeados, nem mesmo uma única sombra no canto.

Eu tenho crostas de pizza em minha barriga e eu nem quero apunhalá-la.

Eu acordei duas vezes.

Na primeira vez o relógio dizia 1:22 A.M. Eu estou sonhando sobre cavar cinzas. O cabo da pá está tão quente que eu o solto. Abro os olhos. As pílulas deixaram minha cabeça muito pesada para sair do travesseiro.

Elijah está sentado na pequena mesa ao lado da janela, cigarro na boca, as sombras tremeluzentes da televisão iluminando seu rosto. Ele embaralha cartas uma, duas, três vezes. Envolve na mão. Coloca de volta na mesa e embaralha de novo – uma, duas, três vezes. Suas mangas estão enroladas até seus bíceps. A tatuagem homem/monstro em seu antebraço brilha mais brilhante que a ponta do cigarro. Fumaça sobe de sua pele e se pendura acima de sua cabeça como se estivesse em chamas. Elijah se torna o mostro na pele ou o monstro se torna Elijah, eles mudam para frente e para trás tão rápido quanto às cartas sendo dadas na mesa: *flash*, *flash*, *flash*.

Meus olhos escurecem.

Na segunda vez que acordo, o sol está queimando através dos buracos nas cortinas.

Ele se foi.

◂ 059.00 ▸

Eu abro as cortinas. O espaço onde o El Camino estava estacionado está parcialmente amontoado com neve. Parece que ele emperrou duas vezes para sair do estacionamento. Eu deveria ter ouvido os pneus girando, o lamento do motor. Eu teria, se não tivesse tomado aquela segunda pílula.

Ele realmente não se foi. Ele provavelmente foi comprar gasolina e pegar algum café da manhã. Nós deveríamos ter conversado sobre isto ontem à noite. Eu aposto que eu poderia comer metade de um bagel, talvez um pouco de iogurte.

Eu rastejo de volta para debaixo dos cobertores que cheiram a fumaça e caio no sono.

Uma hora da tarde. É Natal, eu acho.

Os arados se foram. Será que ele sofreu um acidente? Será que ele se perdeu?

Eu bebo copos de água quente da torneira até que minha cabeça finalmente limpa. Duas pílulas para dormir é definitivamente um erro por que me fez levar tanto tempo para perceber que o engradado de leite com os cadernos dele está faltando. Assim como suas bolsas de páginas e roupas.

Mas, ele vai voltar. Ele tem que voltar.

Por volta das duas, eu ligo a televisão e tricoto, para frente e para trás, para frente e para trás, fazendo com que os meios nós e as torções que deixam tudo junto nas grandes agulhas. Eu tricoto tarde afora. Eu tricoto razões para Elijah voltar. Eu tricoto desculpas para Emma. Eu tricoto nós de raiva e deslizo pontos para cada erro que eu cometi, eu tricoto pontos molhados, inchados que parecem horríveis. Eu tricoto o sol se pondo.

Eu durmo.

Acordo no escuro, alcanço a luz, levanto para fazer xixi.

Quando volto, eu vejo o pedaço de papel sob minha bolsa. Eu o desdobro. Há uma chave dentro e um bilhete.

L –

Eu sei que você está assombrada, está em seus olhos. Você

tem que prestar atenção as suas visões. Lidar com elas.

Você pode me odiar por roubar o seu dinheiro, mas

não por deixar você para trás. Sua família quer

ajudar. Eles te amam.

Não é certo fugir disso.

Paz,

E.

P.S. – A chave abre o escritório. A máquina

de vendas está destrancada. Não coma os biscoitos

de queijo. Eles são mais velhos que você.

Ele me deixou uma nota de vinte dólares. Para pagar um táxi, eu acho.

Está nevando outra vez. Eu como dois comprimidos e esclareço.

◂ 060.00 ▸

Eles dizem —Coma isso, Lia. Coma isso, por favor. Coma, por favor, só isso, por favor, só uma mordida.

—Por favor.

Os corvos me vigiam, as asas dobradas cuidadosamente atrás deles, famintos olhos amarelos pesando meus pontos fracos. Eles circulam ao meu redor uma, duas, três vezes, as garras fazendo cicatrizes no chão de pedra da igreja.

Eu me enrolo no altar congelado. Eles tremulam perto, penas pretas enchendo minha boca e olhos e ouvidos.

meu corpo

meu quarto de motel

só

Eles se alimentam. Eles arrancam mordidas com seus bicos – uma da minha panturrilha, uma de dentro de meu cotovelo – puxa a carne do osso e voa com o seu tesouro.

◄ 061.00 ►

Leva horas para eu me arrastar para fora do sonho e voltar para a cama no quarto 115. Não, dias. Horas ou dias ou semanas. Eu não posso dizer. Eu não sei quantas pílulas eu tomei.

Tudo dói. Vermes estão roendo meus cortes, através de minhas articulações, dentro de meus feios ossos. Meu coração corre na velocidade de um coelho, e em seguida, deita na lama para hibernar. Se eu tivesse uma faca, eu cortaria profundo o bastante para acabar com este jogo. Eu nem mesmo tenho um garfo de plástico.

Eu pego minhas agulhas de tricô.

Eu poderia.

Se eu realmente quero morrer, agora, nesse exato minuto, neste lugar vazio, eu poderia me apunhalar em uma veia; elas são muito fáceis de ver. Eu poderia entrar na nevasca e deitar na neve e sangrar. Hipotermia e perda de sangue é como ir dormir, como alfinetar o dedo em um espinho ou em um fuso.

Eu poderia.

Uma aranha oscila do abajur. Ela balança em minha direção, roçando em meu rosto, e pousando na cabeceira da cama. Ela dança o fio no lugar e oscila de volta. Denovodenovodenovo. Brincando com o fio de suas pequenas mãos, as pernas cortando através da luz como facas pretas. Sua teia cresce, fio por fio. Cada um estabelece

um caminho para o próximo passo. Primeiro os fios para cima e para baixo, depois os conectando com fios lado a lado. Mais seda, mais tensão, mais lugares para andar, tecendo um mundo feito do interior dela.

Se eu tivesse pernas de senhora aranha, eu iria tecer um céu onde as estrelas se alinhassem. Colchões seriam amarrados apertados a seus caminhões, corpos nunca colidiriam com o para brisas. A lua subiria acima do mar vinho escuro e daria bebês apenas para moças e músicos que tivessem orado muito e bem. Garotas perdidas não precisariam de bússolas ou mapas. Elas encontrariam caminhos de pão de gengibre para levá-las para fora da floresta e para casa novamente.

Elas nunca iriam dormir em caixas de prata com lençóis de veludo branco, não até que fossem avós de papel enrugadas e estivessem prontas para a viagem.

A aranha suspira e canta baixinho para si mesma.

Meu nome é Lia. Minha mãe é Chloe, meu pai é David. E minha irmã, Emma. E, Jennifer.

Minha mãe pode colocar as mãos dentro de peitos abertos de estranhos e consertar seus corações partidos, mas ela não sabe de que tipo de música eu gosto. Meu pai acha que eu tenho onze anos. Sua esposa mantém suas promessas. Ela me trouxe uma irmã que está esperando que eu volte para casa e brinque. Meu nome é Lia.

Meus ossos se arrastam para fora da cama, atravesso o chão até a janela. Eu puxo o cabo que abre as cortinas. O sol está preso perto do chão. Eu não sei para que caminho é o leste. Eu não consigo dizer se é o crepúsculo ou o amanhecer.

Eu me sento. O espelho reflete a luz fraca na janela atrás de mim, e a neve. Eu não posso me ver no vidro. Eu não estou lá. Ou aqui. Eu fecho meus olhos, abro-os. Não faz nenhuma diferença.

Eu viro minha cabeça para o som – ar borbulhando através da água. Meus pulmões. Eu ainda estou respirando. Isso é um bom sinal.

Há uma chance de que eu possa querer viver, depois que eu dormir um pouco.

062.00

Eu acordo no escuro.

O tempo está preso em melaço, melaço derramado em uma tigela. O espelho mostra o exterior escuro. Noite. O sol estava se pondo, e não chegando.

Eu estou no Gateway. 115. O garoto-monstro se foi. Eu pego o telefone: sem tom de discagem. O motel está dormindo, fechado para a temporada.

Meus braços lutam contra os cobertores e meus pés encontram o chão. Eles não estão esperando que eu tome uma decisão. Eles estão indo. Nós estamos indo. O frio se enrosca ao redor de meus tornozelos, faminto para me puxar para o chão. Eu levo um mês para encontrar minha jaqueta. Um ano para laçar as botas.

Pego o tricô. Pego a bolsa. Pego a chave.

Meu coração estremece, molho de cranberry jogado numa lata de lixo.

Dou um passo para fora.

A neve parou. A lua crescente se mantém alta, as estrelas esfregam suas mãos juntas, os dentes batendo. Um vento glacial passa entre os espaços entre minhas costelas e através das pequenas rachaduras em meus ossos. Eu não tenho muito tempo.

Eu me arrasto em direção ao escritório. A porta do 113 está aberta. As luzes estão acesas.

não.

Não pode ser. Tudo está fechado. Tudo está congelado.

não.

sim.

Eu espreito para dentro. Cassie está sentada de pernas cruzadas sobre a cama, um jogo de paciência espalhado sobre o cobertor. Quando eu ultrapasso o limiar,ela joga suas cartas no ar.

—Finalmente!, — ela grita. —Por que você sempre está atrasada? Você se perdeu de novo, certo?

Seu quarto está quente. Um desenho barato passa na TV. Há um prato de biscoitos de gengibre meio comidos na mesa junto com uma garrafa de vodca. Pipoca está estalando no microondas.

Ela me puxa para eu me sentar ao lado dela. —Ok, escute. Os próximos poucos minutos realmente são uma merda. Não há nenhuma maneira de contornar isso, desculpe. Eu tentei fazer o mais fácil que posso.

—Do que você está falando?

Ela ri. —Pare de brincar. Este é um momento sério. Você está atravessando.

—Eu tenho que ligar para meus pais.

—Você não pode.

—O quê? O que está acontecendo?

Ela acaricia meus ombros com dedos de pedra. —Lia, querida? Você está morrendo. Um pouco de tontura, certo? Sente-se terrivelmente esquisita? Seu coração está prestes a parar.

Eu empurro a mão dela. —Eu não quero jogar.

—Você não tem escolha. Este é o seu destino. Está na hora.

Ela me alcança novamente. Finas trilhas de fluxo de névoa vêm de seus dedos e se envolvem ao redor de meus braços. —Relaxe. Não vai doer tanto assim.

—Eu quero ir para casa.

—Olhe para os dois lados antes de atravessar.

—Eu tenho que ensinar a Emma como fazer tricô. Eu prometi.

—Conseguirão um DVD para ela.

—Mas, eu não quero.

Ela fala devagar. —Seus rins falharam algumas horas atrás. A fome mais a desidratação mais a exaustão chegaram a uma quase superdose? Bom trabalho, Lia – Lia. Bom trabalho, de fato. Seus pulmões estão enchendo. Apenas mais alguns minutos. Relaxe.”

Ela se inclina para frente e exala uma coroa de neblina que cai sobre como fumaça de uma fogueira. Meu coração fracassa uma vez. Eu tento respirar. Meus pulmões não se expandem.

Por um momento,um momento de caixão de vidro,eu quero desistir. Congelar. Sangrar. Render-me tornaria mais fácil de engolir. Eu poderia dormir para sempre.

Meu estúpido coração fracassa novamente na lama, não está pronto para hibernar ainda. Mais uma vez, e em seguida, uma terceira batida, mais rápida. Isso acende um pequeno fogo em meu sangue.

Eu balanço meus braços para romper a névoa. —Abra sua boca.

—Hã?

—Se estou morrendo, você tem que ser boa para mim. Vamos lá, Cass, um pequeno favor.

Ela encolhe os ombros e suspira e então abre a boca. Na sua língua encontra-se o disco verde, a ver-vidro nascida dentro de um vulcão e enterrada com ela no solo. Eu a pego.

—Não!, — ela grita.

Tento me levantar, mas minhas pernas não estão ouvindo.

—É minha!. — Ela dá uma tapa em meu braço.

O vidro voa pelo ar e cai sobre o tapete. Nós lutamos uma por cima da outra, corpo e sombra, ossos e tremeluzes. Ela cai mais perto, mas não a vê. Eu chego sob a mesa ao lado, fingindo que está lá. Ela pega a parte de trás de minha jaqueta e me desloca para o lado.

—Ha!, — ela murmura, tateando debaixo da mesa.

Eu passo as pontas de meus dedos pelo tapete até encontrá-la. Metade de sua cabeça está debaixo da mesa. Eu mantenho o vidro no meu olho.

Está suja.

Eu a lambo, chiado de pirulito verde em minha língua. O barulho faz Cassie congelar. Ela se vira enquanto eu a seguro novamente e olho através do cristal cor de folha pela janela, para as estrelas que se alinham acima de nós.

O grito dela está envolto em veludo branco, elegante e abafado.

A luz além de meus olhos cintilacintilacintila com uma centena de futuros para mim. Doutora. Comandante de navio. Guarda-florestal. Bibliotecária. Amada por aquele homem ou aquela mulher ou aquelas crianças ou aquelas pessoas que votaram em mim ou que pintaram minha imagem. Poeta. Acrobata. Engenheira. Amiga. Guardiã. Redemoinho vingativo. Um milhão de futuros – nem todos bons, nem todos longos, mas todos meus.

—Você mentiu!. — Eu digo. —Eu tenho uma escolha.

Cassie cai de volta na cama, fazendo beicinho, os braços cruzados sobre o peito. —É isso mesmo. Deixe-me em paz. Vá ter uma vida de verdade. Sinto muito por estragar.

Eu estendo o vidro. —Olhe através dela. Talvez você possa voltar.

—Não é assim que funciona. Existem algumas leis da física que são reais, você sabe. Não posso mudá-las. Eu estou presa aqui para sempre.

—Presa no meio? Entre os mundos?

—Sim, essa é a clássica definição de um fantasma, não é?

—Você quer estar todo o caminho morta? — eu pergunto.

—Sim. — Ela balança a cabeça, ignorando as lágrimas em seus olhos. —Não. Talvez. Eu vejo uns vislumbres às vezes, como um campo que você pode ver a partir de um avião. Algo sobre isso me lembra de ser criança, quando o mundo era o nosso reino, mas eu não sei por quê.”

Meu coração está balançando uma bandeira vermelha. Eu tenho pressa.

—Rápido, — eu digo. —Diga-me do você mais sente falta.

—O quê?

—Do que você sente falta de quando era viva?

Seus olhos se borram com nuvens de verão. —O som da minha mãe cantando; um pouco fora do tom. A forma com que meu pai ia a todos meus mergulhos e eu podia ouvir o apito quando minha cabeça estava debaixo da água, mesmo que ele gritasse depois comigo para não tentar demais.

Enquanto ela fala, eu me movo lentamente para a porta. Ela não percebe.

—Eu sinto falta de ir à biblioteca. Sinto falta do cheiro de roupa recém seca. Tenho saudades de mergulhar do trampolim mais alto e aterrissar cravando. Eu sinto falta de waffles. Oh. — A cabeça dela se inclina para trás, como se ela estivesse alta em um movimento. Suas extremidades estão desaparecendo. —Oh, isso é maravilhoso, Lia. Nunca pensei em tentar isso, levar as melhores partes comigo.

Eu abro a porta. —Você se sente melhor?

Ela está transparente. —Melhor.”

—Bom. — Meu coração guina.

—Vá para o escritório, — ela diz, seu corpo desaparecendo como uma névoa no sol. —O telefone público na parede ainda funciona. Há moedas na gaveta de cima. Depressa.

—Sinto muito, — eu digo. —Desculpe por não atender.

Os olhos dela brilham como estrelas. —Sinto muito por não ter ligado mais cedo.

063.00

Levo quase o resto de minha vida para chegar ao escritório, mas por que a lua está prestando atenção as minhas visões e as estrelas estão alinhadas, as moedas estão na gaveta e o telefone público funciona.

Eu ligo para minha mãe e lhe dou as instruções para que possa encontrar-me. Eu digo a ela que finalmente estou viva, mas que ela deve se apressar.

Os paramédicos investem em meu coração com suas varinhas de condão enquanto vamos para o hospital. Uma, duas, três vezes.

◂ 064.00 ▸

Dizem-me que eu fiquei dez dias no hospital.

Eu dormi. Sem sonhos.

065.00

Minha terceira visita a New Seasons já é a mais longa, uma maratona, não uma corrida para a saída. Eu ando, principalmente. Paro e sento quando estou cansada. Faço um monte de perguntas. Cada vez em um tempo eu passo um dia ou três com nuvens de tempestade em minha cabeça. Eu me sento mais um pouco, calmamente, até que passem.

Sem jogos desta vez. Não há festas de exercícios na meia noite no banho para mim. Eu não despejo minha comida nas plantas ou as grudo na minha roupa de baixo ou suborno um atendente para mentir sobre meu consumo. Eu evito o drama das meninas que ainda estão até o pescoço na neve, fugindo da dor o mais rápido que conseguem. Eu espero que elas descubram.

A idéia de comer é assustadora. As vozes desagradáveis sempre estão de plantão, ansiosas para me puxar de volta para baixo

:: Estúpida/feia/estúpida/vadia/estúpida/gorda/

estúpida/bebê/estúpida/perdedora/estúpida/perdida ::

mas, eu não vou deixá-las. Eu coloco todas as colheradas na minha boca e tento não contar. É difícil. Eu pego metade de um pãozinho de canela e os números saltam para mim, *boo!* Metade de um bagel (165). O bagel inteiro (330). Duas colheres de sopa cheias de creme de queijo gorduroso (80).

Eu inspiro lentamente. *Comida é vida*. Eu exalo, tomo outra respiração. *Comida é vida*. E esse é o problema. Quando você está

viva, as pessoas podem te machucar. É mais fácil rastejar para uma gaiola de osso ou para um confuso monte de neve. É mais fácil manter todo mundo fora.

Mas, isto é uma mentira.

Comida é vida. Chego na segunda metade do pão e espalho o creme de queijo em ambos. Eu não tenho idéia de quanto estou pesando. Isso me assusta quase até a morte, mas eu estou trabalhando nisso. Eu estou começando a me medir em força, não em quilos. Às vezes, em sorrisos.

Eu leio muito. Emerson, Thoreau, Watts. Sonya Sanchez, ele estava certo, ela é incrível. A Bíblia, algumas páginas. O Bagavadguitá, Dr. Seuss, Santayana. Eu escrevo estranhamente, poesias aleatórias. Nosso chão vai a uma viagem de campo para um restaurante. Eu como waffle com cauda e peço por mais.

Estão me ensinando a jogar bridge. Eu não estou interessada em pôquer. Todas as apostas estão acabadas.

Mamãe e papai e Jennifer visitam. Nós conversamos e conversamos até que a barragem explode e as lágrimas escorrem com um pouco de sangue, por que todos estamos com raiva. Mas, ninguém troveja fora de nossas sessões. Ninguém usa palavras desagradáveis. Nós nos revezamos cavando através de anos de esterco. Às vezes eu acho que minha pele vai explodir em chamas. Estou com raiva deles. Estou com raiva de nós. Estou com raiva por ter matado meu cérebro de fome e de ter sentado tremendo em minha cama à noite, em vez de ir dançar, ou ler poesia, ou comer sorvete, ou beijar um menino ou talvez uma garota com suaves lábios e mãos fortes.

Eu estou aprendendo a ficar com raiva e triste e solitária e alegre e animada e com medo e feliz. Eu estou aprendendo como experimentar tudo.

Desta vez, eu não minto para as enfermeiras. Eu não discuto com elas ou jogo alguma coisa ou grito. Eu discuto com os médicos por que eu não acredito na marca de magia deles, não cem por cento, e é algo que eu preciso falar. Eles escutam. Tomam notas. Sugerem que eu escreva o que isso parece para mim. Pelo menos eles não pensam que eu sou louca por que vejo fantasmas.

Meu cérebro se mexe e boceja quando eles tiram os loucos doces. Ele cresce quando eu o alimento.

Outra página é virada no calendário, é abril agora, não março. A Drª. Parker visita. Ela e a equipe de internação estão montando juntos, um plano de transição para mim para que eu possa mudar da Lia de hospital para a Lia de verdade.

—Quem se importa se chamamos isso de depressão ou assombração? — pergunta ela. —Você não se cortou desde que chegou aqui. Você está falando. Você está comendo. Você está florescendo. Isso é tudo que importa.

Os pais de Cassie aparecem no dia que os crocos [tipo de planta] abrem. Nós choramos.

Eu sinto tanta falta de Cassi que só consigo pensar nela com suspiros curtos e tristes. Ela aparece de vez em quando, mas

raramente diz algo. Principalmente, ela me observa tricotar. Eu estou fazendo um suéter para minha mãe.

Eu escrevo uma carta todo dia para Emma. Quando finalmente a deixam vir, ela me traz um cartão de boas vindas assinado por toda sua turma. Ela está sem gesso, mas ela não quer jogar softball. Lacrosse é um esporte legal nesse ano.

O abraço dela me deixa forte o suficiente para carregar o mundo em meus ombros. Ela quer que eu volte logo. Eu estou quase pronta.

Eu estou girando os fios de seda da minha história, tecendo o tecido do meu mundo. A pequena elfa dançarina se tornou uma boneca de madeira cujas cordas eram puxadas por pessoas que não prestavam atenção. Eu saí de controle. Comer era difícil. Respirar era difícil. Viver era mais difícil ainda.

Eu queria engolir as amargas sementes do esquecimento.

Cassie, também. Nos inclinamos uma sobre a outra, perdidas no escuro e vagando em círculos intermináveis. Ela ficou muito cansada e foi dormir. De alguma forma, eu me arrastei para fora do escuro e pedi ajuda.

Eu fio e teço e tricoto minhas palavras e visões até que uma vida começa a tomar forma.

Não há nenhuma cura mágica, não há como fazer tudo ir embora para sempre. Há apenas pequenos passos para cima; um dia mais fácil, um riso inesperado, um espelho que não importa mais.

Eu estou descongelando.

AGRADECIMENTOS

Eu viajei para a terra das Garotas de Vidro por causa das incontáveis leitoras que escreveram e falaram para mim sobre suas lutas com transtornos alimentares, auto-mutilação, e se sentir perdida. A coragem e honestidade delas me colocaram no caminho para encontrar Lia e ajudar-me a entender seu quebrantamento. Enquanto a história de Lia não é baseada em nenhuma pessoa viva, ela foi inspirada por essas leitoras e eu as agradeço.

Dra. Susan J.Kressly, de Doylestown, Pensilvânia, é uma pediatra extraordinária, uma madrasta maravilhosa para minhas filhas, e uma amiga muito boa. Sue me instigou durante anos a abordar o tema dos transtornos alimentares e me forneceu comentários valiosos sobre os primeiros rascunhos do manuscrito. Eu aprecio tanto a instigação quanto a ajuda. Este livro não teria sido escrito sem ela.

A psicoterapeuta Gail Simon que se especializou no tratamento de pacientes com transtornos alimentares em Buckingham, Pensilvânia, por vinte e três anos, além de trabalhar em um centro de tratamento residencial para casos de distúrbios alimentares por quase duas décadas. Gail graciosamente leu o manuscrito para se certificar de que o físico de Lia e a deterioração psicológica foram descritas com precisão. Eu estou muito grata pela ajuda dela.

É preciso uma aldeia para criar um livro, também. Minha aldeia fica no alto de uma construção na baixa Manhattan que contem os escritórios da Penguin Books. Eu sou uma autora muito feliz por estar trabalhando com a brilhante editora Joy Peskin. Suas

perguntas gentis e olho afiado ajudaram a trazer a história de Lia para um foco mais nítido para mim, e seu apoio moral ajudou-me a orientar-me durante as tempestades de dúvidas. Muito obrigada também a Regina Hayes, presidenta e publicadora da divisão Viking da Penguin, que é uma heroína para mim, de mais maneiras que eu posso contar. A editora de cópia Susan Casel me salvou do constrangimento público. Eu a agradeço por não ter tido um colapso durante as peculiaridades estilísticas do texto. Obrigada à revisora Shelly Perron e a editora produtora executiva Janet Pascal por ajudar meu texto caminhar direito nas estreitas regras de gramática e coerência.

A equipe de design da Penguin Linda McCarthy, Natalie Sousa, Dani Delaney, e Nancy Brennan obtêm todo o crédito e minha profunda gratidão por criar este belo livro. A imagem da capa é uma fotografia tirada pelo jovem e extremamente talentoso Alexandre Denomay de Montreal, Canadá. Agradeço-lhe por compartilhar seus dons com minha história.

Greg Anderson, meu primeiro marido (agora casado com a Dra. Sue, veja acima) e ainda meu amigo, geralmente me ajuda a procurar em meu manuscrito por erros gramaticais. Ele não teve a chance de fazer isso com *Garotas de Vidro*, e eu o prometi que gostaria de mencionar isso. Se você encontrar um erro de gramática, por favor, saiba que não é culpa de Greg.

Minhas leitoras iniciais, Genevieve Gagne-Hawes, minhas filhas Stephanie e Meredith Anderson, Allison Sands, e Maria Grammer, todas ofereceram valiosas sugestões e apoio. Meredith e Allison, responderam a história de uma maneira que é o sonho de cada autora. Obrigada também aos meus filhos, Jessica e Christian Larrabee, pelo muito encorajamento e por manter a música baixa enquanto eu tentava desvendar tramas.

Escrever livros como este, muitas vezes leva uma autora a entrar em um lugar entre a realidade e a imaginação. É por isso que precisamos de pessoas práticas, que estão firmemente ancoradas no mundo real. Obrigada Amy Berkower, e todos na Writers House, por manter a linha dos detalhes e me permitir vagar nas florestas de minha mente. Na verdade, eu sou uma autora afortunada, por que Amy tanto é uma amiga muito estimada quanto minha agente.

Este livro não teria sido escrito sem a força e o amor de meu marido, Scot. Eu não tenho palavras para explicar o quão importante é sua presença para minha escrita. Eu acredito que ele pode ver a profundidade de minha gratidão quando ele olha nos meus olhos.

E finalmente, um reconhecimento tardio.

Me foi concedida uma bolsa para Manlius Pebble Hill School em Dewit, Nova Iorque, quando eu estava na oitava série. Eu não sei por que me deram-na. Eu era uma estudante de baixo impacto que passava a maior parte do tempo sonhando acordada na fila de trás. Alguém, em algum lugar, deve ter visto potencial em mim, mas isso pode ter sido um erro de escritório. Seja qual for o motivo, me foi dada uma significante taxa de assistência escolar e se passou o ano mais importante em minha educação naquela boa escola.

Meu professor de inglês em MPH, era um senhor idoso chamado David Edwards. Ele estava perto da aposentadoria após passada uma longa carreira ensinando garotos em uma academia militar. Uma combinação aluna-professor mais improvável não podia ser imaginada. O Sr. Edwards me ensinou mitologia grega, estilo 'velha escola'. Ele encheu minha cabeça com histórias de deuses, mortais, magia, e transformou o que seria minha base para

minha vida de escritora. Lamento que ele tenha morrido antes que eu pudesse dar-lhe um de meus livros.

Eu suspeito ter frustrado o Sr. Edwards, por que ele não achava que eu prestava atenção na aula. Mas, eu prestava. Eu sempre estarei em dívida com ele por ensinar-me.

SOBRE A AUTORA

Laurie Halse Anderson nasceu em 23 de outubro de 1961, em Postdam, Nova Iorque. Anderson é uma autora estadunidense contemporânea, que escreve para crianças e jovens adultos. Seus livros abordam temas polêmicos, como estupro, questões familiares, questões corporais e distúrbios alimentares, e altas pressões acadêmicas. Anderson leva muito a sério a escrita, embora muitas vezes deseje escrever sobre temas mais leves.

A autora tem quatro filhos e escreve desde 1992.

Seus principais trabalhos são:

Speak

Fever, 1793

Catalyst

Twisted

Wintergirls

ATENÇÃO: ESTA É UMA TRADUÇÃO NÃO-OFICIAL, PORTANTO PODE ESTAR DIFERENTE DA TRADUÇÃO DA EDITORA NOVO CONCEITO QUE PUBLICOU O LIVRO NO BRASIL COM O TÍTULO DE *GAROTAS DE VIDRO*.

Tradução: MandyVic

Revisão: MandyVic